

Jeyller Henrique Rosa de Araújo

**A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM
ESPORTES E ATIVIDADES DE LAZER NA NATUREZA NO
ENTORNO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE/MG**

**Belo Horizonte
2012**

Jeyller Henrique Rosa de Araújo

**A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM
ESPORTES E ATIVIDADES DE LAZER NA NATUREZA NO
ENTORNO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE/MG**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lazer. Linha de pesquisa: Lazer, Formação e Atuação Profissional.

Orientadora: Profa. Dra. Christianne Luce Gomes

**Belo Horizonte
2012**

A663f Araújo, Jeyller Henrique Rosa de
2012 A formação de profissionais que atuam com esportes e atividades de
lazer na natureza no entorno da cidade de Belo Horizonte/MG. [manuscrito]
/Jeyller Henrique Rosa de Araújo– 2012.
132 f., enc.:il.

Orientadora: Christianne Luce Gomes

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola
de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 122-130

1. Lazer – Teses. 2. Formação profissional – Teses. 3. Belo Horizonte-MG
I. Gomes, Christianne Luce. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola
de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8 (815)

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação
Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação intitulada ***A formação de profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza no entorno da cidade de Belo Horizonte/MG*** de autoria do mestrando **Jeyller Henrique Rosa de Araújo** defendida e aprovada em 22 de junho de 2012, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Christianne Luce Gomes

Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (Orientadora)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Ivana Cristina Lovo

Profa. Dra. Ivana Cristina Lovo
Universidade Federal de Santa Catarina

Silvio Ricardo da Silva

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

*Dedico este trabalho aos meus pais,
Jovelina (in memoriam – sempre presente) e José Bonifácio:
exemplos que me ensinaram a ser quem sou...
A minha esposa, Milene: companheira de todos os momentos,
super mãe, uma fortaleza nos momentos de minha ausência...
A meus filhos Betina e Caio, que tornam tudo em minha vida
mais agradável e divertido. Amo todos vocês!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu forças durante esta trajetória.

Aos meus familiares, agradeço o amor, o carinho e a torcida para que eu realizasse esse sonho.

Agradeço especialmente à minha orientadora e professora, Dra. Christianne Luce Gomes, a confiança, a amizade e a disponibilidade em ajudar, principalmente nos momentos difíceis de conciliação da minha vida profissional com a acadêmica, e as valiosas lições que aprendi com seu conhecimento, competência e olhar crítico. Obrigada por tudo, Chris!

Aos Professores Silvio Ricardo da Silva e Ivana Cristina Lovo, que aceitaram o convite para participar da banca e contribuíram com a finalização deste trabalho.

Aos Professores Hélder Ferreira Isayama, da UFMG, e Ricardo Ricci Uvinha, da Universidade de São Paulo, que avaliaram o projeto inicial e cujas indicações de leituras enriqueceram muito esta pesquisa.

Aos profissionais que atuam com o lazer na natureza pela colaboração, especialmente aos dezesseis voluntários que, com suas vozes, fizeram parte da pesquisa.

A todos os professores do curso de mestrado, em especial: Walter Ernesto Ude Marques, José Alfredo Oliveira Debortoli e Marcus Aurélio Taborda de Oliveira.

À Cinira, pela competência e eficiência no CELAR.

Aos colegas do Mestrado, discentes e docentes, que me oportunizaram boas discussões e reflexões.

Aos Professores Túlio Max e Rodrigo Elizalde, pelos convites para desenvolver atividades teórico-práticas de lazer na natureza e esportes de aventura com graduandos da Educação Física e do Turismo na UFMG.

Ao amigo Marcelo Braga, pelo incentivo durante nossas conversas na *Das Pedras*.

Ao amigo de trabalho Marcos Augusto Paes Barreto Borges, pelo imensurável e “*estúpido*” apoio, que me possibilitou alcançar esta vitória, e também à atitude contrária de outros, que aumentaram e valorizaram ainda mais minha determinação.

Ao amigo Kássio Vinicius Castro Gomes (*in memorian*) pelas dicas, empréstimo de livros e incentivo para ingressar no Mestrado: sempre me lembrarei de você, meu caro.

A todos os amigos e colegas que torceram por mim.

Muito obrigado!

RESUMO

Amplia-se, no cotidiano brasileiro, a prática de esportes e atividades de lazer na natureza no entorno dos centros urbanos. O crescimento por esse tipo de vivência suscitou questionamentos: qual a formação dos profissionais que atuam com vivências de lazer na natureza no entorno de Belo Horizonte? O que eles entendem por lazer e quais são as suas percepções da natureza? De que maneira, como, quando e por que a temática do lazer integrou a sua formação e/ou sua atuação profissional? Foi necessário complementar a formação teórico-prática para atuar com esportes e atividades de lazer na natureza? Em caso afirmativo, de que maneira isso aconteceu ou vem sendo realizado? Assim, esta pesquisa teve como objetivos: (a) Identificar profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza no entorno de Belo Horizonte/MG, procurando compreender como e por que eles optaram por esse campo de atuação; (b) Discutir quais são as percepções da natureza e os entendimentos de lazer desses profissionais, e (c) Analisar a formação desses profissionais, tendo em vista entender de que maneira, quando e por que a temática do lazer integrou esse processo. Foi constatado que a formação dos profissionais entrevistados é diversificada, não se restringiu à formação acadêmica inicial e vem sendo complementada com variadas dimensões, tais como familiares, culturais e sociais. Verificou-se que o entendimento de lazer dos entrevistados, por um lado, evidencia características presentes em conceitos elaborados por autores, mas, por outro, reforça algumas características funcionalistas vigentes no senso comum. A percepção do grupo quanto à natureza destaca a sua importância, mas ainda carece de um entendimento mais profundo acerca da integração do homem com o meio ambiente, visando à sustentabilidade. A temática do lazer integrou a formação e/ou atuação profissional do grupo de forma parcial, deixando algumas lacunas, por isso os entrevistados afirmaram que foi preciso complementar a formação para atuar com esportes e atividades de lazer na natureza. Grande parte dos profissionais pesquisados considera que, nesse campo, a prática é mais importante do que a teoria, evidenciando uma visão dicotômica que negligencia a indissociabilidade entre elas. Foi também evidenciado que, para o grupo, o conhecimento técnico é o mais relevante para atuar nesse âmbito. Apesar de ser importante, esse tipo de conhecimento pode ser ampliado e inter-relacionado com outros saberes essenciais para qualificar a formação e a atuação profissional. Espera-se que esta investigação seja mais uma contribuição para o estudo dos esportes e atividades de lazer na natureza, auxiliando a construção/consolidação desse campo.

Palavras-chave: Lazer, formação profissional, natureza, esportes na natureza.

ABSTRACT

It is increasing, in the Brazilian daily life, the practice of sports and recreational activities in nature in the surroundings of urban centers. The growth in this type of experience has raised questionings: What is the educational level of professionals working with recreation experiences in nature in the surroundings of Belo Horizonte city? What do they mean by recreation and what are their perceptions of nature? In which way, how, when and why the theme of recreation integrated their education and/or their professional activities? Was it necessary to complement the theoretical and practical education in order to work with sports and recreational activities in nature? If so, how did this happen or is being done? Thus, this research aimed at: (a) identifying professionals who work with sports and recreational activities in nature in surroundings of Belo Horizonte / MG, trying to understand how and why they chose this field of activity; (b) discussing the perception and understanding these professional have about nature; and (c) analyzing their training and educational level in order to understand how, when and why the theme of leisure joined the process. From the methodological point of view, this qualitative study included literature research and semi-structured interviews with fifteen professionals who work with recreation in nature. It was found that the education of the professionals interviewed is diversified, not restricted to their initial academic formation and has been complemented in several dimensions, such as family, culture and social. It was found that the understanding of recreation from the interviewees, in one hand, shows characteristics presented on concepts developed by authors, but, on the other hand, reinforces some functionalist characteristics prevailing in common sense. The perception of the nature of the group highlights its importance, but still needs a deeper understanding on the integration between man and the environment for sustainable development. The theme "recreation" partially integrated education and/or professional practice of the group, leaving some gaps, so the interviewees said it was necessary to supplement their education in order to work with sports and recreational activities in nature. Most professionals surveyed consider that, in this field, practice is more important than theory, showing a dichotomy view that overlooks the inseparability between the two. It was also shown that, for the group, the technical expertise is most relevant to work in this area. Though it is important, this kind of knowledge can be extended and interrelated with other kinds of knowledge which are essential to qualify the professional education and work. It is expected that this research is a further contribution to the study of sports and recreational activities in nature, helping to build/consolidate this field.

Keywords: Recreation, professional education, nature.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Área de formação acadêmica dos profissionais analisados.....	73
GRÁFICO 2 – Principais lacunas evidenciadas pelos profissionais pesquisados..	94
GRÁFICO 3 – Motivos do envolvimento profissional com esportes e lazer na natureza	100
GRÁFICO 4 – O que os quinze profissionais julgam ser fundamental para atuar com lazer na natureza.....	105
GRÁFICO 5 – Os dez fatores considerados mais importantes para atuar após a experiência da vivência profissional com o lazer na natureza no entorno de Belo Horizonte/MG	109
GRÁFICO 6 – Tipos de atividades de lazer em que os profissionais pesquisados atuam	111
GRÁFICO 7 – Atividade profissional principal dos sujeitos pesquisados	112

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	16
3 METODOLOGIA	17
4 CAPÍTULO 1 – ESPORTES E ATIVIDADES DE LAZER NA NATUREZA ...	20
4.1 Lazer e esporte: concepções básicas	20
4.2 Esportes e atividades de lazer na natureza: algumas vivências	26
4.2.1 <i>Caminhada Ecológica</i>	30
4.2.2 <i>Trekking</i>	32
4.2.3 <i>Corrida de Orientação</i>	35
4.2.4 <i>Mountain Bike</i>	37
4.2.5 <i>Técnicas Verticais</i>	42
4.2.6 <i>Atividades Aquáticas</i>	47
4.2.7 <i>Corridas de Aventura</i>	48
4.3 Vertentes do lazer na natureza e indícios do perfil dos praticantes	52
5 CAPÍTULO 2 – FORMAÇÃO PROFISSIONAL	59
5.1 A formação profissional no campo do lazer na natureza	59
5.2 A teoria e a prática em uma articulação reflexiva e crítica	63
6 CAPÍTULO 3 – A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM LAZER NA NATUREZA NO ENTORNO DE BELO HORIZONTE, MG	72
6.1 A percepção da natureza.....	76
6.2 Compreensões de lazer dos profissionais pesquisados	86
6.3 Formação e atuação profissional: influências, avanços e possíveis lacunas	91
6.4 Reconhecimento profissional: alguns limites para o campo.....	111
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	122
APÊNDICES	131

1 INTRODUÇÃO

Quando sentei para escrever estas linhas, me dei conta de uma diferença entre a prática da escalada esportiva e das modalidades de escalada clássica e big wall. Na primeira, o rapel está associado ao desmonte do top rope, ou seja, com a retirada dos equipamentos que estão na via, não existe comemoração no cume, porque normalmente não existe cume a ser alcançado. Diferentemente, na escalada clássica ou no big wall, na quase totalidade das vezes atinge-se o cume e é comum comemorar esse fato; no entanto, entre os escaladores existe sempre um para recordar que a escalada só termina na base da via, afinal o grande índice de acidentes ocorre nesse momento, quando a emoção da conquista do cume por vezes diminui o nível de atenção. (GOMES, 2009, p. 97).

As palavras expressas nessa citação indicam, na presente pesquisa, a possibilidade de dar continuidade aos estudos que envolvem os esportes e as atividades de lazer na natureza e que foram iniciados, no Mestrado em Lazer da UFMG, pelo saudoso e querido amigo Kássio Vinicius Castro Gomes.¹ Esta pesquisa representa, assim, um novo ponto de partida para ampliar a busca da qualificação acadêmica nas questões relacionadas ao lazer na natureza, abrindo novas possibilidades de pesquisas.

Desde a década de 1970, Dumazedier (1980, p.11) já constatava a tendência do aumento da preferência das pessoas pelas “atividades esportivas ao ar livre”, praticadas em espaços abertos, junto à natureza, inclusive no meio aquático, “em oposição aos locais fechados”.

Com o advento das sociedades urbanas, o cotidiano vem sendo perpassado pelo tensionamento que o sujeito produz nas suas relações com os tempos e espaços na cidade. A prevalência do mundo do trabalho, somando-se à falta de espaços específicos para o lazer e aos problemas sociais gerados pela violência, comuns aos

¹ Iniciando esta pesquisa, não poderia deixar de prestar uma homenagem ao Professor Kássio Vinicius Castro Gomes, que, de forma trágica, no ano de 2010, durante o exercício do magistério superior, foi afastado de nosso convívio. Gostaria de expressar a irreparável perda que até os dias de hoje nos deixa perplexos. Foi relevante a contribuição do amigo Kássio para a realização desta pesquisa, porque ele foi um dos meus incentivadores a buscar o Mestrado em Lazer. O escalador Kássio, que, de forma determinada e alegre, sempre enfrentou as rotas da vida, deixou para todos nós um exemplo de perseverança e superação das dificuldades. Sua passagem por esta vida foi significativa, e em espírito estará sempre presente entre todos que o conheceram. Da mesma forma que ele fez em seu trabalho, com muita atenção, vou “rapelando na direção da base da via.” (Gomes, 2009, p. 97).

centros urbanos, muitas vezes impõe ao sujeito uma rotina que restringe suas vivências de lazer dentro da cidade. Segundo Serrano e Bruhns (1997), a realidade das grandes cidades e o estresse do cotidiano têm gerado uma demanda cada vez mais crescente por atividades em ambientes naturais.

Assim, juntamente com o crescimento da busca por experiências de lazer na natureza verificado nas últimas décadas, multiplicou-se exponencialmente a oferta de atividades, equipamentos, serviços e lugares para essas vivências. Geralmente, essas opções estão localizadas próximo aos centros urbanos e acabam servindo de válvula de escape das tensões geradas no cotidiano da cidade. Normalmente os grupos de indivíduos interessados pelas vivências de lazer na natureza se organizam por vínculos e interações sociais presentes no seu dia a dia. “Nesse sentido, pode-se pensar a busca da natureza e de seus lugares longínquos como uma possibilidade atual.” (MARINHO e BRUHNS, 2003, p. 32).

Considerando essa realidade, uma nova geração de autores vem pesquisando sobre esportes e atividades de lazer na natureza e trazendo contribuições para os estudos dessa temática, tais como: Marinho e Bruhns (2003), Tahara e Schwartz (2003), Roos (2003), Uvinha (2005 e 2009), Serrano e Bruhns (1997), Dias e Alves Júnior (2009), dentre outros, que vêm apresentando trabalhos, publicando artigos e organizando obras de relevância para o aprofundamento de conhecimentos sobre o assunto.

Uvinha (2009) sublinha que o tema já está se concretizando nos lançamentos editoriais e que tem o segmento no centro da discussão. O autor esclarece que “são artigos em periódicos indexados, comunicações em eventos temáticos, trabalhos de conclusão de curso na graduação, monografias de especialização, dissertações de mestrado ou ainda teses de doutorado” (p. 73).

Considerando alguns estudos desenvolvidos sobre a temática na Revista *Licere*, é importante ressaltar que foram identificados dezoito trabalhos que focalizam as palavras ‘atividades’, ‘esportes’ ou ‘lazer’ na natureza. Assim, foi possível constatar

que, em trinta edições já publicadas² de 1998 até a terceira edição de 2011, foram encontrados quatorze artigos, dois resumos de pesquisas, um texto publicado na seção “Múltiplos Olhares” e uma resenha. Todos os volumes pesquisados variaram de um a quatro números anuais, e em quatorze edições não foi feita nenhuma referência ao lazer ou esporte na natureza (v.1; v.2; v.6; v.7; v.8; v.10; v.11; v.12/n1; v.12/n2; v.12/n4; v.13/n1; v.13/n3; v.13/n4, v.14/n3), evidenciando que nesse periódico, no período compreendido, houve uma lacuna de publicações que tratassem do tema.

Entretanto, foi também possível identificar algumas pesquisas que abordam o perfil dos praticantes das vivências de lazer na natureza, como nos trabalhos: *Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida* (TAHARA e SCHWARTZ, 2003) e *Pesquisa sobre perfil de corredores de aventura* (ROOS, 2003). Ambos são fontes de consulta que abordam diversos aspectos como faixa etária, grau de instrução, atividade profissional, condição econômica, tempo disponível para o lazer na natureza, preferências de atividades, além de outros parâmetros que geraram inquietações sobre a formação dos profissionais que atuam nesse campo.

Lauro e Danucalov (2005), ao apresentarem um estudo de lazer na natureza que analisou os *esportes de prancha*³, afirmaram o seguinte:

[...] cresce de forma acentuada a abordagem dos esportes praticados com prancha em escolas de iniciação, aperfeiçoamento e competição em diversos locais. Entretanto, a grande maioria dessas escolas não tem profissionais especificamente preparados para desenvolver suas atividades com segurança e competência, sinalizando que em termos de atuação profissional na área de esportes de prancha, a profissionalização dos que trabalham no setor não acompanhou o ritmo de crescimento de tais práticas. (p. 18-19).

A abordagem do autor demonstrou a realidade de uma prática específica em ambientes naturais há mais de cinco anos. Será que, com as demais possibilidades

² (LICERE, v. 1, n.1 de 1998 até v. 14, n. 3 de 2011).

³ É um capítulo da obra: *Turismo de Aventura: reflexões e tendência* (UVINHA, 2005a), intitulado “O Elemento Aventura no Meio Universitário: a formação acadêmica pelos esportes de prancha”, de autoria de Flávio Antonio Ascânio Lauro e Marcello Árias Dias Danucalov. Os autores esclarecem que os esportes com prancha são: *skate, surf, bodyboarding, wakeboarding, windsurf, snowboarding*, entre outros.

de lazer na natureza, a atuação profissional acompanha essa lógica? Ou possui uma qualificação focada no desempenho profissional?

Essas indagações emergiram também da experiência propiciada pela minha inserção no campo do lazer, sobretudo, estudando e atuando com esportes e atividades de lazer na natureza. Além das vivências pessoais, essa experiência fomentou um processo reflexivo sobre profissionais que atuam com o lazer na natureza. Particularmente no entorno de Belo Horizonte, é possível identificar o desenvolvimento de inúmeros esportes e atividades de lazer na natureza, tais como: *trekking*, *mountain bike*, *técnicas verticais* e *corridas de aventura*. O número de praticantes dessas vivências tem aumentado, evidenciando novas possibilidades profissionais para aqueles que se interessam em atuar nesse âmbito.

Com isso, foram formulados alguns questionamentos que guiaram esta pesquisa: quem são os profissionais que atuam com vivências de lazer na natureza no entorno de Belo Horizonte? Qual a formação desses profissionais? O que eles entendem por lazer e quais são as suas percepções da natureza? De que maneira, como, quando e por que a temática do lazer integrou a sua formação e/ou sua atuação profissional? Foi necessário complementar a formação teórico-prática para atuar com esportes e atividades de lazer na natureza? Em caso afirmativo, de que maneira isso aconteceu ou vem sendo realizado?

Investigar essas questões foi fundamental para compreender algumas facetas da temática da formação dos profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza, um campo emergente e, como mencionado, ainda carente de estudos sistematizados. Assim, embora a temática esteja alcançando uma valorização cada vez maior no cotidiano, a produção teórica no Brasil é relativamente nova e muitas vezes marcada pela falta de reflexões mais aprofundadas com embasamento teórico-metodológico e pesquisas consistentes – ainda mais considerando-se a questão da formação dos profissionais que atuam com essas vivências.

Por isso, ampliar o entendimento acerca da formação dos sujeitos responsáveis pela gestão, condução e organização de lazer na natureza no entorno da cidade de Belo

Horizonte/MG torna-se imprescindível para compreender como é a composição profissional desse campo de atuação e poderá contribuir com alguns estudos desenvolvidos por autores que pesquisam o tema. Além disso, investigar as atividades voltadas para o lazer na natureza possibilita compreender a influência que a formação dos profissionais que disponibilizam esse tipo de vivência tem sobre a atuação profissional.

Um estudo que abarque tais questões assume caráter relevante na medida em que ainda é incipiente a literatura sobre a temática, seja no Brasil ou em outros países, o que demanda a realização de pesquisas mais consistentes sobre os diferentes aspectos relacionados aos esportes e atividades de lazer na natureza. Assim, os resultados podem contribuir para redirecionar ações no que tange à formação dos profissionais que atuarão nesse campo. Pode, ainda, significar uma ampliação do interesse pela multiplicidade de vivências esportivas e de lazer na natureza, trazendo à tona elementos que contribuam para se entender a formação de profissionais que atuam nesse âmbito, além de colaborar com os estudos que envolvem esse campo de pesquisa.

2 OBJETIVOS

Na presente pesquisa tendo como referência a realidade dos profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza no entorno de Belo Horizonte/MG, foram definidos os seguintes objetivos:

- Identificar profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza no entorno de Belo Horizonte/MG, procurando compreender como e por que eles optaram por esse campo de atuação.
- Discutir quais são as percepções da natureza e os entendimentos de lazer desses profissionais.
- Analisar a formação desses profissionais, tendo em vista entender de que maneira, quando e por que a temática do lazer integrou esse processo.

3 METODOLOGIA

Este estudo orienta-se a partir dos aportes da pesquisa qualitativa, que, de acordo com Lüdke (1986, p. 18), desenvolve-se “numa situação natural, é rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

O percurso metodológico envolveu, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica que balizou a compreensão acerca do lazer na natureza e formação profissional. Esse recurso tem como fontes a identificação e análise de livros, artigos, dissertações e teses relacionadas às temáticas centrais da pesquisa, entre outras possibilidades.

Para complementar e enriquecer a pesquisa bibliográfica foi escolhida a entrevista semiestruturada, por ser uma estratégia metodológica interessante para fornecer elementos necessários ao processo de investigação e análise do problema estudado, cujos passos serão detalhados a seguir.

O procedimento para definir os voluntários da pesquisa a serem entrevistados foi realizado considerando basicamente os seguintes critérios: (a) atuar profissionalmente com esportes e atividades de lazer na natureza no entorno da capital mineira; (b) ter incidência na mídia especializada dedicada ao esporte e às atividades na natureza, tais como jornais, revistas, *sites* ou programas de televisão; e (c) aceitar participar voluntariamente da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Assim, o primeiro passo foi identificar – através da mídia televisiva, escrita e digital –, os profissionais ou empresas que atuaram profissionalmente com esportes e atividades de lazer na natureza próximo a Belo Horizonte/MG, em um raio de até 100 quilômetros, em um período contínuo de cinco anos, de 2006 a 2010, com certa regularidade, ou que tivessem organizado eventos, cursos ou roteiros nesse âmbito. No levantamento inicial, identificaram-se vinte empresas ou profissionais. Após um contato preliminar por telefone, e posteriormente por *e-mail*, foram selecionados quinze profissionais que atuam profissionalmente com lazer na natureza para serem

entrevistados. Assim que eles concordaram livremente em participar e assinaram o TCLE, em comum acordo, foram escolhidos o local e a data para a realização das entrevistas.

Laville e Dionne (1999) esclarecem que, na entrevista semiestruturada, "a preparação prévia das questões não limita a plena liberdade quanto à retirada eventual de algumas perguntas, à ordem em que estas perguntas estão colocadas e ao acréscimo de perguntas improvisadas." (p. 188). As questões abordadas durante a entrevista foram apresentadas em um roteiro semiestruturado e esta escolha deu-se por permitir maior espontaneidade e liberdade aos sujeitos envolvidos, possibilitando redefinir os questionamentos e acrescentar outros à medida que são recebidos os dados, de forma a enriquecer a investigação (TRIVIÑOS, 1987).

Sendo assim, foram realizadas e analisadas as entrevistas de quinze voluntários(as) que atuam profissionalmente com atividades de lazer na natureza no entorno da capital mineira⁴. As entrevistas foram realizadas pessoalmente, gravadas e transcritas na íntegra, sendo fornecidas informações relativas à pesquisa sempre que solicitadas pelos voluntários. Para preservar o anonimato dos entrevistados, seus nomes não foram identificados na pesquisa. Para isso, a estratégia adotada foi numerá-los na ordem crescente, de acordo com a ordem de realização das entrevistas (Voluntário 1, 2, 3...). Para diferenciar os depoimentos dos entrevistados das citações dos autores, os trechos transcritos das entrevistas foram destacados neste trabalho sempre em itálico.

A partir da interpretação, as informações foram divididas em categorias de análise, de acordo com os objetivos propostos para o estudo. Os dados coletados passaram por análise de conteúdo, privilegiando a estratégia denominada construção interativa de uma explicação, proposta por Laville e Dionne (1999). Nesse processo, a análise é construída pouco a pouco por meio de reflexão e interpretação dos dados coletados durante todo o percurso de pesquisa. Esse tipo de estratégia não supõe a

⁴ Para verificar a clareza e pertinência das perguntas, foi realizada uma primeira entrevista com um voluntário que atua profissionalmente com lazer na natureza principalmente no Estado de São Paulo, fazendo coberturas fotográficas e jornalísticas sobre Corridas de Aventura. Assim, foram realizadas ao todo dezesseis entrevistas, mas, esta primeira foi efetuada com o objetivo de fazer ajustes e aprimoramentos no roteiro da entrevista, não sendo, portanto, considerada no conjunto das quinze entrevistas analisadas na pesquisa.

presença prévia de um ponto de vista teórico e convém particularmente aos estudos em que não são elaboradas hipóteses, mas sim questões norteadoras, como foi o caso da presente pesquisa. Após a análise e interpretação dos dados, foi redigido o texto que constituiu a dissertação de mestrado.

Para alcançar os objetivos deste estudo, esta dissertação foi dividida em três partes. No primeiro capítulo, a discussão sobre o lazer e as vivências na natureza aborda algumas concepções sobre o lazer consideradas como necessárias para se compreender a interlocução desse campo multidisciplinar com a realidade vigente, e ainda sua articulação com o campo de atuação profissional. Foi importante pesquisar as principais vivências de lazer na natureza para compreendermos melhor o campo de atuação desses profissionais. Foram exploradas também algumas vertentes que essa temática contempla, visando distinguir a variedade de ramificações proporcionadas pelos esportes e atividades de lazer na natureza. Foram detalhadas, assim, algumas opções de esportes e atividades de lazer na natureza que vêm sendo disponibilizadas por profissionais atuantes nesse âmbito no entorno da capital mineira.

No segundo capítulo foi feita uma discussão sobre a formação profissional no campo do lazer. Esses fundamentos possibilitaram o desenvolvimento de uma visão mais ampliada sobre a temática, e, para complementar, foram feitas reflexões críticas sobre a articulação entre a teoria e a prática.

O terceiro e último capítulo abordou a formação dos profissionais que atuam com lazer na natureza no entorno de Belo Horizonte/MG, procurando verificar a realidade da formação desse campo profissional e articulando o referencial teórico construído nos dois primeiros capítulos com os dados obtidos por meio das entrevistas. Os resultados foram baseados nos depoimentos de quem está atuando nesse campo e do embasamento teórico dos estudiosos do lazer em variadas dimensões. Foram ainda levantados indícios sobre o perfil dos profissionais que atuam nesse âmbito e identificadas as concepções que esses profissionais têm sobre o lazer, bem como, a percepção e a relação deles com a natureza e questões sobre suas formações e atuações. Os temas aqui tratados foram entrelaçados nas Considerações Finais.

4 CAPÍTULO 1 – ESPORTES E ATIVIDADES DE LAZER NA NATUREZA

4.1 Lazer e esporte: concepções básicas

O estudo do lazer, como campo multidisciplinar, possibilita interlocuções que extrapolam várias áreas do conhecimento e, se por um lado é complexo o trabalho do pesquisador, por outro, oferece uma diversidade de elementos para análise.

Assim, faz-se necessário elucidar a perspectiva adotada para trilhar esse caminho. Afinal, dentre os estudiosos da área, alguns autores concebem que o lazer é gerado historicamente nas sociedades modernas urbano-industriais. Algumas considerações acerca do lazer produzidas por Dumazedier (1979, 1973), posteriormente revisadas criticamente por Marcellino (1998, p. 38) auxiliam o entendimento sobre o lazer adotado neste trabalho. São elas:

1. cultura vivenciada (praticada, fruída ou conhecida), no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares sociais, combinando os aspectos tempo e atitude. Essa posição baseia-se no concreto da sociedade urbano-industrial – tal como é, e não do devir, ou seja, como deveria ser;
2. o lazer gerado historicamente e, dele, podendo emergir, de modo dialético, valores questionadores da sociedade como um todo, e sobre ele também sendo exercidas influências da estrutura social vigente;
3. um tempo que pode ser privilegiado para vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para solapar a estrutura social vigente;
4. portador de um duplo processo educativo – veículo e objeto de educação, considerando-se, assim não apenas suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social. (DUMAZEDIER, 1979, 1973, *apud* MARCELLINO, 1998, p. 39).

Essas considerações são interessantes e norteiam a elaboração de vários estudos produzidos pelos autores da área. No entanto, também trilhando o caminho do amadurecimento dos conceitos relacionados à temática, ao tratar do aspecto “tempo”, Marinho e Bruhns (2003) trazem as seguintes reflexões:

Associo a experiência do lazer à vivência, produção e reelaboração de cultura, num espaço-tempo conquistado pelos sujeitos às imposições da vida no mundo, visando à humanidade mais plena, especialmente em suas expressões de liberdade e ludicidade. A expressão “tempo conquistado” me parece mais apropriada, pois “tempo livre” remete à idéia de uma liberdade plena dos sujeitos sociais, a qual, por enquanto, está ainda por ser conquistado. Por outro lado, a expressão “tempo disponível” sugere uma

certa passividade do tempo “sobrando” disponibilizado pelo senhor, pelo patrão ou opressor, visando vantagem sobre este tempo. (p. 55).

Gomes (2008, 2011), por sua vez, entende o lazer como uma necessidade humana e uma dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social. A autora ainda afirma que o lazer é concebido como uma produção cultural humana que “constitui relações dialógicas com a educação, o trabalho, a política, a economia, a linguagem, a saúde, a ciência e a natureza, entre outras dimensões da vida, sendo parte integrante e constitutiva de cada sociedade” (GOMES, 2011, p. 33).

Concordo com a autora quando explica que o lazer está relacionado com variadas dimensões da vida cultural, estabelecendo diálogo com o contexto social. Dessa forma, o lazer pode atuar na ocultação das contradições sociais, bem como se apresentar como uma alternativa a isso, possibilitando o questionamento e resistência à lógica excludente da sociedade capitalista, como também destaca Marcellino (1998).

Ao pensar o lazer nessa sociedade de conflitos e contradições sociais, é de se esperar a existência dos tensionamentos entre os sujeitos e as relações que estes estabelecem entre os tempos e os espaços sociais. Cabe destacar que isso tem relação direta com a forma como está organizado o trabalho em nossa sociedade, bem como a oferta do lazer como mercadoria voltada para o consumo. Todavia,

[...] o lazer não se restringe ao consumo alienado, proporcionado por meio das oportunidades que padronizam gostos e preferências, que tratam sujeitos como se fossem meros objetos desprovidos de histórias de vida singulares e que ignoram as questões culturais, políticas e sociais mais amplas que nos constituem. (WERNECK, 2002, p. 33).

Melo (2003) ressalta uma tendência de supervalorização do aspecto econômico, sendo possível identificar no imaginário da população uma hierarquização das necessidades, na qual saúde, educação e trabalho são fundamentais à “sobrevivência” e ocupam espaço de grande importância, enquanto problemas relacionados à cultura e ao lazer ficam relegados ao segundo plano.

Colaborando com essa linha de reflexão e procurando vincular o tema com a natureza, outros autores fazem articulações com o turismo e apresentam contribuições, como a de Villaverde (2003):

[...] a atividade turística é pensada em dimensões que transcendem seu tratamento como mera atividade comercial e de consumo que, aliás, ocupa cada vez mais espaço no setor denominado “de serviços”, buscando seu entendimento como campo heterogêneo de relações humanas e de relação das pessoas com os lugares e com a cultura. No âmbito dessa abordagem, é problematizado especialmente o seguimento do turismo conhecido genericamente como “ecoturismo”, cuja ênfase recai na vivência turística em ambientes naturais e paisagísticos, e na qual está implícita a idéia de preservação da natureza. (VILLAVERDE, 2003, p. 53)

No que se refere ao papel econômico do lazer na natureza, são interessantes as ideias formuladas por Uvinha (2009). O autor afirma que “o setor temático de aventura encontra uma clara interface com atividades de viagens e turismo e já consta como elemento vital para o incremento das economias globais na sociedade atual” (p. 80). Além disso, chama a atenção para que esse campo seja “[...] compreendido não somente como um compêndio para o desenvolvimento econômico da sociedade, mas como dimensão humana de elevada relevância para a busca de engajamento social” (p.80).

Em outro trabalho, Uvinha (2005b) destaca que é notável o crescimento do chamado turismo de aventura em escala mundial, explicando que existe uma expressiva relação entre demanda e oferta, denotando forte apelo comercial a este segmento. De acordo com sua visão, “essas atividades, fundadas na associação esporte/turismo, exigem um serviço especializado e põem em cena o debate sobre temas correlatos, como os possíveis impactos físicos e socioculturais delas resultantes” (p. 149). Com o aumento da prática do lazer na natureza, o autor reconhece a escassez de produção teórica, mas indica que os estudos sobre a temática vêm, cada vez mais, despertando o interesse de estudiosos.

A reflexão sobre tais práticas de lazer, veiculadas na comunidade acadêmica nacional e internacional, registra ainda um notório crescimento, com a produção de teses, artigos científicos, livros e trabalhos de conclusão de curso nas mais variadas graduações, contribuindo para superar a carência de abordagens sobre o tema. (UVINHA, 2005b, p. 149).

No esforço dessa produção, um ponto fundamental são as construções e os entendimentos das terminologias aplicadas às atividades de lazer na natureza, que também podem ser identificadas com o termo estrangeiro “atividades/esportes *outdoor*”, além de outras denominações identificadas cotidianamente, tais como: *esportes na natureza, atividades e esportes de aventura, radicais, de risco calculado, eco esporte, esportes de ação, novos esportes, esportes livres, esportes selvagens*, etc. Não se pode deixar de mencionar que, entre os autores da área e em várias publicações nacionais e internacionais, verifica-se a adoção da terminologia AFAN – “Atividade Físicas de Aventura na Natureza”, proposta por Betrán (1995, p. 5).

Costa (2005) relata que as AFANs constituem um conjunto de práticas recreativas surgidas nos países desenvolvidos na década de 1970, que se desenvolveram e se estenderam na década seguinte, e consolidando-se na de 1990 “sob o abrigo dos novos hábitos e gostos” (p. 87).

No que se refere à expressão *esportes radicais*, embora seja bastante disseminada pela mídia, cabe destacar que vem sendo cada vez menos utilizada pelos estudiosos da área devido aos sentidos e significados associados à expressão. O termo também está em desuso pela maioria dos profissionais da área, principalmente pelos gestores e organizadores de eventos e outras atividades, por sugerir algo sem controle, assim como pela falta de segurança ou de responsabilidade que a palavra *radical* carrega. Nesse sentido, o termo “*radical*”⁵ pode indicar falta de controle, falta de juízo e, por consequência, falta de segurança, além de remeter a uma prática excludente, que é realizada somente por uma minoria especialista ou que chega ao extremo para realizar uma atividade considerada radical, deixando de fora grande parte de possíveis praticantes. Por isso, Marinho (1999a), entre outros autores, optou pela designação “atividades de aventura” pela

⁵ A substituição da palavra *radical* foi evidenciada, por exemplo, na ocasião da criação do “Projeto BH 360º” na cidade de Belo Horizonte. O projeto objetivou fomentar e divulgar não somente em Minas Gerais, mas, em todo Brasil, todas as práticas de aventura e lazer na natureza que ocorressem num raio de 100 quilômetros da capital mineira. Foram convocados, para uma primeira reunião, diversos profissionais ligados aos esportes e vivências de aventura na natureza desenvolvidas no Estado. A palavra chave do projeto era “*esportes radicais*” e, quase que por unanimidade, foi substituída por “*Esportes/Atividades de Aventura*”, baseado no princípio da segurança que deveria ser passada para a sociedade.

grande aceitação e por sinalizar o espírito que norteia a busca de sensações e emoções junto à natureza.

Sobre o termo “aventura”, temos contribuições de vários autores, que, além do lazer, relacionam o termo com o esporte e o turismo. Sobre esse tema, Betrán (2003) destaca, de forma abrangente, o seguinte:

A aventura tem sido sempre um anseio de muitos e um privilégio de poucos. A paixão pela aventura é tão velha quanto a própria espécie humana: quebrar a rotina, as regras, os hábitos, o estabelecimento de um desejo inconfessado do homem que busca algo de extraordinário em sua vida para poder narrá-lo depois aos outros. Este é o substrato antropológico da aventura: negar as regras da vida, percorrer o espaço físico para negar o tempo, vivenciar o extraordinário e poder explicá-lo. A aventura está freqüentemente associada à viagem, à incerteza do trajeto, à excitação do desconhecido, implicando em intensas manifestações corporais que, com o inevitável compromisso emocional e com a existência de um risco real, são elementos imprescindíveis das ofertas turísticas de produtos de aventura. (p. 194).

Amaral (2005) esclarece que os idealizadores da *Adventure Sports Fair*⁶, ao escolherem o termo “aventura”, avaliaram a evolução do mercado de turismo de aventura em outros países, concluindo que esse termo expressava o espírito de todas as formas de atividades praticadas na natureza e uma simples caminhada para observação de fauna e flora podia representar, do ponto de vista do turista, uma grande aventura. A autora ainda ressalta o seguinte:

As próprias agências de ecoturismo, visando promover seus produtos, começaram a utilizar esse termo em vez da expressão “esportes radicais”. Dentro de tal perspectiva, o termo “aventura” foi escolhido para integrar a indústria do turismo em ambientes naturais. O uso da expressão “esportes radicais”, como atividade turística, atua como fator limitador do universo populacional, enquanto as chamadas atividades de aventura abrangem pessoas comuns, de todas as idades, não exigindo treinamento técnico ou conhecimentos específicos anteriores, envolvem riscos controlados e não são atividades competitivas. Esportes radicais são atividades de risco extremo, que exigem praticantes altamente treinados, o que reduz, conseqüentemente, a demanda de turismo nessa área. (AMARAL, 2005, p. 236).

⁶ Amaral (2005) discorre sobre o desafio da *Adventure Sports Fair*, considerada a maior feira de esportes de aventura do Brasil, em um trabalho compreendido do ano de sua criação em 1999 até o ano de 2004. Segundo a autora, é também o maior evento do segmento de aventura da América do Sul. A feira é conhecida no meio como um ponto de encontro anual de diversificados setores relacionados com a aventura, seja para as empresas de vestuário, de equipamentos, de serviços e de organização de eventos, como para atletas e simpatizantes das atividades de aventura nos meios terrestres, aquáticos ou aéreos.

Este evento brasileiro indica que a mudança no termo foi fruto de pesquisa e colaborou para impulsionar todo o setor que envolve o lazer na natureza com uma estratégia de marketing. A troca do termo “radical” pelo termo “aventura” torna as atividades desenvolvidas mais atrativas, principalmente do ponto de vista comercial, uma vez que possibilita alcançar um público maior – considerando-se tanto os prestadores de serviços e empresários do setor, quanto os adeptos das múltiplas vivências.

No contexto de atividades e esportes na natureza, é necessário identificar a ideia que se tem sobre esporte, que é muito ampla, permitindo, assim, uma variedade de conceitos. Percebemos que, dependendo do entendimento que se tem, ele é aberto a diversas reflexões. Nesta dissertação, em que o esporte é focado no lazer na natureza, ele pode ser classificado em competitivo ou contemplativo. No primeiro caso, ele é associado à busca de performances ou resultados: essa conotação de esportes é aquela de alto nível que estamos acostumados a ver em competições na televisão. Do ponto de vista do praticante, possui nenhuma ou pouca ligação com o lazer, isso para os atletas profissionais. Barreto (2003) indica que

A primeira coisa que tenho a dizer é sobre o conceito de esporte, visto como uma atividade metódica e regular que se associa a resultados concretos no que se refere à anatomia dos gestos, à mobilidade dos indivíduos (...) atletas realizando gestos extremamente mecanizados (BARRETO, 2003, s.p.).

Não podemos perder de vista que, mesmo sendo competitivo, ele pode ser também uma atividade de lazer na natureza, como uma atividade física descompromissada com resultados, ligada ao bem-estar, a um *hobby* de competir por lazer e para contemplação.

O esporte, encarado como uma atividade física contra o sedentarismo, está fortemente vinculado à saúde. Não raro, ouvimos dizer que esporte é saúde. Logicamente, não podemos esquecer que esporte de alto nível, dependendo das circunstâncias, pode até representar prejuízo à saúde, para um indivíduo que utiliza qualquer tipo de droga em busca de melhores resultados, por exemplo. Barreto (2003) associa saúde ao fato de estar bem física, motor, social, mental e afetivamente, dando respaldo ao esporte como componente essencial à saúde.

Considerando essa diversidade de possibilidades de expressões, nesta dissertação optou-se pelo emprego da expressão “esportes e atividades de lazer na natureza”, pelo entendimento de que possui uma abrangência maior em comparação com o termo *aventura*, considerando-se a multiplicidade de práticas desenvolvidas. Apesar de ser comum a suposição de que a maioria das vivências de lazer na natureza demande atividades físicas, como já foi abordado por vários autores, é importante considerar, também, a possibilidade de opção pela vivência contemplativa, na qual o esforço físico nem sempre é requerido das pessoas.

Mesmo reconhecendo que o objeto em estudo se desenvolve na natureza, a presente pesquisa delimitará o tema buscando focar na formação dos profissionais que atuam nesse âmbito, um contexto amplo e propício para reflexões do campo ambiental, o que salienta a importância das questões ligadas à proteção, preservação, educação e impactos ambientais. Afinal, toda atividade realizada na natureza, por mais simples que pareça ser, causa impactos ambientais, e com o lazer essa realidade não é diferente.

Nos próximos tópicos serão abordados alguns esportes e atividades de lazer na natureza desenvolvidos no contexto brasileiro, buscando apresentar algumas das atividades que compõem o campo estudado e ressaltando quais e como são essas práticas, como ponto de partida para enriquecer as abordagens sobre formação e atuação profissional nesse âmbito.

4.2 Esportes e atividades de lazer na natureza: algumas vivências

Este tópico focalizou o lazer praticado em ambientes naturais, com a perspectiva de elucidar algumas dessas vivências, que, nas últimas décadas, têm crescido muito no Brasil. Normalmente o lazer na natureza é caracterizado por atividades físicas, esportivas ou contemplativas, que conduzem os participantes a ambientes naturais. De uma forma geral, devido às suas peculiaridades, essas vivências têm como principais características caminhar, correr, pedalar, escalar, nadar, mergulhar, remar em variados tipos de embarcações, enfrentar desafios, entre inúmeras outras

possibilidades marcadas, frequentemente, pela superação de desafios, além da contemplação. O que importa é estar em contato com a natureza, por meio de montanhas, rios, campos, florestas, trilhas, ravinas, lugarejos, ultrapassando diversos obstáculos no espaço geográfico.

O lazer em ambientes naturais com suas variadas vivências é, normalmente, praticado em localidades que possibilitam o contato com um meio ambiente que ainda preserva grande parte de suas características. O Brasil, devido à sua extensão territorial de proporção continental, possui biomas, climas e relevos diversificados e muito propícios aos roteiros de aventura e lazer na natureza. Isso deixa o país em uma situação privilegiada, incluindo serras e picos com vertentes íngremes com seus campos de altitude, planícies, planaltos, chapadas, matas virgens, rios, corredeiras, costas, vales, áreas inóspitas e muitos outros termos e adjetivos que fazem parte do rico espaço geográfico brasileiro. Toda essa diversidade abre a possibilidade das diversas vivências de lazer na natureza.

Freire e Pereira (2005) destacam que a ecologia também está presente o tempo todo nos discursos dos sujeitos praticantes de esportes e atividades de lazer na natureza entrevistados por eles na pesquisa, a qual trata sobre percepção e significados, porém nem sempre de forma explícita. Há momentos em que essa percepção vem escondida no contexto das frases e do 'não dito' entre as palavras.

A ecologia está no homem e não na natureza. É na visão do homem, ou seja, na sua percepção da realidade que se encontra a verdadeira ecologia. É na nossa percepção da mata, das relações complexas entre cada ser, de cada célula do nosso corpo, das dunas, da restinga, do mangue, dos ventos, das marés, das sociedades humanas, da nossa casa, e de todos os sistemas holográficos relacionados à vida, desde o infinito das partículas atômicas até a imensidão – também infinita – do cosmos, que está a verdadeira ecologia. (FREIRE e PEREIRA, 2005, s.p.).

Concordo com a ideia dos autores ao refletirem sobre nossa maneira de viver e defenderem que, de alguma forma, transformamos a nossa percepção da realidade, e, mesmo sem desenvolvermos ações efetivas para que mudanças ocorram, avançamos ao pensarmos de maneira diferente. Os autores concluem que:

[...] essas vivências na natureza podem gerar nas pessoas valores criativos e transformadores, na medida em que estimulam a imaginação, os relacionamentos sociais mais espontâneos, o enfrentamento de situações novas e de risco; além da convivência com a natureza, ao invés de um domínio sobre ela. A transformação e a criação são atributos necessários ao desenvolvimento da cultura humana, contribuindo para que haja maior consciência do nosso papel como parte de um sistema ecológico complexo e holográfico. (FREIRE e PEREIRA, 2005, s.p.).

Devido às suas particularidades, a segurança e o gerenciamento de riscos são fatores primordiais que também precisam acompanhar as atividades de lazer na natureza. A esse respeito, Marinho (2004) nos lembra que “as atividades na natureza também requerem prudência e bom senso no que se refere aos procedimentos de segurança, uma vez que muitas delas exigem conhecimentos e familiaridade com alguns equipamentos tecnológicos” (p. 55).

Assim, os profissionais que atuam nesse âmbito precisam conhecer e se atualizar no que tange à normatização dos esportes e atividades de lazer e aventura na natureza. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)⁷, ao longo dos últimos anos, vem baixando normatizações referentes a várias atividades, que foram denominadas como “Turismo de Aventura”; como exemplo, podemos citar dez dessas normas brasileiras (NBR), publicadas nos anos de 2005, 2006 e 2011, e que estão em vigor:

- **NBR 15285:2005** - Turismo de Aventura - Condutores - Competência de pessoal;
- **NBR 15286:2005**: Turismo de Aventura - Informações mínimas preliminares a clientes;
- **NBR 15331:2005**: Turismo de Aventura - Sistema de gestão da segurança – Requisitos;
- **NBR 15334:2006**: Turismo de Aventura - Sistema de gestão da segurança - Requisitos de competências para auditores;
- **NBR 15370:2006**: Turismo de Aventura - Condutores de *rafting* - Competências de pessoal;

⁷ <[http:// www.abnt.org.br/](http://www.abnt.org.br/)>

- **NBR 15400:2006:** Turismo de Aventura - Condutores de canionismo e cachoeirismo - Competência de pessoal;
- **NBR 15501:2011:** Turismo de Aventura - Técnicas verticais — Requisitos para produto;
- **NBR 15502:2011:** Turismo de Aventura - Técnicas verticais — Procedimentos;
- **NBR 15508-1 e 2:2011:** Turismo de Aventura - Parque de arvorismo - **Parte 1:** Requisitos das instalações físicas e a **Parte 2:** Requisitos de operação.

Essa normatização é imprescindível para estabelecer prescrições de padronizações destinadas à utilização comum e repetitiva em âmbito nacional, com vistas à obtenção do grau ótimo de ordem em um contexto de segurança exigido pelos esportes e atividades de lazer na natureza. Caso alguma atividade ou esporte ainda não tenha normatização no Brasil, o profissional responsável pode buscar adaptações com práticas positivas de segurança em atividades similares à que está sendo realizada e ainda não foi normatizada. Além disso, como outras formas de se manter informado a esse respeito, pode recorrer a fóruns que discutem a temática, ou ainda buscar normas internacionais em países que já tenham avanços nesse sentido.

Feitas essas explanações iniciais em torno do tema estudado, a seguir serão apresentados alguns dos esportes e atividades de lazer na natureza que, em sua maioria, demandam técnicas apropriadas, equipamentos, cuidados especiais a cada atividade, e muitas vezes gerenciamento e orientação de profissionais. No entanto, não podemos pensar que sempre haverá um profissional orientando tais atividades, tampouco podemos ficar restritos ao esporte ou à competição, nem pensar que se restringe a segmentos de mercado. Nosso olhar precisa ser mais amplo. Apesar de existirem setores, dentre os que serão citados, com muitos profissionais atuando com diferentes possibilidades de lazer na natureza, muitas vivências são praticadas pelos interessados por conta própria, uma vez que essas pessoas buscam vivenciar atividades de lazer na natureza que envolvem, ou não, a competição ou com foco no esporte.

4.2.1 Caminhada Ecológica

Esta atividade envolve locomoção básica, por isso pode ser simples e acessível a um grande número de pessoas e “pode ser definida como uma vivência de lazer na natureza, de fácil execução, praticado ao ar livre, individualmente ou em grupo” (PLANETAVENTURAS, 2008, s.p.). No entanto, o nível de classificação da dificuldade da caminhada é muito subjetivo, pois o que é fácil para alguns pode ser difícil para outros, e vice-versa.

Sobre a dificuldade em caminhadas ecológicas, variados fatores podem ser avaliados: a distância a ser percorrida, a exposição ao sol, o tipo de vegetação, a inclinação da trilha, a necessidade ou não do uso de mãos, a exposição à altura, etc. (TRILHARTE, 2011, s.p.).

Essas vivências são seguras desde que se observem as regras básicas de conduta e o gerenciamento de riscos (pois, certamente, os riscos podem ser controlados). Os participantes precisam conhecer os seus limites, cada um com suas particularidades. Outro fator a considerar é o respeito pela natureza e, se iniciante, faz-se importante estar acompanhado por pessoas experientes ou por profissionais capacitados para conduzir a atividade, por mais simples que ela pareça ser.

Apesar da relativa simplicidade, torna-se relevante ter especial atenção com vestuário e calçado adequado, alimentação leve, hidratação (antes, durante e após a caminhada). Equipamentos para os casos de emergências e precauções – por exemplo, kits de primeiros socorros, de alimentação, de sobrevivência e de costura – podem ser muito úteis. O maior objetivo é fazer uma atividade de lazer prazerosa e que não demande grande vigor físico. Assim, a satisfação pode ser muito grande após vivenciar uma atividade lúdica, que, se bem planejada, em princípio, atingirá os objetivos propostos inicialmente.

Normalmente, para facilitar o acesso, o local da caminhada possui uma via pavimentada com áreas de estacionamento próximo ao seu ponto inicial. O percurso é diferenciado com relevo variado, contendo trilhas ecológicas que percorrem áreas

de matas preservadas, fazendo um circuito, retornando ao ponto inicial, ou com uma logística de transporte ao ponto de partida. A previsão de duração da caminhada, o grau de dificuldade e o ritmo são de acordo com o perfil dos participantes.

Vale ressaltar que esse tipo de caminhada não é simplesmente uma atividade de andar no meio do mato. Trata-se de um esporte não competitivo, em que cada participante pode colaborar com o companheiro para que todos superem os obstáculos e possam atingir o objetivo da chegada. Exige ritmo, equilíbrio e passada regular, sempre devagar (TRILHARTE, 2011, s.p.).

Considerando a percepção e os significados compartilhados nas caminhadas ecológicas, Freire e Pereira (2005, s.p.) encontraram três aspectos que se destacaram: a contemplação, a aventura e a ecologia. Em suas reflexões, a contemplação de imagens da natureza apareceu como uma das mais importantes categorias dos discursos dos sujeitos.

Ao contemplar a natureza, não somente olhamos, mas olhamos com atenção, com embevecimento. Por isso, contemplar é também re-significar, perceber de forma diferente aquilo que estamos vendo, o que nos leva a crer que, no jogo da contemplação, estamos também criando. (FREIRE e PEREIRA, 2005, s.p.).

A contemplação pode ser considerada também como um reencontro consigo e a busca de significados para a própria existência. Essa ideia está presente nos discursos de profissionais da área, quando relatam suas percepções quanto aos sentimentos dos participantes, ao vivenciar as caminhadas ecológicas.

Os autores destacam os sentimentos de aventura que integram as percepções dos sujeitos pesquisados, sendo entendidos como resultado imprevisto e com riscos. Em outras palavras, nunca se sabe o que vai acontecer e qual será o resultado a ser alcançado, pois:

[...] não possui a objetividade de um resultado previsto; é exatamente a incerteza, o desconhecido que a provoca. Ela representa o oposto ao tédio das rotinas de trabalho totalmente calculadas, previamente agendadas e ilusoriamente estáveis, tão valorizadas pela nossa sociedade urbano-industrial. (FREIRE e PEREIRA, 2005, s.p.).

O apelo ecológico, assim como o aspecto simbólico, é latente nas caminhadas ecológicas. Esses elementos estão presentes, com frequência, nos discursos de organizadores dessas vivências, e acabam sendo também o pretexto principal para convocar e incentivar a participação das pessoas, como pode ser exemplificado na citação que se segue:

O objetivo da “I Caminhada Ecológica” foi trabalhar os elementos ecológicos buscando o despertar da consciência da necessidade de preservação. Trabalhando com o tema “leve muitas lembranças e deixe apenas pegadas” os coordenadores proferiram, à sombra das árvores ou às margens de rios, pequenas palestras com base na realidade que todos ali estavam a observar. Atentos, os participantes não se distanciaram, formando um único grupo, cada um fazendo interferências sobre suas observações: o nome de alguma árvore desconhecida, o som de algum pássaro, a história deste ou daquele lugar e de seus habitantes. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MUCURICI, 2011, s.p.).

Em síntese, a caminhada ecológica pode ser definida como uma vivência realizada em locais de atrativos naturais, sendo uma atividade na qual qualquer indivíduo que tenha mobilidade e disposição pode participar. Muitas vezes é utilizada como oportunidade para se ter contato com a flora e a fauna; por consequência, quando bem realizada, serve de veículo para promover o bem-estar, através da interação com o meio ambiente, dando oportunidade para se vivenciarem momentos de lazer com viés de contemplação, aventura e saúde, além da prática de princípios relacionados à conscientização e educação ambiental.

4.2.2 *Trekking*

A origem do *trekking* está vinculada a algumas atividades realizadas pelos trabalhadores holandeses que colonizaram a África do Sul no século XIX, como elucida Beck (1994). Este autor afirma que a palavra *trek* tem sua origem na língua africâner e passou a ser amplamente empregada no início do século XIX, pelos *vortrekkers*. O verbo *trekken*, que significa ‘migrar’, carregava uma conotação de sofrimento e resistência física, numa época em que a única forma de se locomover de um ponto para outro era caminhando. Esses relatos históricos são encontrados na maioria das páginas eletrônicas que tratam do *trekking* ou enduro a pé.

Quando os britânicos invadiram a região e estabeleceram seu domínio político na África; a palavra foi absorvida pela língua inglesa e passou a designar as longas e difíceis caminhadas realizadas pelos exploradores em direção ao interior do continente, em busca de novos conhecimentos, como a nascente do rio Nilo e as neves do monte Kilimanjaro. (BECK, 1994 *apud* ARAÚJO, 2006a, p. 18).

Em seguida, chegaram os aventureiros em busca de fortes emoções, normalmente encontradas em regiões distantes e de difícil acesso, só atingidas após longas caminhadas em terrenos acidentados. Eram os novos *trekkers*. Atualmente, utiliza-se a palavra também em português, significando caminhadas em trilhas naturais em busca de lugares interessantes para se conhecer, possibilitando um maior contato com a natureza. O *trekking* passou a ser a atividade esportiva que mais cresce no mundo e, aliada ao prazer da caminhada, possibilita desfrutar paisagens inéditas, que não estão ao alcance de qualquer um; uma sensação de privilégio de ir a lugares aonde poucos chegam, ou de ver coisas que poucos viram; ou de superioridade, força, autoconfiança e autoconhecimento. Essa somatória de fatores, aliada a uma melhor preparação tanto física como técnica, diferencia o *trekking* de uma caminhada.

Em 1992 foi criado no Estado de São Paulo, através de amantes da natureza, o *Trekking de Regularidade*, conhecido também como *Enduro a Pé*, para o qual se adaptaram as regras dos enduros de moto e jipe, e cuja descrição é apresentada a seguir.

O *Trekking de Regularidade* pode ser definido como um esporte que concilia diversão e competição, sendo praticado por qualquer pessoa, independentemente do seu condicionamento físico, pois o mais importante é a regularidade e não a velocidade. É caracterizado em um percurso pré-determinado pela organização, no qual os participantes, integrando equipes normalmente de quatro a seis pessoas e utilizando uma planilha e uma bússola, passam por pontos de controle e, no caminho, devem superar obstáculos como estradas, trilhas, riachos, lagos, pastos, montanhas, dentre outros; tudo isso dentro de um ritmo o mais próximo possível do estabelecido na prova.

Não é uma prova de velocidade, e sim de orientação e regularidade, onde são fornecidas velocidades médias e distancias entre referências que constam na planilha, possibilitando à equipe calcular o tempo exato de passagem em cada ponto. O trekking de regularidade se tornou uma excelente forma de diversão e interação com as pessoas, possibilitando o surgimento de novas amizades e o fortalecimento das antigas. Muitas famílias também participam, fazendo do dia da prova um evento para estreitar ainda mais os laços familiares. (MINAS TREKKING, 2008, s.p.).

Muitos praticantes iniciantes realizam cursos de orientação com bússola e mapa para participarem de provas de *trekking*. O objetivo é aperfeiçoar as técnicas de orientação durante a vivência da modalidade, aprendendo a operar a bússola – instrumento indispensável para esta e outras atividades de lazer na natureza, ligadas à orientação – e a aferir os passos para calcular as distâncias entre um ponto e outro, o mais próximo possível da distância real. Ocorre variação de velocidades, o que obriga as equipes participantes a mudarem o ritmo constantemente, mantendo a velocidade considerada ideal pela organização em determinados trechos.

Trekking também é o nome dado a uma atividade desportiva realizada a pé, na qual normalmente o praticante está munido de uma mochila, equipamentos, vestuário e alimentação para subsistência durante a atividade, realizada normalmente em travessias de longos trechos a pé em ambientes naturais. É também uma das modalidades da *corrida de aventura*, a qual pode ser cumprida andando, trotando ou correndo. A caminhada ecológica também pode ser vista como uma modalidade de *trekking*, mas diferencia-se das duas anteriores por não demandar grandes preparativos de materiais, equipamentos e alimentação; não exigir tanto esforço físico; ter uma duração menor; além de não ser competitiva, como no caso das *corridas de aventura*, uma possibilidade de vivência na natureza que será abordada mais adiante.

Em 2003, a empresa Planetaventuras criou uma nova atividade envolvendo a vivência do *trekking*, denominada “Radical Trekking. Trata-se de uma prova executada a pé, contra o relógio e com a utilização de mapa e bússola para se orientar, na qual o participante escolhe estrategicamente e de forma aleatória seu caminho para passar pelos pontos de controle espalhados pelo terreno.

O Radical Trekking tem como características traçar uma boa estratégia, empregando para isso a Orientação Cartográfica e o vigor físico. Esta é a base para quem objetiva chegar às primeiras posições. Para quem quer praticar o esporte com outros fins que não competitivo, é também uma excelente oportunidade para estar próximo à natureza, fazendo uma atividade física saudável e prazerosa. (ARAÚJO, 2006a, p. 19).

O *Trekking* possui grande diversidade de vivências: cada praticante escolhe a forma mais adequada aos seus objetivos, que podem ser competitivos, de lazer e até contemplativos, para aqueles que não possuem o compromisso ou interesse pela competição, participando, no seu próprio ritmo. Todas essas atividades podem servir como forma de preparação ou manutenção das condições físicas, e contemplação da natureza.

4.2.3 Corrida de Orientação

Segundo a Confederação Brasileira de Orientação (CBO), entidade que regula o esporte no Brasil, a orientação é uma moderna modalidade esportiva que usa a própria natureza como campo de jogo. É um esporte em que o praticante tem que passar por pontos de controle marcados no terreno no menor tempo possível, com o auxílio de um mapa e de uma bússola. O fundador e atual presidente da CBO cita que um percurso de orientação “é definido pela partida, pontos de controle e chegada. Entre estes pontos, que são locados precisamente no mapa e equivalente no terreno, estão as pernas do percurso, nas quais o competidor deverá orientar-se e escolher livremente o itinerário” (DORNELLES, 2005, p. 10).

A CBO é uma entidade que reúne várias federações do país e se empenha por difundir informações sobre a modalidade em artigos, dissertações e teses, além de cursos voltados para a prática e organização do desporto, com regras, circuitos regionais, nacionais e internacionais, e também inúmeras informações sobre essa vivência competitiva na natureza⁸. Antes de conceituar a Corrida de Orientação como atividade de lazer esportivo, é necessário saber o que é ‘orientação’.

⁸ < <http://www.cbo.org.br> >.

A história da orientação remonta ao passado, desde o homem das cavernas. Em tempos distantes, o ancestral do *Homo Sapiens* sentiu a necessidade de caçar e buscar alimentos longe de sua morada. Isto fez com que ele desenvolvesse meios para conseguir retornar. Sua inteligência crescente ajudou-o a observar detalhes marcantes no terreno, como lagos, imensas rochas, até mesmo nos rabiscos deixados em tronco de árvores. (PASINI, 2004, p.24).

Segundo Pilatti (1999), a orientação também se refere a mapas, florestas, aventura, capacidade de reconhecer e seguir uma direção, um rumo. Segundo as palavras do autor, “você vai ao seu próprio passo e escolhe suas próprias rotas entre os pontos pré-determinados a alcançar. Se você gosta de uma dose de emoção e aventura, ar fresco e contato com a natureza, talvez a orientação poderá ser o esporte ideal para você” (p.7).

Quando as pessoas se deslocam, mesmo nas grandes cidades, sem perceber exercitam a orientação, seja procurando por uma rua ou endereço, ou mesmo durante uma viagem de férias, quando se lança mão de um guia rodoviário. Isso também é orientação. Pasini (2004) define orientação desta forma:

Orientação é um esporte emocionante, que faz o atleta vibrar com seu resultado. Cada ponto é um obstáculo a ser ultrapassado, uma dificuldade a ser vencida. A Orientação é um esporte que une o físico com a inteligência, tornando-o um desporto muito competitivo; ou seja, nem sempre quem corre mais ganha a competição. O objetivo de cada participante é terminar o percurso no menor tempo possível, mas, o orientador deve ter em conta sua condição física e sua habilidade de orientação, pois escolher uma rota (caminho) correta e ter habilidade de segui-la até o próximo ponto sem perder tempo – isto é a arte da ORIENTAÇÃO. (p. 8).

Nas obras “*A Atividade Física e Desportiva Extra classe nos Centros Educativos*”, do Ministério da Educação e Ciências da Espanha, e o “*Guía Práctica para Escuelas del Deporte de la Orientación*”, respectivamente, destacam a orientação e mostram a importância dada ao desporto na Europa.

A Federação Internacional de Orientação define a Corrida de Orientação assim: “A orientação é um desporto pelo qual os competidores (homens, mulheres ou uma equipe) passam por um número de pontos de controle marcados pelo terreno no menor tempo possível, ajudados somente por um mapa e uma bússola.” (tradução nossa) (ENSINAS; TORRES; SANZ, 1996, p.23)

A Orientação não é exclusiva do esportista que deseja ganhar uma competição, em países como Suécia, Finlândia, Suíça, etc.. A Orientação mobiliza milhares de aficionados de todas as idades, porque é um esporte tranquilo e divertido, cuja técnica é relativamente fácil: uso de mapa e da bússola no terreno, combinando com a corrida ou simplesmente com uma caminhada. (tradução nossa). (PAJUELO, 1999, p.13).

Como um esporte competitivo, a orientação chegou ao Brasil na década de 1970, permanecendo por muito tempo restrita ao meio militar, provavelmente por ser disciplina integrante das instruções das Forças Armadas para o combate, cuja necessidade é enfatizada nos manuais militares: “Saber como se orientar em campanha e como usar com propriedade uma carta topográfica significa ser capaz de sair de situações difíceis, em que a direção certa é fator preponderante no sucesso da missão” (EXÉRCITO BRASILEIRO, 1980, p. 8-1).

Após ser “descoberta” por esportistas e por pessoas interessadas em percorrer o espaço natural utilizando mapa e bússola, a orientação passou a ser uma modalidade bastante praticada também no meio civil, não só nas *corridas de orientação*, mas também no *trekking*, em travessias a pé e também com *mountain bike* (ARAÚJO, 2006d). As duas possibilidades citadas anteriormente não possuem, muitas vezes, conotação ou interesse competitivo, pois quase sempre são motivadas pelo prazer de descobrir e contemplar novas paisagens. A orientação também é a mais importante modalidade das corridas de aventura, tendo em vista que não adianta ser rápido a pé, pedalando ou remando, se não se souber qual o melhor caminho a seguir, utilizando-se para isso a arte de se orientar. Existe uma frase popular no meio esportivo que retrata essa realidade: “Não adianta correr como um cavalo e orientar-se como um burro”, ou seja, em uma competição, mesmo deslocando-se mais lentamente, é possível se chegar à frente de um oponente mais veloz, que não souber escolher o melhor itinerário ou rota a seguir.

4.2.4 Mountain Bike

É uma modalidade de ciclismo, cuja tradução literal remete a *bicicleta de montanha*. Conhecida no Brasil também como *mountain bike*, é caracterizada por ser um tipo de lazer esportivo que utiliza uma bicicleta apropriada para passar por trechos

normalmente em ambientes naturais com diversas irregularidades e obstáculos. Historicamente, tem-se notícia de que a primeira bicicleta preparada para montanha data de 1953, e foi idealizada por um jovem chamado Scott.

1953 James Finley Scott, um estudante universitário da Califórnia-EUA, foi o primeiro a modificar sua bicicleta de maneira a criar o protótipo do que hoje se conhece como mountain bike. Ele retirou o protetor da corrente, a buzina e os racks de sua bicicleta e instalou marchas múltiplas, freios cantilever e guidão relativamente reto, para usá-la fora da estrada. (DACOSTA, 2006, s.p.).

De acordo com Satoshi (2000), muitos relatos contam que já houve experiências anteriores (nas décadas de 1940 e 1950) de utilização de bicicleta em trilhas, mas que não tiveram a expressão e a ‘explosão’ ocorrida no final dos anos de 1970. Para ele, o *mountain bike* surgiu nessa época através de um grupo de ciclistas jovens que começaram a procurar um ciclismo diferente do asfalto, em montanhas da região da Califórnia (EUA). E para que fosse possível descer as montanhas e conquistar novas emoções, foi necessária a realização de algumas adaptações nas bicicletas, para oferecer maior eficiência.

Tom Ritchey foi talvez quem mais contribuiu para o desenvolvimento de novos quadros e materiais para o esporte. Além de correr, construía e desenvolvia quadros e componentes artesanalmente [...], ao lado de Gary Fischer que adaptou e desenvolveu vários componentes, como o câmbio. Ambos têm hoje suas respectivas empresas, a Ritchey e a Fischer Bikes. (SATOSHI, 2000, s.p.).

O autor ressalta que esses dois ciclistas, além de terem sido os primeiros praticantes, deram também os primeiros passos para a difusão da atividade e da comercialização da nova bicicleta, através de associações com fabricantes. Por esse motivo, são identificados como os “pais” do *mountain bike*.

Desde as primeiras tentativas até os dias atuais, ocorreram muitas mudanças na construção dessa nova bicicleta, e hoje é uma atividade consagrada com vários eventos realizados em todo mundo, com destaque para suas formas competitivas profissionais. Satoshi (2000) ressalta que “o mountain bike passou, a partir de 1996, a ser um esporte olímpico, estreando nos Jogos Olímpicos de Atlanta” (s.p.). Se não bastasse essa conquista para o esporte profissional, é perceptível a grande

quantidade de adeptos ao *mountain bike* de forma contemplativa, em busca de lazer na natureza, nas trilhas de várias cidades do Brasil.

Como destacam Soares e Machado (2004, s.p.), entre as modalidades esportivas existentes, esta merece destaque, haja vista que nenhuma outra se expandiu tão rapidamente, acumulando tantos adeptos em quase todas as regiões do mundo.

Para a segurança do praticante, são utilizados equipamentos de proteção como capacete, luvas, óculos, faróis e lanternas (em caso de prática noturna). Quando se percorrem longas distâncias, é necessária uma certa autossuficiência dos adeptos, o que os obriga a ter conhecimentos básicos de manutenção e reparo das bicicletas, a conduzir câmara-de-ar reserva, bomba para encher pneu, ferramentas para sanar pequenos defeitos, kit de primeiros socorros, água, suplementos alimentares ricos em carboidratos e uma mochila ou bolsas acopladas à bicicleta para acondicionar todo o material e suprimento.

Como já citado, a prática pode caracterizar-se pelo lazer contemplativo, mas também pela competitividade. Neste último caso, para ser bem sucedida, demanda a utilização de bicicletas de boa qualidade, resistentes e mais leves. Para o caso do lazer na natureza, a prática é conhecida também como cicloturismo, a qual, segundo Soares e Machado (2004), “possui objetivos de explorar novas paisagens, locais e costumes diversos e para isto, utiliza-se da bicicleta para longas viagens e passeios, o que envolve muitos equipamentos e espírito de aventura” (s.p.).

Como exemplos, podemos citar o que vem ocorrendo principalmente no Estado de Minas Gerais, onde muitos grupos de cicloturistas de todo o país e até do exterior vêm realizando expedições pelas cidades integrantes da rota da “Estrada Real”.⁹

⁹ O Instituto Estrada Real (IER) é uma entidade criada em 1999 pelo Sistema Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg). Com uma equipe de técnicos especializados em turismo que transformaram o antigo caminho, aberto há mais de 300 anos pela Coroa Portuguesa, em um destino turístico reconhecido no Brasil e no exterior. Hoje, a ER passa por 199 municípios – 169 em Minas Gerais, 22 em São Paulo e nove no Rio de Janeiro – e tem 1,6 mil quilômetros de extensão e mais de 80 mil quilômetros quadrados de área de influência. Com o fortalecimento da cadeia produtiva do turismo, o IER busca o desenvolvimento sustentável dos municípios da Estrada Real. A demanda gerada pelos milhões de visitantes é capaz de movimentar mais de 50 setores da indústria, criando oportunidades de negócios, empregos e renda. (INSTITUTO ESTRADA REAL, 2012, s.p.).

Esses caminhos passam por diversas cidades e lugarejos que, na época do Brasil Colônia, eram percorridos no processo de povoamento e exploração econômica de seus recursos, em articulação com o mercado internacional, e eram as únicas rotas autorizadas pela corôa para a circulação de mercadorias. Esses caminhos foram denominados como “*Rota dos Diamantes*”, a qual vai de Diamantina/MG a Ouro Preto/MG, ponto em que se bifurca, possibilitando dois caminhos: o “*Caminho Velho*”, que vai até Parati/RJ, passando por Lorena/SP; e outro que vai até a Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro/RJ, denominado “*Caminho Novo*”. Toda essa história e as belezas naturais e culturais desses roteiros aguçam o interesse de muitos praticantes dessa atividade esportiva.

O *mountain bike* possui variadas modalidades competitivas, que são separadas por categorias, sendo, em sua maioria, denominadas por termos estrangeiros: *Cross Country* ou *XC*¹⁰, *Trip Trail* ou Maratonas¹¹; *Downhill*¹², *Uphill*¹³, *Dual Slalom*¹⁴ e

¹⁰ Segundo Soares e Machado (2004), o *cross country* é o estilo mais praticado, sendo também a prova mais tradicional do *mountain bike*. Tem como característica possuir diversos tipos de solos, subidas e descidas, percorrendo distâncias entre 06 e 20 km, mas também pode envolver provas com maior duração ou percurso. Os percursos maiores normalmente variam de 30 a 100 km, em terreno variado, e na maioria dos casos são realizados em circuitos fechados.

¹¹ *Trip Trail* ou Maratonas são tipos de provas em que o percurso é praticamente uma viagem por trilhas e estradas de terra. Quando o percurso é muito longo, pode ser chamado também de maratona ou enduro e pode levar dois ou até três dias. As trilhas feitas por lazer pelos praticantes do *mountain bike* costumam ter as características de um *trip trail*. Este formato é o mais aplicado às *Corridas de Aventura*. Soares e Machado (2004, s.p.) citam que “o enduro se assemelha à modalidade *cross country*, entretanto é constituído por maiores percursos e normalmente tem duração de mais de um dia como, por exemplo, o *Iron Biker*, uma das maiores provas de Mountain Bike da América Latina, disputado em dois dias, totalizando 120 km”.

¹² *Downhill* é uma prova somente de descidas, normalmente bem íngremes e técnicas, com vários obstáculos. São pistas curtas, de aproximadamente 4 km. A velocidade pode passar de 80 km/h em alguns trechos. Demanda equipamentos especiais de proteção e bicicleta configurada especialmente para essa modalidade.

¹³ “O *uphill* é um estilo menos praticado, utiliza apenas *bikes* mais leves por compreender provas apenas em subidas e seu percurso é composto por no mínimo 80% de subida, podendo ser disputado em grupo ou com tomada de tempo individual.” (SOARES; MACHADO, 2004, s.p.). Esta prova é somente de subidas, muito parecida com o *downhill*, só que no sentido inverso, por isso as bicicletas devem ser muito leves; mesmo assim, demanda muito preparo físico.

¹⁴ *Dual slalom* é como o *slalom* do esqui, mas com dois competidores pedalando em pistas paralelas. São colocadas bandeiras por onde o piloto deve passar, fazendo muitas curvas fechadas. Normalmente se usa bicicletas de *downhill* para descer, mas já estão sendo fabricadas bicicletas especialmente para *dual slalom*. As descidas também duram pouco tempo como no *downhill*. Soares e Machado (2004, s.p.) confirmam que o *dual slalom* é praticado por dois atletas que descem lado a lado, porém em pistas separadas, abrangendo curvas muito fechadas e manobras nas descidas.

*Freeride*¹⁵. No Brasil as mais comuns são as realizadas estilo *Cross Country*, *Trip Trail* (*Maratonas*), *Downhill* e *Uphill* (descidas e subidas respectivamente), além das provas de regularidade.

Como ocorre no *enduro a pé* ou *trekking de regularidade*, com as bicicletas foi criada também a competição de *Enduro de Regularidade*. Essa prova é disputada com uma planilha, que contém as referências a serem seguidas e a média horária estipulada pela organização, e é feita de *mountain bike*. O objetivo desse tipo de competição não é a velocidade, mas sim a regularidade. Passar pelos pontos de controle ao longo do percurso no horário exato concede ao participante ZERO pontos. Por cada segundo de atraso, ele será penalizado com UM ponto e por cada segundo adiantado, TRÊS pontos. O vencedor será aquele que obtiver o menor número de pontos. Disputada em duplas ou individualmente, a prova é normalmente realizada em estradas de terra e trilhas junto à natureza.

Hoje, no Estado de Minas Gerais, sobretudo no entorno de Belo Horizonte, há vários organizadores, dentre os quais citamos *Guime Bike*, *Iron Biker* e *Copa Internacional*. A *Copa Internacional de Mountain Bike*¹⁶ é a maior competição do gênero na América Latina e reúne anualmente centenas de atletas por etapa (são de três a quatro etapas anuais). Na última etapa do ano de 2011, na cidade de Congonhas/MG, segundo consta na relação de inscritos na página eletrônica da competição¹⁷, havia 1.258 participantes, vindos de vários Estados da Federação e de alguns outros países. Desse público, segundo o fundador e organizador da competição, empresário Rogério Bernardes, a minoria faz parte da elite, que são os que praticam profissionalmente, e a maioria são atletas de final de semana, cicloturistas que praticam o *mountain bike* por lazer.

¹⁵ *Freeride* é uma competição extremamente técnica, com alto grau de dificuldade, em vez de rapidez. Possui inúmeros obstáculos naturais ou artificiais e é praticada com bicicletas especiais, parecidas com as de *downhill*, porém mais leves.

¹⁶ <<http://www.cimtb.com.br/site/>>

¹⁷ <<http://inscricoes.copaametur.com.br/inscricoes/inscritos.php>>

4.2.5 Técnicas Verticais

As práticas que envolvem as *técnicas verticais*¹⁸ são variadas, destacando-se o *rapel*, a *escalada*, o *arvorismo*, a *tirolesa* e a *pista de cordas*, que envolvem a transposição de diversos obstáculos em altura.

4.2.5 1 Rapel

Segundo Nazari (2007), há relatos de que as primeiras técnicas de rapel foram utilizadas por alpinistas no século XIX. No entanto, o rapel foi difundido no início do século XX, pela necessidade de alguns espeleólogos¹⁹ que estavam à procura de cavernas nos *canyons* dos Pirineus²⁰, sendo necessário desenvolver técnicas para conseguirem alcançar locais que até então eram inacessíveis pelo homem.

O termo rapel vem do francês "rappel", e significa trazer e recuperar. A prática surgiu no Brasil através dos espeleólogos, e nos últimos anos tem sido utilizada como esporte e lazer de aventura, sobretudo na natureza (PLANETAVENTURAS, 2008, s.p.).

É uma técnica de descida em que o praticante utiliza equipamentos apropriados para transpor obstáculos como prédios, paredões, cachoeiras, voltar ao solo após uma escalada, entre outros. O Rapel deixa o praticante exposto ao vazio, portanto requer atenção máxima para evitar acidentes.

¹⁸ É o conjunto de técnicas que têm por finalidade subir, descer e/ou realizar movimentos em desníveis verticais utilizando equipamentos de segurança, tais como: cadeirinhas, cordas, mosquetões, descensores, ascensores, fitas, capacete, luvas, entre outros equipamentos específicos. Até algumas décadas atrás, as *técnicas verticais* eram utilizadas somente em pesquisas em locais de difícil acesso, prestação de serviços em altura, resgate em ambientes verticais, ações táticas de forças de combate ou de polícia. Atualmente é largamente utilizada como esportes ou atividades de lazer na natureza. Nas *técnicas verticais* a segurança é um dos fatores fundamentais para se evitar incidentes ou acidentes. Todos os equipamentos devem ter certificação reconhecida; do mesmo modo, as empresas operadoras e seus funcionários devem ser qualificados, comprovando formação e treinamento em técnicas verticais. O praticante também é responsável por buscar seu preparo técnico, e nunca deve realizar as técnicas verticais sozinho e sem equipamentos de proteção (ARAÚJO, 2006a/e).

¹⁹ Estudiosos de grutas, cavernas e galerias subterrâneas.

²⁰ Cadeia de montanhas que separa o norte da Espanha do Sul da França.

Rapel parece ser uma atividade fácil e divertida, mas o novato que desce de rapel pela primeira vez quase não se dá conta de que esta manobra é uma das mais arriscadas em montanha. [...] descer de rapel força o escalador a depender totalmente de seu equipamento e das ancoragens colocadas. (BECK, 2002, p. 88)

É uma técnica largamente utilizada pelas forças armadas, bombeiros, brigadistas e polícias (militares e civis) para resgates, ações táticas e para explorações, por ser uma forma rápida e segura de vencer desníveis verticais, mas, gradativamente, vem alcançando adeptos interessados em praticá-la como atividade de lazer na natureza.

Os rapelistas, como são chamados os praticantes, descem grutas, paredões, cachoeiras, pontes, viadutos, estruturas metálicas e prédios. O rapel é utilizado como uma prática de lazer que, na maioria das vezes, é realizada junto à natureza. Além disso, é uma das formas de locomoção mais seguras para profissionais responsáveis por instalação de placas de publicidade, limpeza de arranha-céus, manutenção e instalações em altura, enfim, todo trabalho que envolva as técnicas verticais. (PLANETAVENTURAS, 2008, s.p.).

O rapel pode ser utilizado nas variadas situações, que apresentam características técnicas específicas: o *rapel de paredes* ou *rocha inclinada*, que é uma das modalidades mais simples (é realizado em inclinação menor que 90°); o *rapel na vertical*, que traz um pouco mais de dificuldade, por demandar força e equilíbrio na abordagem (realizado em inclinação igual a 90°, ou seja, passa do plano vertical para o horizontal); o *rapel em negativa ou livre*, que, a não ser na abordagem, é realizado sem nenhum contato com a superfície (mais comum em pontes); o *rapel de frente*, que é parecido com o inclinado, sendo que a diferença é o fato de, na descida, o praticante ficar de frente para o vazio (comumente utilizado por tropas do Exército especializadas em montanhismo); o *rapel em cachoeira*, conhecido também como *cascading* ou cachoeirismo, muitas vezes acompanhados de *canyoning* ou canionismo, no qual o praticante segue o percurso do rio no sentido da correnteza e tem que transpor obstáculos naturais causados por desníveis que formam as cachoeiras (para a segurança deve-se considerar o uso dos equipamentos de proteção individual, o volume d'água, as superfícies escorregadias e dar especial atenção à proteção das cordas no atrito com arestas de rochas).

Com o desenvolvimento de novos materiais e novas tecnologias que cercam o montanhismo e as atividades verticais, as pessoas têm utilizado a técnica do rapel como opção de turismo e lazer de aventura. Isso lhes possibilita ir a áreas naturais que contenham paredões, cachoeiras, *cânions*, cavernas e vales para se divertirem e interagirem com os atrativos naturais.

4.2.5.2 Escalada

Originada no *montanhismo*, teve seu início foi nos Alpes da Europa, daí o fato de também ser conhecida como *alpinismo*. É considerada uma atividade de lazer cujas conquistas são marcadas pela caminhada e escalada e que demanda excelente vigor físico e técnica de escalada de forma livre ou artificial.

Como ocorre no rapel, sua prática segura, ou com riscos controlados, é possível somente com a utilização de equipamentos específicos e próprios para a atividade. Tais equipamentos são cercados de tecnologias para garantirem resistência, qualidade, segurança e pouco peso.

De forma geral, pode ser considerada uma ascensão realizada em superfícies rochosas em ambientes naturais ou *indoor*, ou seja, em estruturas e construções artificiais. Realizada na vertical ou em negativa, onde o escalador utiliza as mãos e os pés para vencer as vias ou rotas, a escalada possui variados tipos e classificações, relacionados ao tipo e grau de dificuldade. Alguns tipos mais comuns de escaladas são:

Escalada Livre: o próprio nome já indica que seu principal objetivo é escalar de forma livre, só recorrendo às técnicas. A utilização de meios artificiais somente acontece em último caso. É a mais praticada no Brasil.

Bouldering: possui alto grau de dificuldade técnica e exige força, é sempre realizada a poucos metros do solo e não utiliza equipamentos de segurança. É um excelente treinamento para o desenvolvimento técnico de escalada em rocha. A segurança é

provida por uma pessoa que acompanha atentamente todos os movimentos do escalador para ampará-lo ou dar equilíbrio, em caso de necessidade.

Escalada Esportiva: caracterizado por vias curtas, grampeadas, contendo agarras e apoios. Possui alto grau de dificuldade. As vias variam de 20 a 60 metros de altura com boas condições de segurança. Normalmente, não se usa proteção móvel, e o grampeamento das vias é feito de cima para baixo, por rapel. Se durante a escalada o praticante cair, ele desce e recomeça a via a partir do chão. É uma modalidade bastante praticada na Europa e nos Estados Unidos. Existe também esta modalidade de escalada *Indoor*, em estruturas artificiais, construídas em lugares cobertos, simulando o ambiente da rocha. “Temos que reconhecer que os muros de escalada vieram para ficar” (BECK, 2002, p. 122). Ultimamente tem crescido muito essa modalidade, pois têm surgido vários espaços e bares temáticos, além de academias especializadas.

Escalada Big Wall: consiste na escalada de grandes paredões verticais, com trechos em negativo. Essa ascensão pode durar dias, e os escaladores podem ter que pernoitar ancorados às paredes da montanha, utilizando, para isso, barracas especiais. Esse tipo de escalada requer grande experiência técnica, além de preparo físico e psicológico. Beck (2002, p. 150) nos indica que, após o escalador se familiarizar com as técnicas de escalada livre e aprender também os rudimentos da escalada artificial, nada mais justo que testar suas habilidades em paredes cada vez maiores, onde um dia só não é suficiente para alcançar o topo.

Escalada Alpina: trata-se de vias de grande extensão, em ambiente de montanha, normalmente com paisagens consideradas deslumbrantes, podendo ou não incluir trechos de progressão em gelo e de escalada artificial. Possui extrema exposição às condições meteorológicas e exige elevado grau de preparação técnica, de orientação, de nutrição e de sobrevivência. Possui risco elevado de problemas de saúde relacionados a aclimatação, altitude e avalanches.

4.2.5 3 Arvorismo

É mais uma das vivências oriundas das *técnicas verticais* que representa outra possibilidade de vivenciar o lazer na natureza. O *arvorismo* é tratado como uma emocionante, moderna e segura atividade de lazer na natureza. Foi idealizado na Europa como ferramenta para pesquisadores realizarem estudos da fauna e flora de espécies que se encontram nas copas das árvores. A partir de então, praticantes de técnicas verticais foram adaptando o conceito de arvorismo “até tornar-se uma modalidade de esporte ecológico de aventura” (CANELA DE EMA, 2008, s.p.).

A atividade é realizada com equipamentos de segurança, cordas e cabos de aço suspensos em árvores, além de teias, túneis, estribos, tirolesas, entre outros. Para a segurança do praticante são usados os Equipamentos de Proteção Individual, compostos de luvas, capacete, mosquetões, cadeirinha, polias, cordas e fitas, que dão plena garantia de segurança à aventura.

Na atualidade, observa-se no entorno de Belo Horizonte uma explosão da implantação de equipamentos com essa vivência – em hotéis fazenda, clubes, parques temáticos e até em salões de festas infantis –, o que traz preocupação quanto ao gerenciamento de riscos, pois faltam profissionais capacitados para conduzir e orientar a atividade em segurança.

4.2.5 4 Pista de cordas

Consiste em uma vivência oriunda do meio militar, em particular das Forças Armadas. Foi concebida como uma pista de treinamento, confeccionada com cordas e cabos de aço, onde são exigidas habilidades físicas e técnicas para vencerem os obstáculos. Com o passar dos anos esta atividade foi se difundindo e hoje seus obstáculos transformaram-se em desafios. É facilmente encontrada em complexos ecoturísticos, como mais uma opção de lazer de aventura na natureza. Os obstáculos mais comuns são: *Falsa Baiana* (dois cabos paralelos, onde o praticante passa em pé e tem que manter o equilíbrio); *Ponte de Três Cordas*; *Comando Crawl* (corda esticada para transpor abismos ou lagos); *Cabo Aéreo*; e *Tirolesa (técnica*

vertical realizada com o uso de cordas ou cabos de aço e equipamentos apropriados, como roldanas para movimento de descensão lateral ou movimento horizontal com ângulo de inclinação que permita velocidade de descida).

O praticante precisa estar com todos os equipamentos de proteção individual, e a via deve ter sido previamente testada pelo seu operador e estar equipada com sistema de freio natural ou artificial. Um dos mais eficazes sistemas de freio é quando a tirolesa finaliza na água, em um lago, por exemplo, em que todas as medidas de segurança devem ter sido testadas e aprovadas; *Preguiça* (corda esticada onde o usuário passa pendurado como se fosse um bicho preguiça); *Rapel* (diversas variações); *Lepar* (rapel ao contrário – consiste na subida por corda); *Cabo Submerso* (cabo sobre a água – passa nadando com apoio da corda); *Passeio do macaco* (várias cordas: o usuário passa de uma a outra até ultrapassar um vão normalmente com areia ou água na parte de baixo); *Passeio do tarzan* (corda que passa sobre um posso d'água); entre outros. Os complexos de arvorismo, para diversificarem seus obstáculos, copiaram muitos equipamentos existentes na Pista de Cordas. Estes obstáculos também são facilmente vistos em programas de auditório como opção de entretenimento competitivo, normalmente incrementados com outros equipamentos para aumentar o grau de dificuldade. Os participantes disputam entre si, e o vencedor é o que concluir a pista o mais rápido possível.

4.2.6 Atividades Aquáticas

As atividades aquáticas nos esportes e atividades de lazer na natureza podem ser realizadas em variadas modalidades, e em todas elas, para a segurança dos participantes, é obrigatório o uso de colete salva-vidas. Enumeramos as mais comuns: *aquatrekking* (caminhar pelo leito de rios rasos, onde existem pontos em que se tem que nadar passando por pedras ou em partes rasas e pequenos poços de água); *natação* (em lagos ou rios); *costeira* (natação no mar); *boia-cross* (normalmente descida de rios, remansos ou transposição de represas ou lagos utilizando bóias); *canoagem* com *ducks* (botes infláveis), que normalmente são duplos, ou seja, para duas pessoas, o que não impede de serem utilizados

individualmente; para isso, basta inverter o bote de lado, a fim de que o praticante fique sentado em uma posição mais central na embarcação. Outros tipos de embarcações tipo canoas também são utilizados, normalmente de plástico ou de fibra, e podem ser simples ou duplos; e *rafting* (grande bote inflável com maior capacidade de pessoas para descer corredeiras coletivamente); neste caso, é necessário também o uso de capacete como equipamento de segurança.

As práticas com embarcações necessitam de treinamento específico para utilização de remos, tanto para dominar a técnica correta de manter a dirigibilidade da embarcação, bem como para evitar lesões por esforços físicos repetitivos com a postura errada. Outras atividades na água são os esportes realizados com pranchas, como destacam Lauro e Danucalov (2005), normalmente praticados em ondas marítimas: *longboard*, *surf*, *wakeboard*, *snowboard*, dentre outros.

Dentre as modalidades subaquáticas, temos as práticas de mergulho, que podem ser vivenciadas no mar, em represas e cavernas que tenham formação de poços. Essa vivência pode ser realizada somente com os equipamentos básicos (*snorkel*, máscara facial e nadadeiras) ou com equipamento autônomo de mergulho, que, além do equipamento básico, utiliza colete equilibrador, cilindro, válvula reguladora e cinto de lastro. Esta prática demanda curso ou treinamento específico devido a problemas de saúde que podem ser gerados caso não se utilize as técnicas corretamente.

4.2.7 Corrida de Aventura

A corrida de aventura é uma atividade que, sozinha, pode reunir diversas vivências citadas nos tópicos anteriores e ainda abre a possibilidade para que outras sejam incluídas. É uma prática esportiva junto à natureza, que requer que os competidores dominem um rol diversificado de técnicas e tenham um bom preparo físico.

Ferreira (2003) destaca que, no Brasil, as corridas de aventura foram introduzidas no final dos anos 90, inspirada em uma modalidade praticada na Nova Zelândia. No ano

de 1998, foi organizada a primeira corrida de aventura do país, denominada *Expedição Mata Atlântica* (EMA).

Wladimir Togumi²¹ ratifica que a primeira prova ocorrida no país foi a *Expedição Mata Atlântica*, em 1998, e complementa que o objetivo foi unir o esporte, a aventura e a preocupação com a conscientização ambiental através de campanhas educativas ou ações ambientais. Essa prova teve a duração de 03 (três) dias e percorreu 220 (duzentos e vinte) quilômetros.

A corrida de aventura é um evento geralmente competitivo, sem paradas obrigatórias, que conta normalmente com a participação de equipes. Em alguns casos pode ser chamada de uma expedição com horário limite. O objetivo é ser a primeira equipe completa a cruzar a linha de chegada. Em geral, as equipes devem ser mistas, formadas por competidores masculinos e femininos. (ADVENTUREMAG, 2010, s.p.). No ano de 2004, a empresa Planetaventuras lançou no Brasil a categoria individual, conhecida também como *solo*, que se propagou por todo o país. Nos dias atuais, as categorias mais comuns são quarteto, dupla e solo.

As origens das corridas de aventura estão ligadas à corrida multi-esportiva (corrida em montanha, canoagem e *mountain bike*) realizada na Nova Zelândia, chamada *Coast to Coast*. A primeira edição aconteceu em 1980 e foi o primeiro evento multi-esportivo realizado junto à natureza. Essa corrida foi criada numa época em que os sujeitos estavam procurando se aproximar da natureza por meio da criação de novas atividades esportivas, e romper com o chamado esporte tradicional. [...]

O passo seguinte para o crescimento da popularidade das corridas de aventura foi a criação do *Raid Gauloises* (comumente conhecido como *Raid*), realizado pela primeira vez na Nova Zelândia, em 1989, a primeira corrida multi esportiva de longa duração, quando foi exigida a formação de equipes mistas. A criação dessa corrida foi um marco para a transformação do esporte, pois envolvia, numa mesma competição, homens e mulheres, criando assim um novo significado para as corridas de aventura. A possibilidade de a mulher competir numa mesma equipe em que homens competem caracteriza uma nova forma de organização esportiva. A partir dessas transformações, novos significados surgem no âmbito das corridas de aventura.

Criado por Gerard Fusil, o *Raid* rapidamente popularizou as corridas de aventura na Europa (principalmente na França, país de Fusil), Austrália e Nova Zelândia, por meio do *marketing* da empresa de Fusil. Para muitos, o evento foi visto como o maior teste de resistência humana. O *Raid Gauloises* passa por locações diferentes em todo o mundo, anualmente.

Apesar de ser bastante conhecido e ter um rápido crescimento na Europa, Austrália e Nova Zelândia, o esporte era praticamente desconhecido na

²¹ Repórter especializado em coberturas sobre as Corridas de Aventura, da página eletrônica <<http://www.adventuremag.com.br>>

América do Norte, até o momento em que Mark Burnett, empresário e competidor de duas edições do *Raid Gauloises*, criou o *Eco-Challenge* e firmou parceria com o *Discovery Channel* para transmitir o evento em todo o mundo. A primeira corrida aconteceu em *Utah* em 1995 e conseguiu alcançar o mesmo *status* do *Raid*. Desde então, muitas corridas surgiram em todo o mundo, principalmente os eventos com um e dois dias de duração.

Atualmente, existe um circuito mundial (*Adventure Racing World Series*) de corridas de aventura, que engloba as principais competições realizadas em todo mundo. (FERREIRA, 2003, p. 17; 20-21).

As competências mais comumente exigidas são: *orientação, trekking, mountain bike, canoagem e técnicas verticais*. Existem diferentes formatos e durações de provas, indo de curta duração, com aproximadamente 10 (dez) horas, até expedições de até 15 (quinze) dias. “O percurso leva os participantes através de locais remotos e selvagens onde devem ser autossuficientes. Cada equipe precisa ter uma boa estratégia para determinar a melhor rota, equipamentos e alimentação para obterem êxito” (ADVENTUREMAG, 2010, s.p.).

Atualmente a Corrida de Aventura já se consolidou no cenário nacional e conta com circuitos espalhadas por todo o Brasil. Apesar de ser uma modalidade esportiva que exige muito preparo físico e técnico, é comum ver inúmeros participantes que não estão ali para vencer a prova, e sim para participar. Seu intuito é vivenciar uma atividade de lazer na natureza, buscando uma fuga do cotidiano estressante dos grandes centros urbanos, e até mesmo conhecer e testar seus limites físicos e psicológicos. Já existe uma adesão considerável de pessoas que treinam e se preparam para as competições, no entanto, é grande a participação dos chamados “atletas de final de semana”.

São diversas as razões pelas quais as pessoas participam das corridas de aventura, contudo a maioria delas está relacionada com a ideia de enfrentar um desafio e conseguir vencê-lo. O senso de recompensa dessas pessoas é muito maior no final. Nem todos os participantes possuem objetivos competitivos, pois muitos a praticam como uma atividade de lazer junto à natureza.

De início, a corrida de aventura é uma oportunidade das pessoas se desafiarem. É uma chance de testar, ou até mesmo redefinir seus limites. Há muito mais nas corridas de aventura do que estar em forma. Qualquer um que queira testar seus limites pode participar de uma corrida de aventura. De fato, não é preciso terminar uma prova para colher os louros, porque não são todos os percursos que são montados para que todos terminem. (ADVENTUREMAG, 2010, s.p.).

Atualmente temos assistido a um grande desenvolvimento da Corrida de Aventura, com circuitos e provas em todas as regiões do Brasil e em quase todos os Estados brasileiros. Particularmente em Minas Gerais, local desta pesquisa, os principais eventos competitivos e circuitos de Corridas de Aventura ocorridas nos últimos cinco anos foram: *Expedição Estrada Real de Corrida de Aventura*, *Ecogerais*, *Ecoman*, *Das Grutas*, *Esportes Livres*, *Biker Minas* e *Brou Aventuras*. Em todas essas competições, a realização das provas funcionou de forma autônoma, sem grandes incentivos públicos ou privados. No entanto, conseguiu-se divulgar e fomentar o esporte no Estado com participação de atletas de todo o Brasil.

Em todo o país há uma tentativa de organização em Federações e Associações para buscar o fortalecimento da Corrida de Aventura, e com isso alcançar recursos e patrocínios através da Lei de Incentivo ao Esporte, para que se tenham melhores condições para os organizadores em todo o Brasil, de forma mais compartilhada, como já ocorre em outras modalidades esportivas.

Nesse esforço de profissionalização do esporte, o início da fundação da Confederação Brasileira de Corrida de Aventura (CBCA) foi em março de 2010, na cidade de Gravatá, em Pernambuco, com o “1º Encontro Nacional de Federações de Corrida de Aventura”. Um segundo encontro foi agendado, no entanto não chegou a ser realizado; então, aproveitou-se o *Ecomotion*²² no ano de 2011, ocorrido em Porto Seguro/BA, oportunidade que teve a presença de atletas, organizadores e dirigentes das federações de quase todo o Brasil para fazer um novo encontro que contou com representantes do Paraná, Rio de Janeiro, Pernambuco, Espírito Santo, Minas

²² Considerada a maior competição de Corrida de Aventura do Brasil, é realizada uma vez por ano com percursos de aproximadamente 500 quilômetros com participação de equipes constituídas por quartetos mistos contendo atletas do Brasil e de outras partes do mundo. No ano de 2009, o *Ecomotion* foi realizado em Minas Gerais, na Serra do Espinhaço. A largada da prova foi dada ao lado da estátua do Juquinha, na Serra do Cipó, e a chegada foi na cidade de Diamantina/MG, com

Gerais, São Paulo, Goiânia e Bahia. Nessa oportunidade, trataram de algumas diretrizes para o futuro da Corrida de Aventura no Brasil. Em 30 de abril de 2011 foi constituída e fundada legalmente a CBCA, cuja diretoria possui integrantes de Federações e Associações de vários Estados do país, demonstrando a abrangência nacional da modalidade.

Após a fundação da CBCA, a primeira reunião oficial com os integrantes da diretoria aconteceu em março de 2012, em Belo Horizonte/MG, onde foram tratados vários temas de seu estatuto, que objetiva difundir, promover, fomentar, regular, gerir, administrar, fiscalizar juntamente com as federações e associações, com foco no progresso da modalidade. Em uma das reuniões do encontro foi decidida a realização, no Estado do Espírito Santo, do *1º Campeonato Brasileiro de Corrida de Aventura*, proposta que já contou com incentivo Estatal, uma possibilidade que até pouco tempo não ocorria no Brasil. Outra deliberação dessas reuniões foi informar que a Corrida de Aventura possui caráter desportivo, ecológico, educativo, cultural e recreativo.

Após esse grande passo, as expectativas são que o esporte se desenvolva de forma mais organizada, o que poderá trazer incentivos e benefícios, inclusive prever atividades e projetos como forma de inserção social, com o esporte Corrida de Aventura.

4.3 Vertentes do lazer na natureza e indícios do perfil dos praticantes

Na última década foi percebida uma busca pelo lazer fora da cidade, o que abre uma infinidade de possibilidades de vivências e impulsiona novas frentes de formação e de atuação profissional. O lazer junto à natureza possui várias vertentes, portanto a forma de construção e aplicação de conhecimentos pode ser variada, proporcionando possibilidades para diversas dimensões da formação e atuação do lazer.

percurso de aproximadamente 480 quilômetros. No ano de 2012 a prova ocorreu de 11 a 20 de maio, na Chapada dos Veadeiros, no Estado de Goiás.

A Confederação Brasileira de Orientação (CBO) indica quatro vertentes para a prática de orientação, que também são interessantes para outros esportes e atividades de lazer na natureza:

- A **vertente competitiva** constitui-se num conjunto de ações destinadas a formação do atleta, à busca da vitória, e ao trabalho dos clubes, com o principal escopo de determinar o crescimento do desporto.
- A **vertente ambiental** diz respeito à produção das normas de proteção ambiental da competição, às regras e às ações educativas que envolvem organizadores e atletas, tendo como objetivo assegurar o mínimo de impacto ao meio. Nesta situação, onde o campo de atuação é o meio natural e o praticante é levado a respeitar o *habitat* dos animais e as áreas sensíveis, cria-se uma relação íntima do homem com a natureza.
- Como **produto de turismo**, a orientação é uma atividade que promove o deslocamento de pessoas para a prática do lazer e esporte de forma recreacional e competitiva, em ambientes naturais e espaços urbanos, envolvendo emoções e riscos controlados, exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos e a adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural.
- A **vertente pedagógica** corresponde ao conjunto de ações que visam colocar os esportes Orientação a serviço do aluno. Nesse caso, procura-se a melhor qualidade do ensino e a motivação do aluno, não importando a performance; mas, sim, a participação, visando à formação do indivíduo para o exercício da cidadania e para a prática do lazer. (CBO, 2010, s.p.).

As quatro vertentes citadas anteriormente também são abordadas no artigo intitulado *Aventura e Ensino Superior: as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, no qual são abordados os cursos oferecidos pela Escola de Educação Física da UFRGS. O autor afirma que os referidos cursos “integram-se ao conjunto de atividades de pesquisa, ensino e extensão do programa AFAN, e se desenvolveram semestralmente entre março de 2001 e julho de 2004” (p. 93). O autor complementa afirmando que foram atendidos 625 alunos de ambos os sexos, sem experiência anterior, em sete semestres ininterruptos, e, diante da abrangência, os cursos desenvolveram seus conteúdos com base nas vertentes: “competitiva, ambiental, pedagógica e turística” (COSTA, 2005, p. 93).

Paralelamente às vertentes citadas acima, pode-se pressupor que no âmbito do lazer na natureza exista outra vertente que tenha um viés econômico, e seja capaz de gerar um mercado de trabalho e renda para os atores envolvidos direta ou indiretamente. Podem, assim, ser constituídos grupos de profissionais ou empresas

que disponibilizam o lazer na natureza, a aquisição de produtos e equipamentos específicos, bem como a contratação e prestação dos serviços periféricos a essas vivências. Contudo, o grande crescimento dessas atividades, gerando diversos interesses lucrativos sobre venda e comercialização de equipamentos, produtos e serviços vinculados a essas práticas – que em geral são voltadas para uma classe social privilegiada – nos leva a refletir sobre o surgimento da vertente econômica: será que ela fará com que a alienação voraz, sempre presente na lógica do capital, dominará as atividades de lazer na natureza?

Para refletir sobre isso, um fator importante é não priorizar a vertente econômica por si só, posto que o lazer deva ser muito mais do que um gerador de lucro, como destacam Werneck, Stoppa e Isayama (2001), na obra *Lazer e Mercado*. Os autores evidenciam diversos aspectos relevantes sobre a aplicação profissional do lazer, mostrando a importância do lazer como ações cidadãs e interações socioculturais que são indispensáveis no cumprimento das funções integradoras e sociais do lazer.

Sobre o viés econômico, não podemos cair nas “armadilhas” da lógica do sistema capitalista, em que “a formação pode servir para a adaptação e reprodução do indivíduo ao sistema capitalista, sendo, portanto, necessário definir uma educação que supere a adaptação e a reprodução desse sistema” (FIGUEIREDO e ALMEIDA, 2010, p. 100).

Outro aspecto a ser discutido neste tópico relaciona-se com o perfil dos praticantes dessas vivências de atividades de lazer na natureza. Alguns trabalhos dão pistas interessantes para se conhecer um pouco mais os interessados nesse tipo de vivência, tais como: *Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida* (TAHARA e SCHWARTZ, 2003) e *Pesquisa sobre perfil de corredores de aventura* (ROOS, 2003).

Os autores desses trabalhos abordam diversos aspectos como faixa etária, grau de instrução, atividade profissional, condição econômica, tempo disponível para o lazer na natureza, preferências de atividades, além de outros parâmetros que dão subsídios para ajudar na compreensão sobre a busca do praticante em campo, e

também sinalizam indícios sobre algumas competências pertinentes à atuação profissional nesse âmbito.

A pesquisa “*Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida*” foi realizada com uma amostra de 25 pessoas, de ambos os sexos, com faixa etária de 22 a 58 anos, todos frequentadores do Parque das Cachoeiras e Cachoeira do Paraíso, localizados em Ipatinga/MG. Segundo os autores, a escolha desse local foi por oferecer inúmeras oportunidades da relação homem-natureza, “principalmente por possuir, como cenário, trilhas, cachoeiras, montanhas, serras, entre outros” (TAHARA e SCHWARTZ, 2003, s.p.). A investigação foi de natureza qualitativa e teve por objetivo central levantar as atividades na natureza, usufruídas no âmbito do lazer, bem como identificar os motivos de interesses da população e frequência semanal de prática, em relação a tais manifestações. Quanto ao instrumento para a coleta de dados, foi desenvolvida por meio de uma entrevista aberta.

Para a amostra, os resultados evidenciam que, no ambiente pesquisado, as *trilhas* e o *rapel* foram as atividades mais praticadas. A frequência semanal foi de três finais de semana por mês; em que os principais interesses dos pesquisados foram melhorar a qualidade de vida e experimentar novos desejos e emoções. Com base nos resultados do estudo, os pesquisadores concluíram que:

Tais práticas, através da experiência significativa por elas proporcionada, tendem a despertar em seus adeptos sentimentos contemplativos e emotivos, filtrado em desejos e valores, fundamentados numa ética de profundo respeito perante a biodiversidade da natureza. Torna-se possível, com base nos resultados do estudo, reconhecer, de maneira mais facilitada, as potencialidades e abrangência dos níveis qualitativos que a interação humana com o meio natural pode representar. Torna-se, desta forma, bastante instigante aprofundar as reflexões sobre estas temáticas, a fim de ampliar as discussões e conhecer melhor o potencial do universo focalizado, no que tange às perspectivas de melhoria dos aspectos qualitativos da existência. (TAHARA e SCHWARTZ, 2003, s.p.).

Para contribuir com a discussão foi escolhida uma pesquisa que abordasse práticas variadas de atividades de lazer na natureza. Nesse contexto, adotamos o trabalho: “*Pesquisa sobre perfil de corredores de aventura*”, conduzido por Roos (2003), que teve como objetivo identificar alguns traços do perfil dos Corredores de Aventura

brasileiros, com intuito de subsidiar trabalhos futuros direcionados para esse segmento.

A pesquisa tinha a seguinte pergunta como título: “*Quem são os corredores de aventura do Brasil?*” (ROOS, 2003, s.p.). Havia ainda outras 23 perguntas, que foram respondidas por mais de 300 usuários dos sites de esportes de aventura ADVENTUREMAG e SULBRASILIS, de São Paulo e Florianópolis respectivamente.

A pesquisa foi realizada no ano de 2003, no momento em que a corrida de aventura estava bem latente e começava a sair de São Paulo, berço da modalidade no país. Apesar da pouca difusão da modalidade à época, a investigação contou com dados qualitativos significativos e com uma participação considerável de praticantes, que responderam a um questionário. Este instrumento abordou questões de preferências e experiências esportivas, dados sócio-econômicos e grau de escolaridade dos praticantes de corridas de aventura, que é um segmento que contempla variados esportes e atividades de lazer na natureza, tanto competitiva como de lazer contemplativo.

Na fonte investigada, o pesquisador não realizou, ou pelo menos não disponibilizou, uma análise crítica ou conclusiva sobre os resultados obtidos, que foram expostos em forma de gráficos quantitativos. Ao analisar os dados apresentados, saltam aos olhos algumas considerações sobre o perfil do corredor de aventura, que certamente dão indícios sobre o perfil de praticantes de atividades de lazer na natureza, pois suas vivências são bem semelhantes, diferenciando para alguns adeptos o fato de ser competitiva, no lugar de contemplativa.

Com a pesquisa vários segmentos que dialogam com a multiplicidade de atividades podem direcionar estratégias para preencherem lacunas ou para buscar o aprimoramento de alguns fatores, ou, ainda, suprir as necessidades dos praticantes. Ao analisar a pesquisa sobre o perfil dos corredores de aventura, constata-se o seguinte:

A amostra da pesquisa indicou que os praticantes de corridas de aventura, no ano de 2003, eram oriundos principalmente do *mountain bike* e *trekking*, com 25 e 23%

respectivamente; 12% praticavam *escalada*; e com 8% cada um, ficaram as práticas de *orientação* e *surf*; 6% eram *triatletas* e 19% faziam outras atividades esportivas, sendo que mais da metade optou por essas vivências de forma não competitiva (57%), com foco em uma atividade física, contemplativa ou mesmo como *hobby*. Metade deles, ou seja, 50% dos sujeitos pesquisados já praticavam a corrida de aventura no período compreendido entre 6 meses e 2 anos, sendo que 53% haviam participado no máximo 5 vezes. A preferência de distâncias a serem percorridas durante a prova de 61% dos praticantes era de 50 a 120 km. Transformando-se essa distância em horas, verifica-se uma participação contínua de 8 a 24 horas de atividades. Essa preferência equacionava-se praticamente meio a meio entre os que preferiam as provas de 50 a 80 km e os que optavam por de 90 a 120 km. A maior parte dos participantes da pesquisa tinha interesses competitivos não profissionais na Corrida de Aventura em primeiro lugar (54%), seguidos (15%) do interesse por lazer. Posteriormente, em terceiro lugar (13%), o interesse consistia em uma opção de atividade física relacionada à saúde.

No perfil profissional e sócio-cultural, a maioria (76%) trabalhava no setor privado, 64% eram solteiros e não tinham filhos (73%), e mais da metade já não moravam mais com os pais (58%). Mais de 70% tinham a faixa etária acima de 25 anos, e destes 36% possuíam entre 30 e 40 anos de idade. Grande contingente da amostra (80%) já possuía ou estava cursando formação superior (graduação e pós-graduação). E 75% dos que responderam ao questionário já haviam viajado para o exterior.

No perfil econômico a renda individual de 51% da amostra variava entre 6 a 20 salários mínimos, e a renda familiar de metade dos participantes girava em torno de 21 a 41 salários mínimos. Naquela época (2003), mais de 60% já possuíam acesso a internet banda larga e TV a cabo (64 e 67%, respectivamente). Apenas 18% dos pesquisados não possuíam veículo automotor e 29% possuíam dois ou mais veículos. Observou-se ainda que 60% dos participantes possuíam bicicleta (cujo custo, na época, variava entre R\$ 1.201,00 e R\$ 4.000,00); destes, 9% com custo acima de R\$ 4.000,00. E 62% dos pesquisados apontaram como a maior dificuldade encontrada para participarem das provas o alto custo. Essa lógica também foi abordada por Araújo (2006a):

A Corrida de Aventura ainda é conhecida como um esporte das elites, ou seja, das classes média, média-alta e alta, isto, graças a investimentos dispendiosos por parte dos praticantes em equipamentos e materiais para a prática das diversas modalidades do esporte, em preparação física, em alimentação especial, no tempo destinado aos treinamentos e nas taxas de inscrição que são mais caras, por causa dos gastos na estrutura organizacional. (p. 35).

Apesar da afirmação acima, temos visto uma maior popularização da corrida de aventura, graças à difusão e proliferação de participantes em competições, circuitos e federações espalhadas pelo Brasil. Isso fez com que aumentasse o número de participantes, gerando uma redução nos custos das inscrições, e também um maior apoio de entidades públicas e privadas, reduzindo também o custo operacional.

Em suma, o primeiro capítulo desta dissertação evidenciou que os esportes e atividades de lazer na natureza, com sua diversidade de vivências, são praticados próximo aos centros urbanos, deixando pendentes as indagações que guiaram a pesquisa. Para isso, foi necessário buscar fundamentos sobre a temática da formação profissional, assunto central do próximo capítulo.

5 CAPÍTULO 2 – FORMAÇÃO PROFISSIONAL

5.1 A formação profissional no campo do lazer na natureza

Este capítulo compromete-se com a busca de fundamentos sobre a temática da formação profissional no âmbito do lazer. Gomes (2011, p.36) ressalta a existência de uma multiplicidade de significados para a palavra 'formação'. Segundo a autora, a formação “[...] não acontece exclusivamente nas instituições formais de ensino, sendo determinantes para o processo formativo as influências exercidas pela família, pelos amigos, pelo trabalho, pela política, pelos meios de comunicação, etc.”. No conjunto de suas reflexões, é destacada a importância das instituições formais de ensino no processo de formação profissional, esclarecendo que a formação ocorre em distintos contextos, com base nas experiências vividas pelos sujeitos. De acordo com o entendimento da autora, é cada vez mais relevante buscar

[...] a formação de profissionais que questionem a realidade, analisem o sentido de seu exercício profissional e assumam uma atitude reflexiva em face da complexidade dos processos sociais e das contradições de nosso meio, fazendo do lazer não um mero e alienante produto a ser consumido, mas uma possibilidade lúdica, crítica e significativa a ser vivenciada com autonomia e responsabilidade. (GOMES, 2011, p. 37).

Em um trabalho anterior, Werneck (1998) levantou questões acerca da formação profissional, afirmando que o processo formativo em lazer não se restringe ao “simples processo de transmissão de saberes, mas de nossa própria constituição enquanto sujeitos, e de nosso posicionamento no seio das variadas divisões socioculturais inscritas em nossa realidade” (p. 61).

Isayama (2004), fundamentando-se em Werneck, entende que é necessário esclarecer que o lazer está inserido em um campo multidisciplinar e possibilita a concretização de propostas interdisciplinares, no qual existe a participação de profissionais com diferentes formações. Contudo, “lamentavelmente, ainda se pensa que, para atuar na área, não é necessário ter formação específica e aprofundada sobre o tema” (ISAYAMA, 2004, p. 93). Nesse sentido, são necessários esforços para que a formação de profissionais contemple conhecimentos teórico-práticos sobre o lazer.

Em outra obra, o autor evidencia que a formação profissional no âmbito do lazer se concretiza a partir de duas perspectivas: uma delas enfatiza um profissional mais técnico, cuja preocupação central é com a instrumentalização técnica e com o domínio de procedimentos e metodologias. Essa perspectiva atribui menor importância às reflexões de cunho acadêmico e sistematizado, que são de fundamental importância no processo de atuação profissional no âmbito do lazer. A outra perspectiva abordada pelo autor propõe uma formação profissional voltada para o conhecimento, com abordagens culturais e críticas, que se dá por meio da construção de saberes e competências alicerçadas na compreensão do papel social do profissional na educação para e pelo lazer (ISAYAMA, 2005a).

Nessa mesma direção, Bustamante e Rangel (2002) já levantaram pontos importantes afirmando que “cabe também à pesquisa refletir sobre os conhecimentos práticos advindos da experiência, na tentativa de estabelecer relação com a realidade do profissional” (p. 111).

Corroborando com essa ideia, Werneck (2000) destaca: “[...] o formar assume um sentido construtivo, que busca levar o profissional a encontrar o seu próprio caminho, a transformar-se, a evoluir, a refletir, a relacionar-se com trocas interdisciplinares enriquecedoras e significativas” (p. 145). E ainda complementa com a seguinte reflexão:

É imprescindível realizar empreendimentos coletivos, explorando trocas de saber na vivência da diversidade em suas inúmeras interfaces com a cultura, com o meio ambiente e com a sociedade, respeitando as diferenças, dialogando com a pluralidade de doutrinas, defendendo os direitos humanos redescobrimo os significados dos conhecimentos e das experiências compartilhadas por todos em suas vivências com o lazer. (WERNECK, 2000, p. 146).

Pinheiro (2005), baseado em Müller²³, é outro autor que disserta sobre essas reflexões em um estudo do perfil dos profissionais de Lazer e Recreação em Florianópolis:

²³ MÜLLER. A.. O animador cultural do lazer. *Revista Cinergis*, v. 2, n. 1, p. 23-43, jan./jun., 2002.

Müller (2001, p. 29-30) adverte que não se deve pensar que basta nascer com essas qualidades e se está pronto para trabalhar com lazer e recreação, (...) necessita de formação técnica para sua atuação no lazer, mas é indispensável que possua uma formação reflexiva permanente que lhe oportunize saber o porquê, o para quê e como desenvolver seu trabalho. (PINHEIRO, 2005, p. 134).

Marcellino (2000) também aborda a questão da formação e da atuação profissional em algumas de suas publicações sobre o lazer. O autor destaca que precisamos nos preocupar com o tema, sendo essencial formar e reciclar o profissional do lazer para reverter a perspectiva do lucro fácil, restrita à venda de “pacotes de prazer” voltados simplesmente para o divertimento e para passar o tempo. Nessa perspectiva, o lazer é muito mais do que desviar a atenção do público em determinado momento. Reforçando essas ideias, o autor traz um exemplo e faz a seguinte crítica:

O engodo dos parques temáticos, alternativa que sempre considerei extremamente duvidosa para a nossa realidade, num país com sólidas tradições culturais e pleno de belezas naturais, mas que aí está e não pode ser ignorada, é apenas um daqueles casos que se apresentavam como organização que resolveria os problemas de emprego e mercado de trabalho. (MARCELLINO, 2000, p. 129).

O autor assinala que, em muitos empreendimentos, a programação recreativa é conduzida sem considerar as características dos participantes e, muitas vezes, faz parte da equipe apenas um profissional de lazer. E completa: “o ‘grosso’ das atividades é desempenhada por mão-de-obra barata, descartável, de uma habilidade, ou para serviços gerais” (p. 129).

As críticas destacadas por Marcellino são reforçadas pelas reflexões de Isayama (2005a), quando o autor indica que, atualmente, existe a tendência à comercialização das propostas de formação profissional, que restringe a compreensão sobre o lazer. Apesar de este ser considerado um “filão no mercado” que abre oportunidades de ganhos, geralmente vem sendo associado ao consumo alienado de bens e de serviços.

Werneck (1998) também indica que a busca profissional no âmbito do lazer vem ganhando adeptos a cada dia, por ser considerada uma atividade profissional promissora. Na contemporaneidade, o lazer vem ganhando cada vez maior importância, sendo esta fundamentada na descoberta de um mercado promissor,

que é “capaz de gerar lucros significativos para aqueles que detêm as regras desse jogo de poder social e político praticado em nosso contexto” (WERNECK, 1998, p. 50). Seguindo essa perspectiva,

[...] o lazer se transforma em mais um rentável produto da sociedade do consumo, que tem como objetivos primeiros o entretenimento e a distração alienados, algo para se matar o tempo e para escapar do tédio (...). Não há preocupação com uma análise mais consistente sobre o seu significado sociocultural e político da vida das pessoas, bem como sobre as contradições que permeiam em nosso contexto.

Não podemos negar que a demanda pela formação profissional no lazer sofre influência dessa situação, pois muitos são atraídos pelas possibilidades lucrativas que essa área, em pleno processo de expansão na sociedade de hoje, pode proporcionar. (WERNECK, 1998, p. 52).

Em contrapartida, muitas vezes a atuação profissional no lazer fica prejudicada por ainda não receber a devida importância, uma vez que outras necessidades do cotidiano social como o trabalho, a saúde, a segurança, entre outras, entram em uma hierarquia de prioridade, deixando o lazer em segundo plano. Seguindo essas reflexões, a autora afirma que “o acesso ao lazer desenvolvido numa perspectiva crítica e criativa fica muito mais limitado ainda, principalmente por ser considerado como algo ainda supérfluo e dispensável para muitas pessoas” (WERNECK, 1998, p. 50).

A reflexão sobre o lazer, nessa perspectiva, também é destacada por diversos autores, dentre eles Bustamante e Rangel (2002), Corrêa (2002 e 2009), Isayama (2005) e Figueiredo e Almeida (2010). Nesse âmbito,

[...] a reflexão *na* e *sobre* a ação é fundamental para o papel que este profissional possui em humanizar as relações interpessoais e contribuir na formação de cidadãos críticos, criativos e questionadores. Neste sentido, o ensino reflexivo não está sendo relacionado apenas com a formação de docentes, mas de um profissional que atua também em outras áreas de formação. (BUSTAMANTE e RANGEL, 2002, p. 109).

Nessa mesma linha de pensamento, Isayama (2005a) indica que a formação profissional no campo do lazer necessita ser pautada em variadas competências, sejam elas técnicas, científicas, filosóficas e pedagógicas, dentre outras, e também no conhecimento crítico de nossa realidade. O autor completa que:

Há muito que fazer no âmbito da formação para atuar no campo do lazer, no entanto é preciso fornecer elementos para a consolidação de um profissional crítico, criativo, questionador, reflexivo, articulador, pesquisador, interdisciplinar que saiba praticar efetivamente as “teorias” que propõe a grupos com os quais vai atuar. (ISAYAMA, 2005a, p. 16).

Considerando a importância da interdisciplinaridade, Corrêa (2002) salienta a necessidade de uma formação que vá além das exigências do mercado, formando profissionais capazes de questionar a realidade, com uma visão crítica e criativa. O objetivo apontado pelo autor é construir práticas pedagógicas coletivamente.

As reflexões sobre a formação profissional no âmbito do lazer na maioria das vezes nos remetem a uma perspectiva de futuro sobre o que é necessário, e ainda como deveria ser. Mas será que a formação profissional, atualmente, está dando conta de articular as competências necessárias com viés crítico e criativo desejáveis para se atuar profissionalmente no lazer? Esta é uma questão que perpassa este trabalho ao analisar a formação dos profissionais que atuam com lazer na natureza onde são investigados diversos aspectos, como as relações entre a teoria e a prática.

Werneck (1998) explica que a relação entre a teoria e a prática constitui uma das questões básicas na formação específica de um educador, sendo também um dos pontos centrais de reflexão na busca de alternativas para a formação profissional. A autora faz uma analogia entre teoria e prática, comparando o trabalho intelectual com o manual. Ela afirma que “outro problema que fortemente integra a problemática da formação profissional como um todo é a questão da relação entre teoria e prática, presente ao longo da história do pensamento humano ocidental” (WERNECK, 1998, p. 54). No próximo tópico serão trazidas à tona outras reflexões sobre essa relação.

5.2 A teoria e a prática em uma articulação reflexiva e crítica

Outra reflexão de grande relevância a ser pontuada neste trabalho é a questão da teoria e da prática na formação e atuação dos profissionais, sendo possível encontrar vários pontos de vista acerca dessa relação.

Os estudos que abordam a dicotomia entre a teoria e a prática instigam reflexões sobre a indissociabilidade entre ambas. Taffarel (1993), apoiada em um trabalho de Freitas, cita que, no documento final do “V Encontro Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador”, foram destacados os componentes considerados essenciais nas propostas acerca da base comum nacional. A autora ressaltou como eixos curriculares a questão da desarticulação, da dicotomização e da separação entre a teoria e a prática, explicando, ainda, que a formação precisa ser estruturada como instâncias de produção do conhecimento, de modo que se garanta a interação entre teoria e prática. Outro aspecto importante é uma sólida base teórica, que permita intervir de acordo com as necessidades da realidade. “Não se trata aqui de juntar partes de um conhecimento esfacelado, mas sim, da qualidade da formação teórica.” (TAFFAREL, 1993, p. 9). A importância de uma gestão democrática, o compromisso social e o trabalho coletivo e interdisciplinar também são destacados no documento. Além de constatar (nas expressões e representações dos professores) a predominância do praticismo, a autora afirma o seguinte:

O modo de conceber a prática relaciona-se ao útil, ou seja, o que caracteriza a relação teoria e prática é determinado de um modo linear peculiar, como um processo de refinamento da técnica pedagógica, para alcançar um progresso e aprimoramento na aprendizagem. Encontramos nestas representações uma relação técnica entre teoria e prática. (TAFFAREL, 1993, p. 113).

Essa forma de entendimento tem a perspectiva de compreender que a prática não fala por si, e que pode ter até uma condição de fundamento da teoria. É necessário que se estabeleçam relações teóricas com a própria prática. “É nesse sentido que nos valem de elementos teóricos para caracterizar as aulas em teóricas, práticas e teórico-práticas” (TAFFAREL, 1993, p. 113-114). Outra reflexão da autora elucida alguns elementos dessa relação presente na atuação profissional:

Nas discussões referentes à “teoria versus prática” esta questão é apontada como ponto crucial da dicotomia entre Educação Física como disciplina e como profissão. Criticam-se severamente as formas tradicionais de ensino, de produção fragmentada do conhecimento, opondo-se a ideia de que a Educação Física enquanto disciplina produz conhecimento e a Educação Física enquanto profissão utiliza-se desses conhecimentos. Apontam para a integração entre teoria e prática pela consideração científica dos problemas da intervenção profissional em qualquer âmbito. (p. 145).

É fundamental considerar a integração teoria-prática como possibilidade de avanço que inter-relaciona aspectos práticos, estéticos, técnicos e teóricos no processo de formação. Tais elementos precisam ser concebidos como objetivos coletivos a serem alcançados, sobretudo tratando-se do lazer, que é um campo multifacetado que abriga vários tipos de formações.

Se essa lógica se aplicar à realidade cotidiana da formação dos profissionais, teríamos uma formação centrada na construção do conhecimento de forma a ampliar a qualidade formativa e, por consequência, que contribua para uma atuação reflexiva. Nessa perspectiva, Bustamante e Rangel (2002) fazem uma crítica dando ênfase à prática, ao abordar a questão dos currículos tradicionais:

Nota-se que a abordagem exclusiva de conhecimentos acadêmicos pelos currículos tradicionais limita e dificulta a relação teoria-prática, pois o conhecimento torna-se significativo para o profissional em formação a partir dos problemas concretos e questionamentos da prática. (p. 110).

Ainda é levantada a possibilidade de se considerar a prática como eixo norteador do currículo, para equilibrar os conhecimentos teóricos com as experiências “num processo de ajustamento e reformulação constante da proposta de ensino” (BUSTAMANTE e RANGEL, 2002, p. 112).

O currículo pode apresentar-se como a concretização da formação profissional, a qual expresse a demonstração de certo domínio de conhecimentos acadêmicos ou técnicos e habilidades profissionais que podem ser um importante parâmetro de análise do perfil profissional e o potencial que norteia uma formação.

Drummond (1999), referindo-se à formação do Terapeuta Ocupacional, entende que para a concretização da formação profissional é necessário a passagem pela universidade como forma legítima do direito ao exercício da profissão, através de um título ou diploma. Esse argumento é pertinente na medida em que considera um campo de atuação profissional que, muitas vezes, enfrenta concorrência com profissionais de outras áreas, com as quais estabelecem interfaces, onde muitas vezes um profissional transita no campo de intervenção do outro. Para os profissionais do lazer, que podem ter diversificadas formações, este aspecto é ainda

mais complexo e agravado muitas vezes pela falta de aprofundamento de conhecimentos consistentes e críticos sobre o lazer. Isso porque, frequentemente, a credibilidade ou qualificação de um profissional que atua com o lazer na natureza depende exclusivamente de seu conhecimento prático.

Compartilho as ideias de Isayama (2005a), quando o autor esclarece que, na medida em que a prática torna-se o eixo da formação, tende-se a minimizar o papel da teoria no desempenho profissional. “Dessa forma, reafirma-se a dicotomia entre teoria e prática, enfatizando-se a segunda e atribuindo menor importância às reflexões de cunho filosófico, político, cultural e sociológico, fundamentais no processo de atuação profissional nesse âmbito.” (p. 12).

O autor afirma que, em nosso país, existe a formação profissional focada em formar um profissional mais técnico e preocupado com o domínio de metodologias e conteúdos mais específicos. Sendo assim, a formação volta-se para atividades e práticas cotidianas e instrumentalização técnica (ISAYAMA, 2005a). Nesse contexto, o autor ainda traz para a discussão o seguinte:

[...] a relação teoria-prática adquire função muito diferente de um simples fazer mecânico e técnico (...). A formação deve possibilitar o domínio de conteúdos que devem ser socializados, a partir do entendimento de seus significados em diferentes contextos e articulações interdisciplinares. (ISAYAMA, 2005a, p. 13).

Nessa mesma linha de pensamento, ao analisar o profissional de Educação Física, Corrêa (2009) afirma que “para atuar o profissional deve ter em mente a busca constante de uma formação ampla e específica e acompanhar as transformações acadêmico-científicas-profissionais da área” (p. 132). Entendo que essa afirmação sirva para todos profissionais que atuam nesse âmbito, pois temos visto uma lacuna no que se refere à consistência teórica no contexto da formação atual dos profissionais. O autor argumenta que deve ser assegurada a indissociabilidade “teoriaprática.”

(...) a relação entre a teoria e a prática é um dos pontos centrais no processo de formação dos profissionais que atuam no lazer. O confronto entre a teoria e prática propicia a reflexão e a busca por soluções aos problemas surgidos. (CORRÊA, 2009, p. 135).

O autor faz uma crítica às Instituições de Ensino Superior, enfatizando que os cursos de formação profissional em Educação Física, muitas vezes, possuem carga horária reduzida, e a disciplina de lazer não é contemplada com tempo suficiente para compreensão e debate que a temática merece. Essa lógica também está presente em outras formações que dialogam com o campo do lazer, o que não pode ser um fator impeditivo da busca de soluções para um entendimento mais amplo e consistente para preencher estas lacunas. Como exemplos podem ser citados os cursos de especialização, cursos livres, disciplinas isoladas, reciclagens, dentre outras possibilidades que tratam das diversificadas facetas do lazer na natureza.

Werneck (1998) também sistematiza algumas reflexões sobre a formação muitas vezes a-críticas de atividades de lazer recreativo, enfatizado em cursos e oficinas de treinamento e atualização no lazer, oferecidos esporadicamente por variadas instituições de ensino superior ou técnico em nosso país, e geralmente, abrangem apenas os aspectos técnico-metodológicos dessa área. A autora indica que a formação vai além do universo acadêmico, afirmando que

Em termos gerais, é importante destacar que a formação é ampla e autônoma em relação à universidade, indo desde a incorporação dos valores e sentimentos que estruturam a comunidade na qual vivemos, até a análise técnico-metodológica e sociopolítica da ação realizada profissionalmente: suas fronteiras diluem-se e transformam-se, pois não se restringem ao universo acadêmico. Essa tendência parece acentuar e conferir um papel cultural paralelo à universidade em relação à formação profissional no lazer. (WERNECK, 1998, p. 57).

Essa autora, em outro trabalho (WERNECK, 2000), refletindo acerca da formação profissional, afirma que o conhecimento da realidade demanda sólida fundamentação teórico-prática, que seja instrumentalizada do ponto de vista político-pedagógico e proporcione ações sobre o lazer que sejam coerentes com a luta pela formação de profissionais inseridos em um trabalho interdisciplinar, engajados e preparados criticamente, para promover a transformação das vivências de lazer consumistas e alienantes muitas vezes desenvolvidas em nossa sociedade. Assim:

Formar é fecundar ideias e pensamentos, criar dúvidas que nos retirem de posições acomodadas, mobilizando o outro de alguma maneira, É um caminho onde podemos nos colocar avessos às certezas cristalizadas, com curiosidade e desejo de saber, permitindo o aflorar do desejo do outro, para juntos (re) construirmos o conhecimento. Precisamos, assim, agregar esforços no sentido de formar profissionais capazes de construir (...) vivências teórico-práticas sobre o lazer realmente significativas, para que não mais sejam utilizadas para mascarar ou atenuar problemas sociais. (WERNECK, 2000, p. 143).

Concordo com a autora quando evidencia a importância do conhecimento profundo da realidade, focado em uma consistente fundamentação teórico-prática e na instrumentalização político-pedagógica durante a formação profissional, permitindo uma atuação interdisciplinar engajada no lazer com o empreendimento de ações críticas, coerentes e transformadoras da realidade, em busca de mudanças construtivas neste âmbito.

Contribuindo com essas reflexões, Bustamante e Rangel (2002) dizem que, atualmente, a formação profissional carece de transformações para buscar uma coerência entre a teoria desenvolvida nas universidades e a prática da realidade. As autoras afirmam que a prática

[...] constitui eixo norteador para o ensino reflexivo, pois as reflexões que surgem do diálogo entre professores e alunos com as diversas situações práticas levam a uma construção de conhecimentos. A contribuição da universidade seria buscar desenvolver uma formação centrada na reflexão sobre a realidade concreta além de possibilitar aos futuros profissionais o contato com a produção teórica acerca da prática reflexiva. Desta forma, as diferentes disciplinas curriculares contribuiriam ao buscar desenvolver a capacidade de refletir sobre os diferentes aspectos constitutivos da formação. (BUSTAMANTE e RANGEL, 2002, p. 110).

Corroborando com essa discussão, Bahia e Sampaio (2005a) discutem a temática considerando o campo das atividades de lazer na natureza e a formação de grupos praticantes de atividades de aventura no Pará. As autoras consideram que

[...] os estudos acadêmicos devem estar, minimamente, comprometidos com a capacidade de rompimento de uma lógica hegemônica voltada ao consumismo e ao conformismo, sendo capazes de denunciar, discutir e apontar alternativas viáveis dentro da área de conhecimento da Educação Física e do Lazer, chamando os atores sociais envolvidos em grupos, federações e associações na busca de posturas concretamente mais conscientes. (p. 127).

Tais reflexões precisam ganhar amplitude para alcançar uma formação consistente e fortalecida com o pensamento crítico. Ao tratar da formação inicial em Educação Física na prática docente, Barbosa-Rinaldi (2008) nos lembra que “(...) precisamos nos tornar capazes de usar facetas mais humanas e criativas de nós próprios em todas as profissões.” (p. 196). A autora fala do educador físico, mas sua intervenção auxilia a discussão do tema, considerando profissionais de outras áreas que atuam com o lazer na natureza. Nessa lógica, cada profissional possui sua particularidade e especificidade, mas a concepção de suas ações necessita compartilhar com o princípio de uma intervenção crítica e transformadora – e, para isso, a teoria e a prática precisam estar articuladas.

Ao entender que a identidade da área do professor de Educação Física é de intervenção social, acreditamos que o conhecimento instrumental não deva ser priorizado, apesar de ter sua importância. Os maiores problemas a serem enfrentados na prática docente não são os que se apresentam bem definidos e com metas consensuais, mas aqueles que, ao contrário, apresentam-se incertos, únicos, variáveis, complexos e portadores de conflitos de valores. Nesta situação, é a natureza da realidade que irá determinar as características dos procedimentos, das técnicas e dos métodos mais apropriados. (BARBOSA-RINALDI, 2008, p. 193).

Sendo assim, as relações interpessoais vão além da instrumentalização de conhecimentos a serem transmitidos, abrem-se às questões ligadas à estima pessoal e são mais amplas e reflexivas: “(...) as experiências práticas de ensino, visando o conhecimento na ação, estão presentes desde a preparação inicial, mediada pela *reflexão-na-ação*, *reflexão sobre-a-ação* e *reflexão-sobre-a-reflexão-na-ação*.” (Idem, p. 198). Dessa forma, ampliam-se as chances de que a formação de profissionais seja capaz de superar a lógica reprodutiva.

Rosa Cristino e Krug (2008, p. 72-73), em um estudo sobre um olhar crítico-reflexivo sobre a formação continuada de professores de Educação Física da rede municipal em Santa Maria (RS), criticam as estratégias de formação adotadas pelo município. Segundo os autores, a formação é caracterizada predominantemente por cursos e seminários que atualizam alguns conhecimentos, mas limitam-se a informar e não necessariamente a formar, não disponibilizando espaços adequados para a reflexão, algo indispensável quando se considera uma formação continuada para enfrentar os desafios de nossa realidade.

No artigo *Lazer e Mercado: concepções e atuação na área do ecoturismo* (CARVALHAES; *et al*, 2005), é feita uma reflexão sobre a exploração das atividades na natureza. É sinalizado que oferecer essas atividades por algumas empresas privadas pode ser “uma maneira fácil e rápida de obter lucro. Sendo assim, a preocupação com a apreciação, a educação e a preservação em si, podem ser secundárias.” (p. 145). Essa realidade pode ser vista em corporações que administram alguns espaços ou parques temáticos de lazer.

Sobre esse aspecto, alguns autores afirmam que existe certa facilidade na obtenção de lucro fácil por algumas empresas quando abordam especificamente a atuação dos profissionais na área, em termos de percepção de ganhos financeiros:

Apesar da grande divulgação pelos meios de comunicação em massa das atividades relacionadas ao ecoturismo, essa ainda não é uma atividade muito rentável. Um dos motivos que podem justificar este fato é a sazonalidade, uma vez que as atividades dependem de fatores externos como chuva, feriado e outros. (CARVALHAES, *et al*, 2005, p. 146).

Pelo exposto, as atividades de lazer na natureza não são tão rentáveis, pois possuem uma demanda irregular que depende de condições climáticas favoráveis e por ocorrerem em períodos relacionados aos finais de semana, férias, dentre outros. Com essa particularidade, pode ser algo comum os profissionais que atuam nesse campo possuírem outra ocupação profissional, encarregada prioritariamente de garantir o seu sustento. Nesse contexto, sua atuação no lazer pode ser um trabalho e uma fonte de renda secundária. Será essa a realidade dos sujeitos investigados nesta pesquisa?

A falta de regularidade remuneratória pode representar uma dificuldade para a formação que consideramos ser coerente para o profissional que atua nesse âmbito? Afinal de contas, essa atuação pode estar ligada à subsistência desse profissional, e, se ele não possui estabilidade para atuar, buscará outras fontes de trabalho, muitas vezes sem nenhuma ligação com o lazer na natureza. Com isso, poderá apresentar um desempenho ofuscado e aquém do desejado, trazendo mais entraves para um reconhecimento desse campo profissional.

Em suma, este capítulo discutiu a formação profissional no âmbito do lazer. Sem dúvida as instituições formais de ensino são importantes no processo de formação profissional, no entanto, como salientou Gomes (2011), ela é realizada e enriquecida com as experiências vividas nos distintos âmbitos e contextos. Por isso, é preciso questionar a realidade, assumindo atitude reflexiva em face da complexidade dos processos sociais e das contradições de nosso meio, nesse sentido, “fazendo do lazer não um mero e alienante produto a ser consumido, mas uma possibilidade lúdica, crítica e significativa a ser vivenciada com autonomia e responsabilidade” (p. 37).

Vários autores contribuíram com o aprofundamento da temática por meio de reflexões sobre a formação profissional no âmbito do lazer, salientando a importância dos conhecimentos teórico-práticos vinculados à competência técnica, científica, política, filosófica e pedagógica e no conhecimento crítico da realidade. Apesar da crescente demanda por lazer, precisamos nos afastar do posicionamento que reduz o lazer a um produto simplesmente destinado ao consumo, muitas vezes alienado, próprio do capitalismo. Diferentemente, o papel do profissional que atuará nesse âmbito precisa, em suas relações interpessoais, contribuir de forma crítica, criativa, articuladora, interdisciplinar e questionadora da realidade reprodutora do sistema vigente.

Assim, a formação profissional precisa ser também ética, responsável e transformadora da realidade. Considerando esses desafios, o próximo capítulo procura investigar a formação de profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza no entorno da cidade de Belo Horizonte, tendo em vista compreender como esse processo ocorre, e identificar a compreensão desses profissionais acerca de lazer e de natureza, entre outros aspectos relevantes a serem investigados sobre o objeto de estudo.

6 CAPÍTULO 3 – A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM LAZER NA NATUREZA NO ENTORNO DE BELO HORIZONTE, MG

[...] o debate sobre a formação e atuação de profissionais neste campo carece de ampliação de estudos, realizados sob diferentes enfoques e olhares, já que revela uma pequena produção existente em nosso país. (ISAYAMA; SILVA; LACERDA, 2011, p. 167 - 168).

Tomando como ponto de partida a citação acima, será analisada a formação dos profissionais que atuam com lazer na natureza no entorno de Belo Horizonte, buscando relacionar os dados coletados através de entrevistas realizadas com 15 profissionais com a literatura que fundamenta a presente investigação.

Uma das questões que guiaram esta pesquisa se relaciona com a identificação de profissionais que desenvolvem atividades de lazer na natureza, tais como: *trekking*, *mountain bike*, *técnicas verticais*, *corrida de aventura*, dentre outras.

Foi constatado que a faixa etária dos profissionais entrevistados (voluntários que participaram da pesquisa) variou de 24 a 55 anos de idade e a maioria nasceu e reside em Belo Horizonte/MG. Quanto ao gênero, dos 15 participantes apenas três são do sexo feminino.

Quase todos possuem formação superior completa em variadas áreas do conhecimento. Dos 15 entrevistados que atuam com lazer na natureza, existem quatro sem formação acadêmica e 11 graduados, sendo três em Educação Física, dois em Turismo, dois em Administração, um em Ciências Biológicas, um em Medicina, um em Matemática e um em Comunicação Visual (GRAF 1). Entre aqueles que possuem curso superior, cinco fizeram Pós-Graduação, sendo três na área de Educação Física, e um destes concluiu também o Mestrado multidisciplinar focado na Psicologia do Esporte. Um profissional é pós-graduado em Propaganda e Marketing; outro fez algumas especializações no campo da Medicina, sua área de formação acadêmica, e também realizou uma pós-graduação em Educação Ambiental.

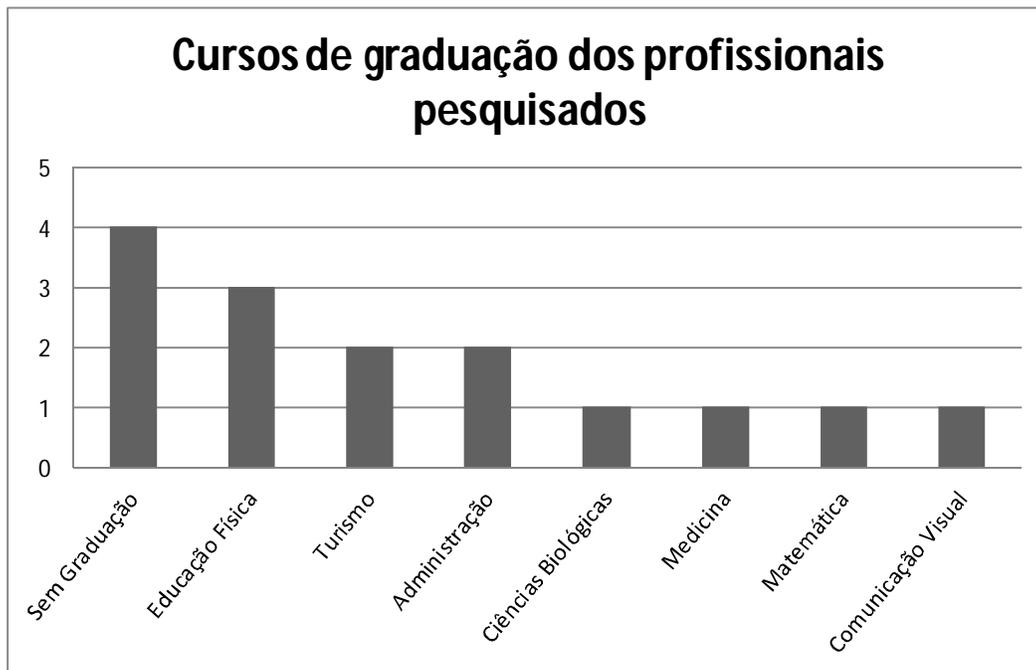


GRÁFICO 1 – Área de formação acadêmica dos profissionais analisados
 FONTE: Criação do próprio autor

Dos quatro entrevistados que não possuem formação superior completa que acabou representando a maioria, dois interromperam o curso de Economia (sendo que um deles interrompeu também a graduação em Geografia); uma, o curso de Engenharia; e outra, o curso de Belas Artes.

Dentre os graduados, foi evidente a variedade de formações dos profissionais que atuam com o lazer na natureza dentro do universo pesquisado, fato que já foi demonstrado em outras pesquisas. “Quanto à formação para atuação neste mercado profissional, percebeu-se uma diversidade nas áreas de graduação dos profissionais, contudo, dentre os que possuem curso superior, a Educação Física é a área de formação da maioria deles” (PINHEIRO, 2005, p. 140). Fato também confirmado em um estudo realizado em hotéis de lazer, onde a formação do animador é necessária, segundo seus administradores e proprietários, “dando-se destaque à Educação Física e em seguida há uma multidisciplinaridade, a formação universitária se torna um fundamento nesta área” (CORRÊA, 2002, s.p.). Nos dois estudos, o número de Educadores Físicos prevaleceu sobre o das demais formações acadêmicas. Contudo, na presente pesquisa, conforme evidenciado no

GRAF 1, predominam os profissionais sem formação acadêmica e, dentre os que concluíram o curso superior, a Educação Física não foi tão predominante em comparação com as demais áreas de formação dos profissionais entrevistados, porém mostrou-se com uma pequena vantagem numérica.

Ribeiro (2006) também destaca questões relacionadas à formação de profissionais para atuarem em acampamentos, e, fazendo uma analogia com outras áreas do lazer na natureza, podemos identificar alguns fatores em comum com outras realidades, como vemos a seguir.

Geralmente, os proprietários de acampamentos exigem formação (podendo ser ainda universitários), preferencialmente nas áreas de educação física, turismo, hotelaria, educação artística, pedagogia e psicologia, devido à diversidade das atividades oferecidas nas programações. A presença de professores de educação física ainda é a maioria, mas também estão presentes em grande número estudantes/profissionais de turismo. É indispensável que as formações dos profissionais do lazer sejam variadas, pois cada profissional, com a competência técnica em sua área, poderá proporcionar programações/vivências também bastante diversificadas e significativas. (RIBEIRO, 2006, p. 101).

Essas reflexões demonstram que a realidade encontrada no acampamento de férias, bem como em hotéis de lazer, são bem próximas de outras possibilidades desenvolvidas junto à natureza, marcadas pela diversidade de formações com maior participação de Educadores físicos. Uma grande necessidade evidenciada nas pesquisas citadas anteriormente é ter um maior foco na formação, para que a atividade profissional nesse âmbito seja reconhecida e diversificada, mas não fique no campo genérico, sem aprofundar conhecimentos específicos do lazer na natureza e da falta de disciplinas e cursos voltados para conteúdos que qualifiquem a atuação profissional. Ribeiro (2006) completa que “é urgente que os gestores dos acampamentos se preocupem com a formação dos profissionais do lazer (coordenadores e animadores) em relação à teoria do lazer” (p. 104). Essa preocupação também necessita estar presente na formação dos profissionais de variadas áreas do conhecimento que atuam no campo do lazer na natureza, que são competências que se articulam com questões sociais, culturais, ambientais, dentre outras, de forma plural e integrada à nossa realidade. Tudo isso é essencial para qualificar a formação e atuação nesse âmbito. Corrêa (2009) destaca que “vários

campos têm a contribuir para a compreensão e atuação no lazer, com uma equipe multidisciplinar atuando em conjunto” (p. 133).

Neste sentido, cabe destacar que os profissionais do lazer trabalham geralmente em equipes multidisciplinares, com o objetivo de oferecer uma gama de possibilidades, contemplando os diversos interesses do lazer – interesse físico/esportivo, social, artístico, intelectual, entre outros – proporcionando a melhoria da qualidade de vida. (CORRÊA, 2009, p. 140).

Nessa mesma linha de pensamento, Isayama, Silva e Lacerda (2011) revelam que esse campo de atuação é multidisciplinar, configurado com propostas interdisciplinares com participação de profissionais de variadas formações. Os autores lamentam que “ainda se pensa que para atuar na área, não é necessário ter formação específica e aprofundada sobre o tema” (p. 167).

Penso que a formação precisa ser reorganizada e pensada para que avance para uma *trans*-formação, rompendo e interpretando as complexidades da realidade. Isayama (2005a) também desenvolve reflexões importantes ao discutir a importância dessa formação, e destaca quatro pontos fundamentais para orientar as ações, tendo em vista uma perspectiva educacional ampla, de mudança da realidade social. O primeiro ponto destacado está relacionado à “unidade entre teoria e prática”; o segundo é a “característica multidisciplinar”; um terceiro ponto ressaltado foi a “sólida formação teórica e cultural”; e o quarto foi a “formação continuada”. (ISAYAMA, 2005a, p.13-14). O autor reconhece que muito ainda há de se pesquisar e analisar sobre as questões que permeiam a formação profissional nesse âmbito.

Retomo agora a ideia da prática reflexiva de Barbosa-Rinaldi (2008), quando diz que, para não correremos o risco do esvaziamento do conhecimento, “não devemos descartar todos os saberes que foram historicamente produzidos e nem valorizar apenas a prática pela prática, porque assim estaríamos contribuindo para um processo de desqualificação profissional (...)” (p. 199). Assim, acredito que poderemos lutar pelo reconhecimento desse profissional, não só ligado à formação em Educação Física, ao Turismo, à Psicologia, à Ecologia, à Geografia, mas a todas as áreas que se articulam com o lazer. Que seja um profissional preparado e capaz, em um sentido amplo, detenha conhecimentos técnicos, científicos, culturais, sociais, práticos e conheça a realidade em que vive, e atue de forma humanizada,

transformadora e criativa, com a humildade de assumir que sua formação é contínua e continuada, ou seja, ele está o tempo todo em formação.

Feitas essas considerações iniciais sobre as áreas de formação dos profissionais pesquisados, a seguir serão apresentados e discutidos aspectos como a percepção da natureza do ponto de vista dos profissionais que atuam com lazer, o entendimento de lazer dos profissionais pesquisados, a formação e atuação profissional com suas Influências, avanços e possíveis lacunas, e ainda os limites do campo para um reconhecimento profissional.

6.1 A percepção da natureza

A natureza foi um ponto fundamental a ser abordado nesta pesquisa, principalmente porque o objeto em estudo é a formação dos profissionais que atuam com o lazer focado na natureza. Essa discussão será abordada principalmente do ponto de vista dos profissionais investigados.

Para os entrevistados desta pesquisa, variando de uma a duas respostas por voluntário, de uma forma geral, a natureza exerce importância primordial, e recebe adjetivos como “essencial”, “fundamental”, “é tudo”, além de terem bem presente em seus discursos termos como “respeito”, “preservação” e “sustentabilidade”.

Apesar dos termos empregados pelos pesquisados evidenciados anteriormente, não podemos perder de vista um entendimento mais profundo sobre a natureza em uma perspectiva de integração do homem com o meio ambiente.

A sustentabilidade não pode ser confundida com sustento da atividade comercial e mercadológica no campo profissional do lazer. Um dos conceitos de desenvolvimento sustentável é o do Relatório Brundtland, que se refere a um desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades (BRÜSEKE, 1994, p. 17).

Além disso, o termo ‘desenvolvimento sustentável’ é adotado sistematicamente nas convenções nacionais e internacionais sobre meio ambiente. Rotineiramente, também é visto nos documentos oficiais sobre o tema e inserido nas formulações de políticas públicas.

O conceito de desenvolvimento sustentável é polissêmico e apresenta abordagens diferenciadas, desde a biologia até a economia. No entanto, as tensões da combinação de dois tipos distintos de racionalidade, a econômica e a ecológica, tornam a sua operacionalização difícil. (JATOBÁ; CIDADE; VARGAS, 2009, p. 62).

A reflexão acima demonstra a complexidade que acompanha essas questões ligadas ao meio ambiente. Ao se falar em desenvolvimento sustentável, o foco são os recursos naturais que designam os bens não produtíveis pelo homem. Nas reflexões sobre os esportes e atividades de lazer na natureza, é salutar refletir sobre o conceito de desenvolvimento sustentável, bem como de outros conceitos relacionados ao meio ambiente e educação ambiental, para evitar uma nova legitimidade para a expansão insustentável do capitalismo no âmbito do lazer na natureza.

Um avanço nesta discussão é trazer para o debate o termo ‘sustentabilidade’, tema também complexo e em construção, que, no entanto, não carrega consigo o viés econômico da expressão “desenvolvimento sustentável”, com grande dificuldade de consenso, como visto na Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, conhecida como “Rio + 20”, realizada em 2012. Apesar dos avanços, a redação do documento final soou como um documento diplomático, tímido e sem ações práticas. A expectativa era que a Rio mais 20 apresentasse soluções práticas para as discussões sobre desenvolvimento sustentável, iniciadas na década de 1990, na “Rio 92”, fato que não ocorreu. Nesse sentido, entendo que a sustentabilidade também é um conceito que necessita de uma visão sistêmica para sua compreensão e, para ser aplicado, é importante estar intimamente ligado com atos do cotidiano de forma ampliada, indo desde o estilo de vida levado em nossa realidade, ligada ao consumo, até a forma como lidamos com os resíduos que produzimos, sendo um conceito mais palpável para se transformar em senso comum.

Rodrigues e Silva (2011) discutem um possível caminho para a educação ambiental pelo lazer, destacando que

Pensando no lazer como veículo para a compreensão da atual realidade da educação ambiental, aponta-se para a necessidade de uma visão para além dos esportes em contato com a natureza, que, apesar de notoriamente importantes para esse entendimento, se mostram insuficientes para a concepção do conceito de educação ambiental, (...) principalmente pela forte ligação com a indústria do entretenimento e pela visão predominantemente preservacionista ligada a essas práticas, que são realizadas, de forma geral, na 'natureza distante'. (RODRIGUES e SILVA, 2011, p. 20).

Os autores apresentam uma compreensão de que o lazer possa contribuir e sugerir um caminho com as propostas críticas de educação ambiental, dentro de uma visão mais ampla, buscando valores que formem cidadãos conscientes na construção de uma sociedade sustentável, que respeitem a diversidade biológica e sociocultural da vida. Um começo para inserção dessas ideias seria uma visão crítica dos profissionais que atuam profissionalmente nesse âmbito, para que tais reflexões sejam disseminadas em suas práticas profissionais.

A natureza não pode ser reduzida a apenas um cenário, envolvendo um rigoroso controle para promover seu uso de forma sustentável e consciente, buscando minimizar impactos e, quem sabe, tentar deixar o ambiente em melhores condições do que estava antes de iniciar a interação das atividades de lazer com o meio natural, para isso, promovendo paralelamente, ações mitigadoras com a participação de todos os envolvidos.

Sobre o lazer na natureza, são pertinentes algumas reflexões de Marinho (2001), ao criticar o uso indiscriminado da natureza. A autora afirma que “a definição da natureza como um ‘pano de fundo’ possibilita o entendimento do praticante esportivo como mero consumidor” (p. 31).

A busca pelos elementos naturais, durante o lazer, seja com o objetivo de contemplar, de aventurar-se pelas matas ou simplesmente não fazer nada, implica no conhecimento de uma ética ambiental, permeada por comportamentos de compreensão e respeito para com o meio natural. Somente assim a natureza deixaria de ser cenário para vir a ser parceira. (MARINHO, 2001, p.31).

A autora ainda faz uma crítica contundente a alguns praticantes de corrida de aventura, modalidade de competição e lazer na natureza que iniciou no Brasil em 1998²⁴ e que hoje ainda está em franca expansão no Brasil, com provas e adeptos em várias partes do país.

Outro exemplo bastante pertinente sobre essa situação são as corridas de aventura, alaistradas por todo o Brasil. Grupos de executivos, de atletas e dos mais variados tipos de interessados envolvem-se em um jogo de representação de sobrevivência, redefinindo a natureza como um teatro no qual os indivíduos agem fora do habitual contexto cotidiano. A natureza é reduzida a um cenário teatral, a um espetáculo no qual os protagonistas se empurram para além de seus limites físicos. (MARINHO, 2001, p. 31).

Marinho (2001) aproveitou um trecho que ela atribui a Vanreusel (2005)²⁵, o qual versa sobre “troféus de desafios” e substituiu esse termo por *corrida de aventura*, em uma publicação de sua autoria²⁶ (MARINHO, 1999b, p. 37). No entanto, temos que considerar que, no contexto do ano de 2001, após apenas três anos da primeira corrida de aventura no Brasil – a “Expedição Mata Atlântica (EMA)”, ocorrida em São Paulo –, realmente não havia a conscientização e maturidade da necessidade de preservação, tão latente na maioria das corridas de aventura que vemos nos dias atuais. Isso pode ser evidenciado durante a realização das competições de corridas de aventura organizadas no país nos dias de hoje, nas quais é largamente divulgada, antes, durante e após as provas, a necessidade de conscientização e preservação do meio natural. Nesse sentido, recentemente, a formalização da fundação da Confederação Brasileira de Corrida de Aventura (CBCA), no ano de 2011, foi um passo importante rumo a consolidação dessa realidade, que, além do esforço de conscientização, contém cláusulas específicas e rígidas que integram os regulamentos das diversas competições no Brasil, onde a preservação do meio ambiente, passou a ser discutida e praticada, recebendo proposições para implementação de projetos sócio-ambientais para serem executados durante os

²⁴ Ano em que ocorreu a primeira corrida de aventura no país. Citado por Ferreira (2003) e confirmado em <www.adventuremag.com.br>, um dos portais de referências sobre as corridas de aventura no Brasil, e no Mundo, que conceitua e cita um histórico sobre o esporte.

²⁵ VANREUSEL, Bart. From Bambi to Rambo: towards a socio-ecological approach to the pursuit of outdoor sports. In: WEISS, O. AND SCHULZ, W. (eds.) *Sport in Space and Time*. Venna university Press, 1995.

²⁶ MARINHO, Alcyane. Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza. *Conexões: educação, esporte, lazer*. Campinas (SP): Faculdade de Educação Física da Unicamp, v.1, n. 3, p.33-41, dez./1999.

eventos. Não podemos ser ingênuos a ponto de pensar que isso é o bastante, mas pode ser considerado um avanço, na medida em que passou a ser uma prática institucionalizada em eventos que, até então, nem mencionavam essas questões tão importantes que remetem à sustentabilidade, também com essa modalidade de competição com vários esportes e atividades de lazer na natureza.

Longe desse pensamento ingênuo, Marinho (2001), em suas reflexões, ainda reflete sobre a busca alienada, em que “a natureza torne-se meramente uma área, um local de atividade cujo propósito é simplesmente servir às necessidades do praticante que procura por satisfação” (p. 30). Não podemos fechar os olhos para essa realidade. O que nos impede de refutar completamente a lógica levantada pela autora é que, mesmo com os avanços das organizações das provas sobre a preocupação com as questões ambientais, percebe-se a presença de praticantes e organizadores que não estão preocupados com a conservação, mas isso passa pela questão cultural e da educação de cada um. O importante é que, com o controle e a regulação das associações, federações e confederação, a tendência é buscar o que é considerado aceitável no que tange a impactos ambientais em uma prova de aventura, para chegarmos perto do considerado ideal, no sentido de efetivamente programar ações de conscientização e mitigadoras dos impactos gerados nos eventos.

Bruhns (2001) destacou a importância de uma parceria com a natureza – que tem estreita relação com o pensamento de alguns profissionais entrevistados –, a qual implica a “necessidade de uma conservação ambiental para essa prática esportiva, bem como de um processo educativo, onde se exercite o conhecimento como instrumento de compreensão das relações presentes nos contextos envolvidos” (p. S93).

Com essa reflexão, a autora indica o afastamento da redução da natureza a um simples cenário atrativo a essas vivências de lazer na natureza, ponto de vista que também defendemos, em que todos os atores envolvidos precisam agir de forma consciente e afastar da lógica do consumo, sem levar em conta a preservação do meio ambiente.

Vejamos alguns depoimentos de profissionais a respeito da natureza e as reflexões que podemos fazer a respeito desse tema:

A natureza é fundamental, praticamente ela faz parte do lazer. Porque, se você está na natureza e as pessoas que você está praticando atividades de lazer com ela, a atividade com certeza vai ser mais prazerosa, porque é impossível você trabalhar o lazer sem prazer; e estando as pessoas na natureza numa atividade que talvez fosse monótona dentro de uma quadra, ou em uma academia, na natureza, tem um bem-estar maior. Ela está ligada também a outros movimentos, talvez sociais, que melhoram a qualidade ambiental, então a pessoa tem uma nova concepção sobre lixo, sobre desmatamento, sobre covardia com animais; então a natureza está em tudo. (Voluntário 4, entrevista no dia 30/04/2011).

O entrevistado mencionado acima destacou vários aspectos fundamentais, citando sua atuação profissional como educador físico em ambientes naturais, fora da rotina das práticas tradicionais de Educação Física. Segundo ele, esse tipo de atividade proporciona bem-estar e lazer para as pessoas e, ao mesmo tempo, possibilita a disseminação da conscientização e de conceitos como a preservação.

Sobre esse aspecto, Marinho (2004) nos traz uma contribuição que remete ao que esse profissional revelou sobre seu pensamento de lazer relacionado à natureza:

A Educação Física, particularmente, pode, por meio de experiência na natureza (ou seja, fora das quadras de cimento, dos ginásios poliesportivos, das piscinas, dos campos de futebol, etc.), potencializar suas estratégias de ação para desenvolver, nos alunos, suas habilidades motoras, capacidades físicas e, até mesmo, muitos fundamentos esportivos específicos. As corridas de orientação, por exemplo, assim como a escalada, a caminhada, a canoagem e outras atividades podem ser utilizadas para satisfazer uma variedade de objetivos educacionais, oportunizando diferentes níveis de desenvolvimento (...). (MARINHO, 2004, p. 56).

A autora anteriormente citada confirma a possibilidade de atuar na natureza de forma consciente e educativa, levantada pelo *Voluntário 4*. Ela também evidencia algumas práticas como alternativas para proporcionar essas vivências no meio natural.

Outro profissional entrevistado destaca que *“a natureza é uma constante nas nossas atividades profissionais, porque boa parte das atividades está ligada, e é praticada no meio outdoor; ela é essencial para que as nossas atividades subsistam”*.

(Voluntário 5, entrevista no dia 06/05/2011). Esse viés na natureza como um mero espaço para as “atividades” também foi evidenciado na fala de outro profissional:

Bom, eu penso que a natureza é o meu campo de jogo. Meu campo de atividades, e que a preservação dessa natureza é muito importante para a manutenção dessas atividades, então eu sempre falo para os meus alunos, para os atletas, falo sempre da questão da sustentabilidade, da preservação, evitar sujeira, jogar plástico, papel em meio à natureza, então eu considero primordial, a natureza, a preservação do meio ambiente para a manutenção da prática dessas atividades. (Voluntário 14, entrevista no dia 18/05/2011).

Embora seja compreensível o posicionamento do Voluntário 14, entende-se nesta pesquisa que a natureza não pode ser pensada de forma utilitarista, passando uma ideia meramente mercadológica do meio ambiente, a qual relega a natureza a um segundo plano. A preocupação com conscientização e preservação precisa estar presente além do pensamento utilitário, o qual busca preservar apenas para garantir a manutenção de uma atividade. O foco precisa ser na conscientização e preservação, que vai muito além, sendo transformada em uma proposta política, para que realmente seja capaz de surtir efeito na cultura, enfatizando o respeito pelo nosso meio ambiente, onde os usos dos recursos naturais sejam realmente sustentáveis.

A respeito da visão deturpada e reducionista da natureza, frequentemente aplicada em eventos esportivos na natureza, Marinho (2004) nos diz o seguinte:

Muitas vezes, a satisfação trazida pelas atividades na natureza, de cunho competitivo, relaciona-se a uma espécie de (pseudo) aventura, produzindo uma definição bastante reduzida da natureza, a qual passa a ser encarada como um mero local de atividades, cujo propósito é limitado a servir às necessidades do praticante que procura por satisfação e prazer. (MARINHO, 2004, p. 54).

Essa mesma autora, em outra publicação, quanto trata de “Lazer e Esportes na Natureza”, destaca preocupação sobre a definição desse ambiente natural: “Muitas vezes a satisfação trazida pelas atividades esportivas ao ar livre, por meio de uma (pseudo) aventura ao alcance de todos, produz uma definição social da natureza como um mero ambiente de experiência orientada” (MARINHO, 2001, p. 30).

Segundo Bruhns (2001), a partir dessas reflexões, compreendemos melhor a redução da natureza a um pano de fundo ou cenário onde são vivenciadas as atividades de aventura, o ambiente é redefinido como atrativo e conveniente para essas práticas, e o “conhecimento do meio ambiente ou a proteção ambiental podem tornar-se irrelevantes, sendo qualquer consideração sobre a natureza dominada pela orientação do consumo”. (BRUHNS, 2001, p. S94). Nessa mesma linha de pensamento, o *Voluntário 6*, ao explicar a importância da natureza no contexto de sua atuação profissional, traz o seguinte:

Ela vai servir como palco onde a gente vai desenvolver as nossas atividades. Eu ia falar como pano de fundo como cenário, mas é mais do que isso: a gente usa os elementos da natureza, ela não fica só como cenário, como um quadro lá. A gente fica como se estivesse inserido dentro desse quadro; é um palco onde toda a nossa profissão vai buscar as referências para poder trabalhar. (Voluntário 6, entrevista no dia 06/05/2011).

No esforço de definir a importância da natureza, o *Voluntário 6* faz uma analogia com um espetáculo (palco) e uma obra de arte (quadro), tentando evidenciar uma integração harmoniosa entre o homem e a natureza.

A oportunidade do contato com a natureza pode abrir possibilidades de reflexões fora do universo mercadológico, indo além do reducionismo. Nessa linha de evidenciar um contato mais íntimo com a natureza, o *Voluntário 9* contribuiu com a seguinte reflexão:

A natureza é o ponto de início e fim de tudo, porque tudo que eu fiz e faço tem, como ponto fundamental, a natureza. Porque sou um naturalista, possuo várias ideologias na cabeça e acredito que o ser humano se desviou do cerne, da coisa que acredito que seja fundamental, e somos seres ligados a natureza por milênios. A produção industrial de cem anos em diante se divergiu. As grandes cidades urbanas hoje, concretas, na sua grande maioria, têm menos de cem anos, e vejo que o esporte é uma forma de você se aproximar das pessoas e tornar mais forte o vínculo com as mesmas, grandes problemas que o ser humano enfrenta hoje: psicológicos, síndrome do pânico, depressões e problemas de saúde, advêm dessa ruptura do ser humano com a vivência na natureza, que não deveria, de forma alguma, ser cortado, pois, isso é o fundamento de uma vida. Quem quer ter equilíbrio emocional, e quer ser uma pessoa centrada, tranquila, e quer levar uma paz para as pessoas que rodeiam, essa pessoa deve ter em mente que ela precisa de um contato mais efetivo com a natureza. (Voluntário 9, entrevista no dia 11/05/2011).

Sendo assim, “a natureza torna-se, portanto, ponto de encontro físico e sentimental representando, de alguma forma, um espaço que celebra certos tipos de mistérios. É a oportunidade de estar em relação com o meio natural que possibilita o reconhecimento do outro e de nós mesmos” (MARINHO, 1999a, p. 759).

Outro ponto de vista sobre a natureza marcante entre os voluntários da pesquisa foi o entendimento do ambiente natural como um local propício para a atuação profissional. Muitas vezes, essa visão pode ter sido motivada pela paixão e pela escolha de um local, que nesse caso foi o ambiente natural, para vivenciar o lazer, como demonstrado no relato a seguir:

Enquanto campo de atuação da minha atividade profissional, a natureza é tudo, então se não tivesse a natureza eu praticamente não estaria atuando com lazer, não teria atuação em lazer sem ser em ambientes outdoors, sem ser na natureza, isso eu jamais faria tipo recreação, não tenho o menor interesse em fazer e nunca fiz, apesar de muitos colegas do turismo terem se encaminhado para essa área, mas se não fosse a natureza eu não teria me encaminhado para essa área de jeito nenhum. (Voluntário 8, entrevista no dia 11/05/2011).

Chao (1999) lembra que as atividades do ecoturismo se mostraram como uma nova forma de consumo da natureza, além de sensações de autodesenvolvimento, e ainda o contato direto com a natureza e a probabilidade de proteção do meio ambiente. Essa lógica foi evidenciada pelo *Voluntário 12*.

É a base, na minha atividade profissional como empresário do ramo de lazer na natureza; então ela sempre foi fundamental, então sempre tive a natureza e o esporte que nós temos aqui, é muito no sentido também de trazer as pessoas e de fazer com que esta vivência mude também um pouco a cabeça das pessoas. (Voluntário 12, entrevista no dia 15/05/2011).

Apesar de aparecer, na maioria dos discursos dos profissionais que atuam com lazer na natureza, a preocupação com a preservação, a sustentabilidade e o controle para os mínimos impactos, esses profissionais precisam ir além da ideia de natureza apenas como um mero cenário, onde você faz o seu uso e vai embora. Precisamos realmente atuar com a conscientização de todos envolvidos nessas práticas ao ar livre, tendo uma visão crítica e consciente, pois o simples fato da presença humana em ambientes naturais causa impactos, e estes precisam ser minimizados.

Muitas vezes as reflexões citadas anteriormente podem ser deturpadas por “profissionais” que utilizam a natureza como se fossem predadores em busca de lucro, sem atentarem para a sensibilidade e preservação do meio ambiente durante atividades de lazer e de turismo na natureza. Nesse sentido, um dos depoimentos de um profissional da área soou como um desabafo contra essa falta de conscientização.

Mesmo que eu acredite que a atividade na natureza promova o bem-estar do ser humano, que a atuação do profissional da Educação Física na área de lazer e da natureza ela vai melhorar com certeza o bem-estar do ser humano, e o bem-estar da própria natureza, se é que a gente pode dizer assim, porque a natureza está sofrendo muito com o desgaste ingrato do ser humano com ela. Eu acredito na formação que a gente tem que honrar aquilo que a gente aprendeu na faculdade e levar o nosso conhecimento para o maior número de pessoas possíveis, para ver se consegue equilibrar essa relação tão próxima do homem com a natureza. Ao mesmo tempo em que está próxima, ela está ficando distante, porque o homem está perdendo o pudor, está pensando só no hoje, está esquecendo que é da natureza que sai tudo o que a gente precisa, e tem que pensar também no lado social, que as pessoas vivem melhor estando com bem-estar, e as pessoas que praticam lazer na natureza estão sempre com bem-estar. Consigo ver pessoas (com) que eu trabalho que estão deprimidas, estão com problemas sociais, que usam drogas ou que usam álcool, e acabam por fazer essas atividades e conseguem sair de todos esse vícios que eu falei, e ficar viciados apenas em atividades ligadas à natureza, com a conscientização plena, que depende de nós, e que nós temos que ter a plena consciência que dependemos muito mais dela, só que o tanto de coisas que as pessoas fazem contrariando tudo.... Pensando só no hoje, no dinheiro e na ganância, esquecemos das próximas gerações que ainda virão, e ainda dependerão totalmente da natureza. (Voluntário 4, entrevista no dia 30/04/2011).

O *Voluntário 4* demonstra, em seu depoimento, aspectos importantes que vão além dos interesses mercadológicos de sua atuação, com ideias profundas de disseminação da preservação e também da finalidade social do lazer. Estas reflexões podem ser encontradas também na multiplicidade de conceitos ligados ao ecoturismo, geralmente visto como um segmento da atividade turística que se preocupa com o uso sustentável do patrimônio natural, incentivando o seu uso com conservação, e busca a formação de uma cultura de consciência ambiental, focado no bem-estar comum.

Nessa lógica, Carvalhaes *et al.* (2005, p. 144-145) já alertavam que os estudos sobre o ecoturismo não são muito recentes e que ainda não se tem um consenso

sobre várias questões pertinentes ao tema. É certo que a prática dessa atividade aumentou consideravelmente nos últimos anos, e com isso, muitas características diferentes possivelmente surgiram, dificultando a compreensão sobre o tema. Este aspecto pode gerar uma falta de zelo e também uma forma exploratória e alienante de atuação. Os autores ainda afirmam que “o turismo é cada vez mais visto pelo seu lado mercadológico, de consumo de paisagens e culturas, deixando de lado seu caráter social, político e cultural”. (idem, p. 147). As palavras-chave da formulação de um conceito dessa importância, envolvendo a natureza de uma forma mais ampla, não podem ser diferentes da sustentabilidade, preservação e conscientização, sempre com a atitude de utilização cautelosa dos recursos naturais.

Na construção dos conceitos, para atuar na natureza e sem tentar hierarquizar, após o entendimento sobre a natureza, é salutar a compreensão do lazer. No primeiro capítulo discutimos o entendimento do lazer do ponto de vista de vários autores, e no próximo tópico veremos essa questão do ponto de vista dos profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza.

6.2 Compreensões de lazer dos profissionais pesquisados

O entendimento de lazer adotado nesta pesquisa está relacionado às reflexões de Gomes (2011), sendo compreendido como uma necessidade humana e dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo e espaço social. Assim, o lazer está relacionado com a saúde, a educação, a natureza, a política e a ciência, entre outras dimensões. Retomo a discussão da concepção de lazer por entender que é uma questão instigante identificar a compreensão dos profissionais que estão no mercado de trabalho, atuando com o lazer na natureza, acerca da temática.

Ao considerar os conhecimentos sistematizados sobre o lazer, Gomes e Pinto (2009) indicam que o lazer “designa um amplo e complexo campo da vida social que inclui uma variedade de temáticas, tais como o tempo livre, o ócio e a recreação” (p. 69). Com os entrevistados desta pesquisa também foi possível identificar essa

variedade, o que demonstra a abrangência do tema e do termo 'lazer' em nossa sociedade.

Entre os estudiosos que desenvolvem reflexões mais elaboradas sobre o assunto, encontramos divergências consistentes e sutis, baseadas em variadas correntes de pensamento, sobre o conceito do lazer em suas sistematizações. Nesta pesquisa, ao investigar a compreensão de lazer do profissional que atua nesse âmbito no entorno de Belo Horizonte, verificaram-se variados aspectos, como ocorre com a literatura. Nesse sentido, este estudo procurou também identificar, através das entrevistas, o posicionamento de cada voluntário, alguns dos quais são apresentados a seguir.

Lazer é toda a atividade que multiplique pessoas e multiplique vontade de pessoas estarem ligadas a um bem-estar, a uma sensação de prazer que o lazer proporciona; o lazer é um conjunto de atividades que deixam a pessoa se sentindo bem (...), porque o lazer está automaticamente ligado com a área da saúde; porqu,e se a pessoa não está ligada à natureza pensando em saúde, é praticamente impossível se trabalhar com lazer. (Voluntário 4, entrevista no dia 30/04/2011).

A compreensão de lazer do *Voluntário 4* aborda três pontos interessantes, que se relacionam ao prazer, ao bem-estar e à saúde, os quais são tratados por estudiosos do tema que também abordam tais aspectos, como Gomes e Pinto (2009). A concepção de lazer do *Voluntário 5* indica que o lazer é uma necessidade humana vivenciada fora do tempo de trabalho:

Lazer é um complemento das necessidades básica do homem, então é uma coisa assim muito natural, é uma coisa que faz parte da natureza humana a necessidade do lazer, e o lazer pra gente enquanto montanhista compreende o contato com a natureza e o desprendimento com suas atividades normais. O lazer é se desligar das suas atividades corriqueiras sair da rotina, ou seja, ficar afastado do trabalho conseguir pensar em outras coisas que não sejam as coisas do seu dia a dia. (Voluntário 5, entrevista no dia 06/05/2011).

A concepção de lazer do *Voluntário 6* (como veremos à frente) também está relacionada ao prazer, da mesma forma que a do *Voluntário 4*, e ratifica parte do conceito do *Voluntário 5*, ao deixar bem clara a diferença entre lazer e trabalho, afirmando que ambos ocorrem em momentos distintos.

O conceito de lazer dos *Voluntários 8 e 6* remete a atividades que dêem prazer e sejam vivenciadas no *tempo livre*, realizadas fora das obrigações do trabalho, o que foi observado também em parte da concepção do *Voluntário 5*.

Lazer na verdade é o que a gente tem pra fazer no tempo livre da gente, tipo o que você exclui do trabalho de obrigações, com escola ou cursos e tal, então lazer é o espaço que você tem pra você exercer atividades que te dê prazer. (Voluntário 8, entrevista no dia 11/05/2011).

Eu entendo que é um momento onde você vai fazer algo que você gosta muito, eu acho que apesar de você poder tentar trazer o lazer para o seu cotidiano de trabalho, para mim são duas coisas muito distintas “lazer e trabalho”, você pode até estar se divertindo durante o seu trabalho, mas lazer, relaxamento e distração total, eu acho que têm nos seus momentos de lazer que com certeza vai estar fora do seu horário de trabalho. (Voluntário 6, entrevista no dia 06/05/2011).

A concepção do *Voluntário 7*, relacionada ao bem-estar e ao prazer, além da fuga das rotinas diárias, remete à reflexão sobre a diversidade de locais propícios ao lazer, e ainda ao fato de, nos grandes centros, as pessoas estarem buscando a natureza para vivenciar o lazer.

Lazer é algo que proporciona à pessoa um bem-estar, uma mudança do dia a dia, do cotidiano a que está acostumada, é algo que dê prazer às pessoas, você pode ter lazer em casa, lazer na rua, lazer no quarteirão de sua casa, enfim, só que hoje em função do que a gente esta vivendo das grandes cidades, eu acho que o lazer tem sido muito com foco na natureza; as pessoas querem sair de dentro da cidade, de suas casas para poder curtir isso do lado de fora. (Voluntário 7, entrevista no dia 07/05/2011).

Bahia e Sampaio (2005a) também pesquisaram sobre o lazer na natureza, trazendo para o debate as seguintes considerações:

Na atualidade, as atividades realizadas na natureza – explorando as diferentes variáveis do meio ambiente: montanhas, cachoeiras, corredeiras, rios, ar, entre outros – vêm ao encontro da necessidade cada vez mais latente do ser humano em retornar ao ambiente natural, estabelecendo relações lúdicas com o meio ambiente através de jogos, esportes e desafios. (p. 123).

As autoras justificam que a busca pelo lazer na natureza é fruto dos fatores causadores do estresse da urbanização, comuns aos grandes centros.

A perspectiva de uma vida urbana pós-industrial sobrecarregada por aspectos negativos do desenvolvimento desenfreado dos grandes centros urbanos (poluição sonora, poluição ambiental, espaços de lazer inexistentes ou mal utilizados), tem feito com que uma parcela significativa de pessoas busque uma reaproximação com o meio ambiente através de práticas de lazer na natureza. (Idem, p. 124).

O *Voluntário 9* evidenciou o *tempo livre* para vivenciar coisas prazerosas e não ligadas à competição, enfatizando que competição é diferente de lazer. Sobre o aspecto lazer X competição, é importante ressaltar que existem atividades desportivas, as quais envolvem participantes que têm nessas vivências sua atividade profissional, às quais se dedicam exclusivamente, em preparação e treinamentos, e são, inclusive, responsáveis por seu sustento. Por outro lado, não podemos esquecer que existem competidores amadores que, apesar de estar participando de uma competição, esse é o seu *hobby*. Como foi destacado no primeiro capítulo pelos autores que discutem a corrida de orientação – como Pilatti (1999) e Pajuelo (1999) –, apesar de ser uma prática competitiva, a *orientação* pode ser traduzida como uma vivência de lazer, pois qualquer um pode participar.

Primeiramente o lazer está ligado com uma hora livre, lazer tem essa conotação de liberdade, representado pelo final de semana, são atividades que têm relação com os desejos, coisas que as pessoas almejam, têm sempre coisas de paixão, coisas que a gente se dirige, quando a gente faz alguma coisa por prazer, no horário livre, acaba que é um lazer, não profissionalmente e que não esteja ligado à competição. Eu sempre penso que lazer é diferente de competição. (Voluntário 9, entrevista no dia 11/05/2011).

Já o *Voluntário 14* focou sua concepção na não preocupação com o tempo, principalmente para proporcionar relaxamento e descanso. Nesse sentido, o lazer assume um papel de extrema importância para recompor as energias despendidas nas atividades relacionadas principalmente ao trabalho, e o momento de ócio abordado pelo entrevistado representa esse momento de descanso.

É aquele momento que você não deve se preocupar com data, com horário, com tempo, é um momento de ócio, não deve se preocupar com nada, de refrescar sua cabeça, é um momento de sair do sistema eu diria, de sair daquela prisão de horários de tempo, então lazer para mim seria isso. (Voluntário 14, entrevista no dia 18/05/2011).

Alguns autores, como Dumazedier (1979), não admitem o ócio. O conceito elaborado pelo autor focaliza o contexto das sociedades industriais, operárias,

focadas na produção, nas quais o ócio não era aceito. De uma forma geral, a concepção de lazer de boa parte dos profissionais pesquisados que atuam nessas vivências junto à natureza mostra essa relação com a sociedade do consumo.

Em alguns momentos, foi possível perceber uma visão mais funcionalista e de consumo de um lazer relacionado aos momentos de prazer, bem-estar, descontração e fuga da rotina diária, com atividades vivenciadas fora do horário de trabalho (no chamado tempo livre).

De acordo com alguns entrevistados, o fator *tempo* aparece como um protagonista para possibilitar a vivência do lazer. Como discutido anteriormente, o *tempo* geralmente é uma categoria importante e está na pauta das reflexões dos estudiosos do campo do lazer. Essa categoria evoca ideias que nos remetem a investigar como esse aspecto foi institucionalizado historicamente para que possa ser utilizado nas vivências do lazer, principalmente a partir do avanço industrial e globalizado, em que o tempo é sinônimo de dinheiro.

Oleias (s.d.) elaborou um texto denominado *Conceito de Lazer*, que traz contribuições de Dumazedier (1976), Marcellino (1983), Forjaz (1988), Camargo (1989), Rolin (1989), Castelli (1990) e Zaluar (1991). Estes autores, a partir da década de 1970 até início da década de 1990, já retratavam aproximações e diferenças nos conceitos de lazer que estão ajudando a construir e interpretar as reflexões sobre a temática, inclusive considerando pontos destacados pelos entrevistados, alguns dos quais estão contidos nas sistematizações dos autores citados anteriormente. Isso demonstra que a visão dos profissionais pesquisados, que estão atuando com o lazer na natureza, em alguns momentos ora se aproximam, ora se distanciam dos entendimentos presentes nos estudos sobre o tema.

As diferentes concepções dos profissionais que atuam com o lazer na natureza são fruto da singularidade de cada profissional dentro de sua realidade vivida com o tema, e todas são passíveis de interpretações diversas de cada ponto de vista apresentado. O conceito de lazer ainda está se configurando e, com outros estudos somados aos que já estão postos, chegaremos a denominadores que certamente

não serão comuns, ou seja, sempre haverá divergência, e essas diferenças existentes na complexidade dos conceitos é que nos ajudarão a construir o conhecimento.

6.3 Formação e atuação profissional: influências, avanços e possíveis lacunas

Marcellino (1998), ao refletir sobre sua vivência como “animador cultural”, focalizou sua formação acadêmica, destacando que deve haver uma ligação íntima entre a teoria e a prática. O autor pontua que sempre sentiu necessidade de uma reflexão mais sistematizada sobre “os valores” que cercam a produção teórica alimentadora da ação de grupos e instituições voltadas para o desenvolvimento de atividades no campo específico do lazer.

Os valores a que o autor se refere são voltados para uma integração e interação de conhecimentos teóricos com as ações práticas. E, apesar de não ter sido uma unanimidade entre os profissionais pesquisados, a preocupação com essa interação entre formação e atuação se mostrou em maior número durante as entrevistas, como sendo uma prioridade na atuação com o lazer na natureza.

Ao pesquisar sobre a influência da formação na atuação profissional com o lazer na natureza, sete dos entrevistados disseram que a formação influenciou totalmente sua atuação profissional, dois profissionais responderam que influenciou parcialmente, e seis disseram que não houve nenhuma influência entre sua formação e atuação profissional.

Nesse aspecto surgiu uma divergência entre a formação acadêmica e a atuação profissional, porque a grande maioria dos entrevistados (onze profissionais) disse que não teve, durante a formação, acesso a conhecimentos teóricos ou práticos para desenvolver a atividade profissional com lazer na natureza. Somente três dos entrevistados que são formados em Educação Física disseram terem estudado ou vivenciado o lazer na natureza. Pode estar aí o motivo da presença maior de educadores físicos atuando na área, como vimos anteriormente. Além disso, uma turismóloga disse que o acesso a conhecimentos voltados para o lazer na natureza foi parcial.

Pelo resultado posto, pautado nas respostas dos entrevistados aos questionamentos sobre a influência da formação na atuação profissional, e devido ao equilíbrio entre ter ou não influência, ficou uma lacuna sobre o aspecto de qual seria a formação “mais adequada” para a atuação profissional no âmbito do lazer na natureza. O equilíbrio entre esses posicionamentos deixou dúvidas que vão ao encontro do problema da formação em um campo que dialoga com várias áreas do conhecimento, o qual, na realidade, sofre influência de vários campos de estudo, tornando-a ainda mais complexa. Essa lacuna indica novas possibilidades para pesquisas futuras.

Nesse contexto surge uma contradição, pois, dos quinze profissionais entrevistados, onze disseram que não tiveram acesso a conhecimentos ou disciplinas relacionadas ao tema. No entanto, ao serem perguntados se a formação possibilitou acesso a conhecimentos para desenvolver a atividade profissional com o lazer, onze disseram que sim. Contudo, não foram necessariamente os mesmos entrevistados que deram essa resposta anteriormente. Sete deles disseram que, mesmo sem o acesso na faculdade, sua formação oportunizou conhecimentos para desenvolver suas atividades. O discurso dos entrevistados confirma que essa suposta contradição, na realidade, pode indicar que a formação possui diversas facetas, e não se restringe à formação acadêmica, podendo ter muitas outras influências, como a familiar, de amigos, a própria formação adquirida na vivência prática, dentre outras.

Não é recente que a questão da amplitude da formação vem sendo estudada e ainda na atualidade transita por debates atuais. Considero que a formação vai muito além da acadêmica, e, de acordo com os depoimentos, apesar de a maioria possuir formação superior, esta não representa uma premissa básica para a atuação com o lazer na natureza. Como destacou Werneck (1998):

[...] é importante destacar que a formação é ampla e autônoma em relação à universidade, indo desde a incorporação dos valores e sentimentos que estruturam a comunidade na qual vivemos, até a análise técnico-metodológica e sociopolítica da ação realizada profissionalmente: suas fronteiras diluem-se e transformam-se, pois não se restringem ao universo acadêmico. Essa tendência parece acentuar e conferir um papel cultural paralelo à universidade em relação à formação profissional no lazer. (p. 57).

Dificuldades comuns em variadas atividades profissionais são as lacunas existentes retratadas na falta de conteúdos dos currículos das diversificadas formações. Isso também ocorre no campo do lazer, gerando uma falta de conhecimentos na atuação profissional com o lazer. “É neste contexto que os modelos curriculares tradicionais de formação profissional baseados na racionalidade técnica entram em crise, pois não se adéquam à realidade, ou seja, não conseguem resolver os problemas da prática.” (BUSTAMANTE e RANGEL, 2002, p. 110).

Essas autoras fazem alguns apontamentos no sentido de tentar solucionar as dificuldades presentes na formação diversificada dos profissionais que atuam nesse campo, focando no lazer como uma possibilidade educacional. É importante analisar a formação profissional a partir das propostas de reflexão sobre as ações, questionamentos e relações interdisciplinares enriquecedoras que poderiam influenciar o contexto da realidade prática. Sendo assim, é possível propor formas comuns de reflexões, para formar profissionais mais críticos e criativos.

A proposta de uma formação reflexiva para o profissional de lazer seria conveniente já que a profissão vem mostrando impasses e desafios. É preciso compreender que o lazer não se reduz à aplicação de atividades técnicas, mas que compreende vivências permeadas pela criatividade, por princípios, teorias e valores, e que a partir delas são construídos novos conhecimentos e experiências. (BUSTAMANTE e RANGEL, 2002, p. 112).

Ao analisar os depoimentos dos entrevistados, foi raro encontrar um foco voltado para essa formação reflexiva sobre as questões do lazer na natureza. O que encontramos, majoritariamente, foi uma busca autônoma de vencer os desafios e as complexidades encontradas no campo de atuação de forma “prática”. O que ficou evidente como principais lacunas encontradas pela maioria dos voluntários durante a formação, causando alguma dificuldade para atuar com o lazer na natureza, foram questões técnicas ligadas à falta de formação administrativa, comercial e financeira para gerenciar a atividade profissional, como indicado no GRAF 2.

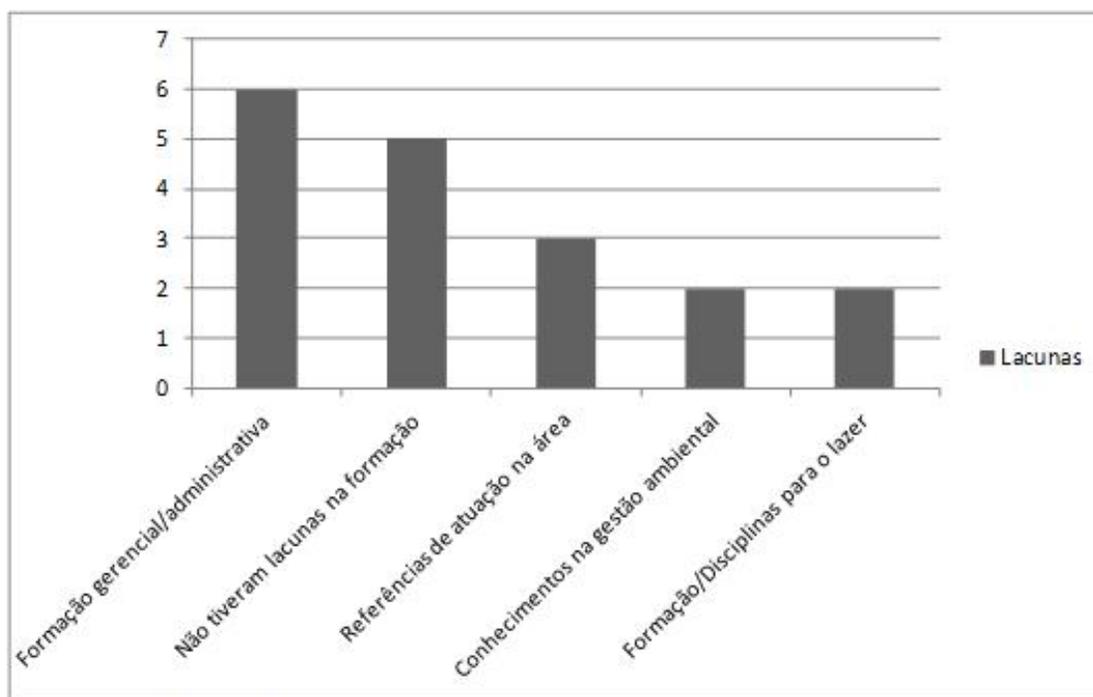


GRÁFICO 2 – Principais lacunas evidenciadas pelos profissionais pesquisados
 FONTE: Criação do próprio autor

Esses dados evidenciam que grande parte dos profissionais entrevistados atua de forma autônoma, gerando uma demanda por conhecimentos ligados à administração de seu ramo de atuação. Essa dificuldade se explica porque a formação dos sujeitos não foi focada na área gerencial, como podemos ver no depoimento a seguir:

Causou e ainda causa, eu acho que vários cursos de Educação Física apresentam esta lacuna na sua grade curricular, que é a parte de gerenciamento, que é a parte de empreendedorismo, que nós somos formados pra sermos professores e não patrão, e isso me dificultou muito, porque eu sou autônomo. Sempre tive que fazer toda a parte de buscar os alunos, de revisar os alunos de trazer novos conteúdos, novas oportunidades pra poder deixar esse público perto de mim. (Voluntário 6, entrevista no dia 06/05/2011)

Apesar da dificuldade narrada acima, não podemos esquecer que, antes de iniciar a formação acadêmica, existem opções de escolha, que podem ser entre uma carreira de licenciatura ou bacharelado, e isso é muito mais do que escolher apenas uma modalidade de curso de graduação. Tal escolha fará toda diferença e tem muito a ver com a vocação ou interesse do futuro profissional. O Ministério da Educação (MEC)²⁷ cita em sua página eletrônica que bacharelado é o curso superior que

²⁷ <<http://portal.mec.gov.br/index.php>>

“confere ao diplomado competências em determinado campo do saber para o exercício de atividade acadêmica ou profissional” (MEC, 2012, s.p). E a licenciatura, por sua vez, prepara o estudante para atuar como professor na educação básica.

Não estão sendo levadas em consideração, aqui, as possíveis limitações da divisão entre licenciatura e bacharelado, tampouco a qualidade do ensino superior, e sim a possibilidade de escolha mais adequada ao interesse dos futuros estudantes, assim como dos profissionais formados que atuam com atividades de lazer na natureza, que poderá evidenciar incompatibilidade entre a estruturação curricular e as necessidades cotidianas desta área de atuação. O que se deve ter em mente é a importância da articulação entre a formação teórica complementada com as exigências das práticas do lazer na natureza, unindo a reflexão com a ação, sem privilegiar uma em detrimento da outra.

A premissa focada na experiência prática como fator importante pode ser visto em variadas práticas profissionais. Durand (2008) confirma a opinião dos profissionais que atuam com o lazer na natureza desta pesquisa, na qual a prática é o fator mais importante.

Como administrar um circo? Ou uma rede de locação de vídeo? Uma sala de cinema? Uma companhia de teatro? Um grupo de dança? Isso normalmente é feito por gente que aprendeu por conta própria, batendo a cabeça: definitivamente não faz parte dos manuais de administração, mesmo aqueles especializados em pequenas e médias empresas. São pessoas com forte envolvimento com o que fazem, que sabem fazer na prática (...). (DURAND, 2008, p. 60).

Partindo do princípio de que essa forma de atuação ainda é embrionária no Brasil, outra lacuna levantada pelos entrevistados foi a falta de cursos específicos ou disciplinas que contemplassem o lazer na natureza na faculdade ou universidade.

Com relação à formação eu queria ressaltar que o mercado, que as atividades aqui no Brasil são muito novas ainda, então você vai encontrar diversos profissionais desde médicos que se dedicaram a atividades outdoor, administradores, geólogos, educadores físicos, profissionais de todo o tipo de formação, (...) nossa formação é eminentemente prática, não existe uma teorização efetiva dessa formação, ainda é uma coisa muito nova, então você vai encontrar muitos profissionais que são referências, muitos profissionais que têm muita qualidade de trabalho, e que não têm uma formação específica, seja em guia de montanha, como existem faculdades na França e na Espanha, que irão formar guia de montanha, que irão formar alguns

profissionais estritamente ligados a essa área outdoor, então é um mercado novo que existem muitos profissionais que não estão efetivamente ligados através da sua formação a atividade em si. (Voluntário 5, entrevista no dia 06/05/2011).

O conhecimento vai sendo construído através de pequenas informações, e a gente tem que saber selecionar estas informações; para isso é importante estar sempre voltando para dentro da Universidade ao longo da nossa vida em variados períodos, então eu acho que um estudo como estes que abordam conhecimentos do profissional da área de Educação Física e na área de Lazer e na Natureza é super atual, um tipo de mercado que tende a crescer no Brasil, e no exterior já está “pegando fogo”, e que eu acredito muito que eu vou conseguir viver a minha vida inteira trabalhando com o que eu quero que é a escalada e montanhismo. (Voluntário 6, entrevista no dia 06/05/2011).

A dificuldade foi que eu tive que buscar conhecimentos depois de formado, porque a academia não me deu conhecimentos para atuar nessa área, tive que buscar após a formação. (...), não existiam cursos ou disciplinas dentro da graduação, diria que na grande maioria das universidades que tivessem atividades relacionadas aos esportes de aventura. (Voluntário 14, entrevista no dia 18/05/2011).

Os depoimentos dos profissionais, acima, refletem as opiniões de parte considerável de quem atua neste campo, demonstrando que, em relação a lazer, esportes e atividades na natureza, possuem distintas formações, em variados segmentos ainda muito recentes e ainda não têm amadurecimento suficiente para proporcionar uma formação acadêmica específica para esse ramo de atuação. A parcela de profissionais que atuam nessas frentes de trabalho pode ser considerada como precursora e, neste momento, os que possuem condições tendem a buscar conhecimentos fora do Brasil, nos países que já vivem essa realidade há mais tempo e desenvolvem um trabalho voltado para essa formação. Outra opção de busca de conhecimento são os cursos mais técnicos, muitas vezes voltados para as vivências práticas, que acabam constituindo a experiência do profissional desse ramo profissional. Quando se busca uma capacitação mais específica do ponto de vista técnico, esses tipos de curso podem suprir as necessidades mais imediatas, mas, certamente, serão insuficientes quando se procura uma formação mais ampla e mais consistente.

Fazendo um paralelo entre as vozes dos profissionais em suas diferentes atuações e os *esportes de prancha*, estudados por Lauro e Danucalov (2005), podemos pressupor que essa realidade seja pertinente para outras vivências do lazer.

Para tentar suprir essa necessidade de mão-de-obra devidamente habilitada e qualificada, ressaltam ser fundamental que os profissionais consigam ter acesso a uma educação especializada desenvolvida por meio de cursos livres, de extensão universitária e de pós-graduação, a fim de obter-se uma atuação profissional adequada para esse recente mercado de trabalho. (LAURO e DANUCALOV, 2005, p. 19).

Não é tão simples chamar uma formação de “adequada”, pois o que vem a ser adequado? Acredito que o que não podemos perder de vista é o que já foi discutido anteriormente sobre a relevância de articular a teoria com a prática de forma coerente e criativa. Por certo, isso não é tão simples, é uma tarefa de natureza complexa, pelo fato de a temática do lazer ter interface com diversificadas áreas do conhecimento. Nesse sentido, Bustamante e Rangel (2002) refletem também sobre a difícil tarefa de se formatar um currículo devido às diversificadas formações dos profissionais que atuam nesse âmbito.

A formação do profissional de lazer apresenta-se diversificada já que o campo mobiliza profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Neste sentido, torna-se difícil tanto traçar um perfil dos cursos de formação destes profissionais quanto de seus princípios e concepções de educação, homem, sociedade e mundo, como também alcançar mudanças em sua atuação. (BUSTAMANTE e RANGEL, 2002, p. 111).

No contexto da formação, outra questão importante é trazer algumas reflexões sobre o currículo. Para Drummond (1999), ele é um instrumento que cumpre a função de regulação social pela seleção dos conteúdos que realiza, na formação do sujeito sob determinada ótica a ser perpetuada pelo processo de escolarização, sendo um artefato social e cultural, mediado por relações de poder (p. 47 - 48). Sendo assim,

O currículo pode, então, retratar as aspirações do mercado de trabalho ao formar competências específicas para demandas circunstanciais, pode ressaltar algumas aspirações das universidades de ater-se ao binômio educação e conhecimento, realçando a formação humana do sujeito, especificamente no que se refere à ética, a construção do conhecimento com vistas à garantia da cidadania ou pode dirigir-se a uma formação eminentemente tecnicista. O que se deseja deixar claro é que qualquer (quaisquer) tendência (s) assumida (s) no currículo revela (m) que o que se prioriza na seleção de conteúdos é decorrente de um processo deliberado ou não de inclusão e exclusão de valores acerca do conhecimento. (DRUMMOND, 1999, p. 50).

A autora ainda cita que as análises curriculares que predominam, no campo da educação, são centradas na inclusão e exclusão de diferentes conhecimentos, fazendo com que o currículo tenha determinada configuração. Sendo assim, “o

conhecimento considerado válido para ser transmitido, a forma como ele é organizado e avaliado, bem como o reconhecimento de quem tem autoridade para opinar sobre ele não são entendidos como processos neutros de construção” (DRUMMOND, 1999, p. 49).

Apesar de focar a formação em Educação Física em seus estudos, Ribeiro (2008) nos dá uma dimensão que pode servir para outras áreas do conhecimento e contribuiu para confirmar a relevância de se preparar um profissional mais qualificado para atuar em um mercado tão dinâmico, que demande variadas formas de intervenção.

As reflexões sobre o mercado de trabalho e as dimensões profissionais e acadêmicas da Área de Educação Física permitiram o estabelecimento de uma relação e uma especificidade no que se refere ao perfil do profissional demandado pelo campo de atuação. (...) Por outro lado, as competências exigidas nos programas não formais de atividade física, esporte e lazer, apontam para a necessidade de cursos de Bacharelado em Educação Física, atendendo à demanda do mercado. (RIBEIRO, 2008, p. 4).

Corrêa (2009), ao tratar da formação acadêmica e intervenção profissional de Educação Física no âmbito do lazer, também nos indica que, diante das diversas possibilidades de intervenção do profissional, “torna-se necessária uma formação consistente, com disciplinas que ofereçam conhecimentos para que atue de forma coerente com as necessidades do *lôcus* em que está inserido” (p. 133). “Dessa forma, busca-se a formação de um ‘novo’ especialista, ou seja, um profissional que atua em grupos, procurando um intercâmbio entre várias áreas de conhecimento, num trabalho interdisciplinar.” (CORRÊA, 2009, p. 134).

Sobre a participação dos quinze voluntários em cursos específicos para atuar profissionalmente, foi constatado que um terço dos entrevistados – ou seja, cinco deles – afirmou não ter tido nenhuma lacuna que dificultasse suas atuações neste ramo profissional. Informaram, nas entrevistas, que suas formas de atuação foram construídas exclusivamente a partir de suas experiências práticas. Em contrapartida, dois terços dos profissionais disseram que buscaram cursos acadêmicos, técnicos ou de atualização para adquirirem conhecimentos para complementar sua formação.

Busco conhecimentos com outros profissionais da área também como Educador Físico, Geógrafos, que dão conhecimento pra gente, base teórica e prática também, e procurando outras oficinas de educação ambiental. Na prefeitura de Belo Horizonte, por exemplo, fizemos algumas oficinas de educação ambiental e conseqüentemente visando mesmo o turismo de aventura e o turismo de lazer mesmo. Na parte de Técnicas Verticais (escalada, rapel e arvorismo) é primordial você ter conhecimento atualizado, a cada dia são desenvolvidas novas técnicas, novos equipamentos e você deve estar sempre atualizado. Eu tenho vários cursos. Recentemente eu fiz um, tem 15 dias, que foi sistema de gestão de segurança pela ABETA. Ela hoje tem uma norma, uma NBR sobre Gestão de Segurança, que você consegue trabalhar segurança desde o turismo de aventura, em um arvorismo simples, em uma cavalgada, ou em um rapel, então te dá uma visão muito bacana. (Voluntário 16, entrevista no dia 20/05/2011).

Ainda explorando a questão da formação, ao se perguntar de que maneira o lazer integrou o processo formativo, foi respondido pela maioria (cinco respostas) que se deve à vivência prática; em segundo lugar, empatadas (com três respostas cada), apareceram as influências pela educação física e pelo turismo; duas respostas foram pelo prazer e uma resposta pelas relações interpessoais. A maioria dos profissionais entrevistados teve o seu envolvimento nesse campo de atuação profissional devido às suas vivências como praticantes das atividades de aventura e lazer na natureza. Cada um, com suas particularidades, enxergou uma possibilidade de receber algum retorno financeiro fazendo o que sabem e com o que têm afinidade. Dos 15 voluntários, foram 25 respostas, sendo que alguns tiveram mais de uma opção de resposta. Um grupo de 12 entrevistados indicou como principal motivo a vivência prática pessoal. Contudo, no GRAF 3 apareceram também respostas baseadas na influência profissional, em atuar com o que se gosta e envolvimento através das vivências em viagens fora do país, vendo a possibilidade de atuar dessa forma no Brasil, além de outros motivos.

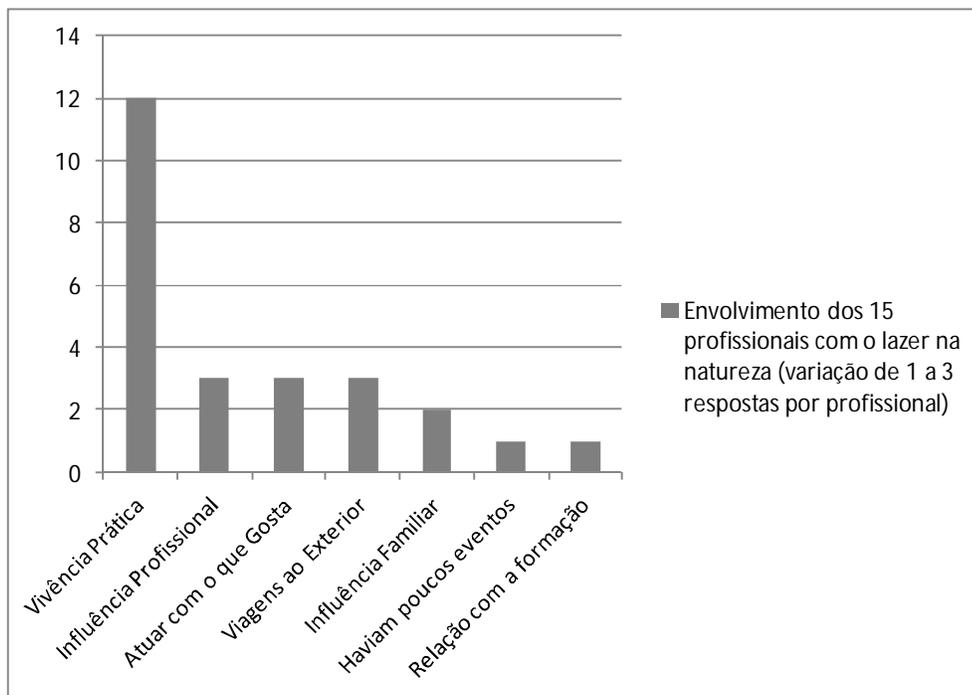


GRÁFICO 3 – Motivos do envolvimento profissional com esportes e lazer na natureza
 FONTE: Criação do próprio autor

Ribeiro (2006), em seu estudo, assinala que, “no acampamento pesquisado, a ação profissional não estava embasado na teoria do lazer, que era um ponto pouco conhecido pelos animadores do local. Estes atuavam somente a partir da experiência acumulada com o passar dos anos.” (p.104). A autora afirma que essa experiência não deve ser descartada, no entanto não pode ser a única forma de embasamento para atuar. O conhecimento adquirido e transmitido através somente da vivência prática, evidenciado no acampamento de férias, aproxima-se bastante dos depoimentos dos profissionais que atuam com o lazer na natureza no entorno de Belo Horizonte. No nosso entendimento, também precisa estar amparado em outras fontes de conhecimentos, como as sistematizações e reflexões sobre o lazer, para que sejam enriquecidos com outros conteúdos e não transitem no campo da superficialidade. Dessa forma, deve ser pautado também em reflexões sistematizadas para uma integração.

Como destaca Barbosa-Rinaldi (2008, p. 188), ao passarem por uma formação instrumentalizadora e permeada pela racionalidade técnica, os futuros profissionais não são preparados para terem autonomia quanto à aquisição e produção de

conhecimento. Essas formações precisam ser afastadas das práticas reprodutivas, sendo mais críticas e transformadoras.

A redução do universo de conhecimento também está presente no ensino superior, com a predominante presença de conteúdos técnicos e científicos e com a forma como as disciplinas estão organizadas, fragmentando o conhecimento e não permitindo que os futuros professores pensem, reflitam e façam suas análises críticas sobre os mesmos, nem os relacionem com sua prática profissional. (BARBOSA-RINALDI 2008, p. 191).

Será que somente a bagagem de conhecimentos adquiridos anteriormente com a experiência é capaz de superar todas as necessidades e expectativas de um desempenho profissional satisfatório ou coerente com o que se propõe nas vivências de lazer na natureza? Como já foi demonstrado anteriormente e citado por autores da área, é preciso haver uma diversificação qualitativa e integrada de conhecimentos para que seja formalizada uma atuação dentro do que se espera de um profissional do lazer, capaz de romper as barreiras de reprodução alienada de conteúdos. Com isso, o campo de atuação profissional nesse âmbito conquista o reconhecimento que merece, saindo da superficialidade focada somente no tecnicismo. O que não se pode perder de vista são as práticas profissionais criativas que supere a ordem vigente.

Sobre esse aspecto, Tardif (2000) nos lembra que:

Em sua prática, os profissionais devem se apoiar em conhecimentos especializados e formalizados, na maioria das vezes, por intermédio das disciplinas científicas em sentido amplo, incluindo, evidentemente, as ciências naturais e aplicadas, mas também as ciências sociais e humanas, assim como as ciências da educação. (...) Embora possam basear-se em disciplinas científicas ditas “puras”, os conhecimentos profissionais são essencialmente pragmáticos, ou seja, são modelados e voltados para a solução de situações problemáticas concretas, como, por exemplo, construir uma ponte, ajudar um cliente a resolver seus conflitos psicológicos, resolver um problema jurídico, facilitar a aprendizagem de um aluno que está com dificuldades, etc. (p. 6).

A fim de atingir o conhecimento profissional para atuar com o lazer na natureza, é desejável que ele possua uma busca contínua do aprimoramento, tanto do embasamento teórico, como nas vivências práticas; preferencialmente, devem-se combinar as duas coisas. Certamente um profissional que possui embasamento somente prático poderá ter seus horizontes restritos por não possuir parâmetros que

foram submetidos às sistematizações teóricas. É preciso haver uma ruptura, na tentativa da busca continuada e necessária do conhecimento mais ampliado. Entendemos que não é fácil essa mudança, “podendo ir da ruptura à rejeição da formação teórica pelos profissionais, ou então assumir formas mais atenuadas, como adaptações, transformações, seleção de certos conhecimentos (...) a fim de incorporá-los à prática” (TARDIF, 2000, p.11-12). Mas essa prática também desempenha um papel importante, mesmo se ainda não tiver ocorrido um intercâmbio com a vivência teórica, e, no caso de grande parte dos voluntários desta pesquisa, foi um dos impulsionadores do desempenho profissional do lazer na natureza. Nesse aspecto, focado em algumas pesquisas, Tardif (2000) contribui com a seguinte reflexão:

Dizendo de maneira polêmica, se os pesquisadores universitários querem estudar os saberes profissionais da área do ensino, devem sair de seus laboratórios, sair de seus gabinetes na universidade, largar seus computadores, largar seus livros e os livros escritos por seus colegas que definem a natureza do ensino, os grandes valores educativos ou as leis da aprendizagem, e ir diretamente aos lugares onde os profissionais do ensino trabalham, para ver como eles pensam e falam, como trabalham na sala de aula, como transformam programas escolares para torná-los efetivos, como interagem com os pais dos alunos, com seus colegas, etc. (p. 12).

O autor nos indica a realidade dos saberes profissionais no campo do ensino. No entanto, podemos trazer essa realidade para o nosso estudo focado na atuação profissional no campo do lazer. Fazendo essa analogia, entendo a importância que a formação integrada com os conhecimentos adquiridos com a experiência de vida, vivenciada com as práticas de lazer na natureza, mesmo sabendo que essas vivências são plurais e heterogêneas.

Tardif (2000), seguindo a perspectiva epistemológica e ecológica, indica que os saberes profissionais de professores provêm de variadas fontes e são heterogêneos. Esses valores também são coerentes ao serem transferidos para profissionais do lazer ou de outras áreas de atuação:

- No trabalho, um profissional se serve de sua “cultura” pessoal, que provém de sua história de vida e de sua “cultura” escolar anterior;
- O profissional também se apóia nos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, nos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação;

- O profissional também se apoia nos conhecimentos curriculares dos programas, guias e manuais;
- Também se baseia em seu próprio saber ligado à experiência de trabalho, na experiência de certos profissionais e em tradições peculiares ao ofício profissional;
- Não formam um repertório unificado de conhecimentos, por exemplo, em torno de uma disciplina, de uma tecnologia ou de uma concepção do ensino; eles são, antes, ecléticos e sincréticos;
- Os profissionais, em sua prática, procuram atingir diferentes tipos de objetivos cuja realização não exige os mesmos tipos de conhecimento, de competência ou de aptidão; e
- Têm certa unidade, não se trata de uma unidade teórica ou conceitual, mas pragmática utilizando para isso diferentes ferramentas. (p. 14-15).

Os saberes profissionais articulados por Tardif (2000), pautados na coerência, podem sofrer uma transposição para os estudos do lazer. E a aplicação de conhecimentos práticos na atividade profissional dos voluntários deste estudo demonstrou que, pela falta de formação específica para tal atuação, muitos deles aprendem a trabalhar sozinhos. Nesse aspecto, o autor ainda contribui com a seguinte reflexão:

O que a pesquisa sobre os saberes profissionais mostram é que eles são fortemente personalizados, ou seja, que se trata raramente de saberes formalizados, de saberes objetivados, mas sim de saberes apropriados, incorporados, subjetivados, saberes que é difícil dissociar das pessoas, de sua experiência e situação de trabalho. (TARDIF, 2000, p. 15).

Em alguns depoimentos, apesar de os voluntários reconhecerem a importância da teoria, ficou clara em alguns momentos uma dissociação entre a teoria e a prática: *“muitas vezes a teoria é bonita, mas a prática é um pouco diferente”* (Voluntário 10, entrevista no dia 12/05/2011). O que não se pode perder de vista é a necessária associação ou interligação entre o conhecer teórico e o fazer prático, que se mostra tão importante para chegarmos a uma atuação com conteúdos consistentes e críticos.

Segundo os voluntários, dentre os conhecimentos considerados fundamentais para atuar profissionalmente com esportes e atividades de lazer na natureza está, em primeiro lugar, a experiência. Dos 15 entrevistados, nove apontaram esse fator como prioritário e imprescindível.

Bondía (2002) nos faz refletir sobre o que vem a ser experiência, evidenciando a relação entre a teoria (ciência) e a prática (técnica). Trata-se de uma técnica aplicada, que nos remete a uma práxis reflexiva, como uma experiência dotada de sentido, que considero ser a mais coerente para uma atuação profissional.

O autor traz alguns pontos de vista que confrontam ideias sobre a experiência que vemos no senso comum, sobretudo a exigida no mercado de trabalho em nossa realidade. Bondía (2002) reflete sobre o excesso de informação afirmando que “a informação não deixa espaço para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (p. 21). Sobre esse aspecto, acredito que a informação, desde que não excessiva, seja importante para a experiência, devendo ser selecionada, processada e assimilada e podendo ser transformada em conhecimento para compor conteúdos essenciais à experiência. Logicamente, informações exacerbadas, sem um “filtro”, podem ser prejudiciais à experiência. Outro ponto considerado pelo autor é que “a experiência não tem nada a ver com o trabalho” (p. 24). Atualmente, em relação ao sucesso ou fracasso de pessoas que buscam uma colocação no mercado, independentemente de sua área de atuação, muitas vezes em uma entrevista o que se leva em conta são as “experiências anteriores”, sobretudo a do trabalho, que certamente gerará conhecimentos singulares e úteis à experiência.

Mas, afinal, o que pode ser essa “experiência”? Para Bondía (2002), “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (p. 21). Para esse autor, o sujeito da experiência se define “não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (p. 24). Assim, existe uma ênfase na singularidade da experiência:

O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (BONDÍA, 2002, p. 27).

Alem da experiência e vivência prática, que foi considerada o aspecto mais importante pelos entrevistados, no GRAF 4, aparece em segundo lugar outro fator

por eles considerado fundamental para a atuação profissional, com quatro preferências entre os voluntários: os conhecimentos ligados à organização e à estrutura das atividades. E em terceiro lugar, ficaram os conhecimentos técnicos e conhecimentos sobre o meio ambiente/sustentabilidade, com três menções cada. A formação acadêmica aparece como quarta opção de escolha, juntamente com as relações interpessoais, citadas duas vezes cada uma. Por se tratar de uma entrevista semiestruturada de respostas livres, alguns voluntários foram pontuais, evidenciando apenas um fator considerado fundamental para atuar com o lazer na natureza. No entanto, outros entrevistados citaram mais de uma opção.

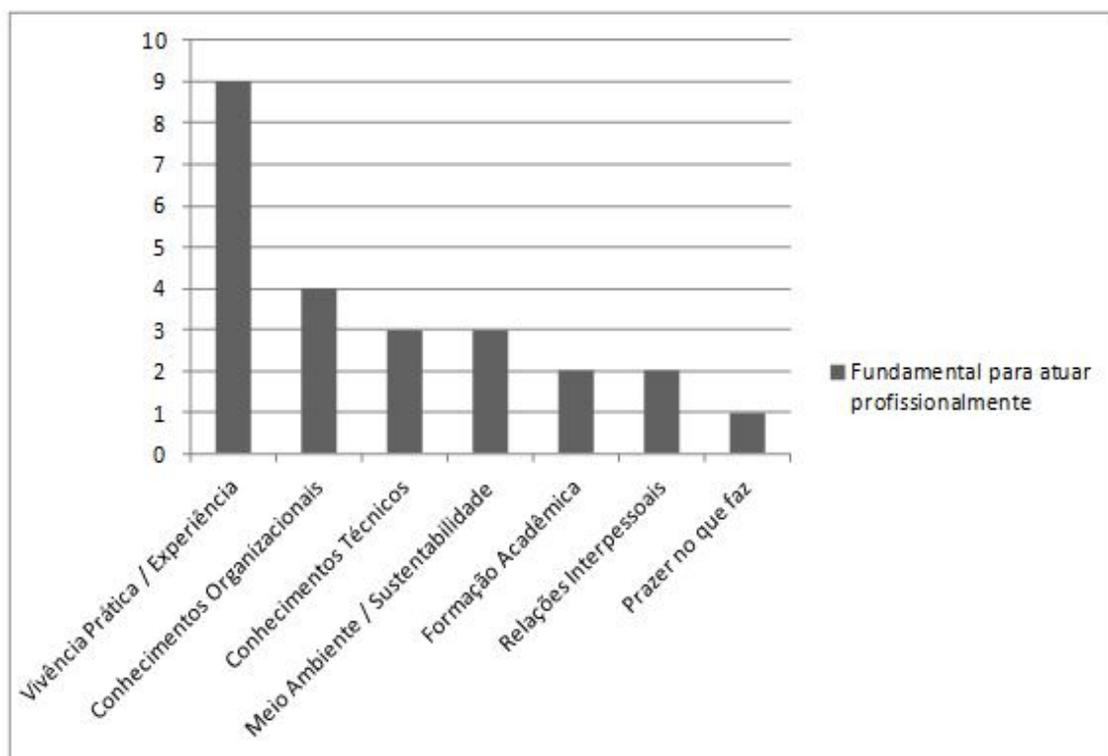


GRÁFICO 4 – O que os quinze profissionais julgam ser fundamental para atuar com lazer na natureza
 FONTE: Criação do próprio autor

Retomando a discussão sobre a experiência, como proposto por Bondía (2002), percebe-se que existe uma importante distinção: o autor enfatiza uma experiência como sendo algo mais profundo com reflexões mais amplas e significativas, o que diferencia da experiência citada pelos profissionais, representada no GRAF 4. Os profissionais referem-se a uma experiência de vivência como praticante, que pode ser mecânica e automatizada, com forte viés tecnicista. O conhecimento técnico

também apareceu na pesquisa e, por sinal, ganhou, por parte dos entrevistados, a mesma importância dos conhecimentos sobre o meio ambiente e sustentabilidade.

Sobre estes dois últimos aspectos, os profissionais entrevistados citaram como terceira ordem de prioridade, equiparada com os conhecimentos técnicos. Dos 15 entrevistados, apenas três deles salientaram como fundamental o meio ambiente e a sustentabilidade em suas atuações profissionais, demonstrando que, mesmo atuando profissionalmente em ambientes naturais, é considerado algo sem tanta importância. É preciso ter uma visão crítica sobre essa constatação ao se pensar no aprofundamento da formação para atuar nesse âmbito.

No processo dos entrevistados que atuam com o lazer na natureza, as implicações destacadas com relação à atuação profissional evidenciam uma articulação controversa entre a teoria e a prática. Entre os quinze voluntários, oito profissionais são totalmente voltados para a prática, e seis deles entendem que são interligadas ou andam juntas. Nesse aspecto, acredito ser a mais coerente a reflexão bem atual de que “... a teoria é crucial à medida que se enraíza nas experiências de vida, nas práticas reais, e precisa analisar os distintos aspectos que conferem significados à nossa vida cotidiana” (GOMES, 2011, p. 37), opinião que compartilho. Uma voluntária graduada em turismo disse que, nessa articulação entre teoria e prática, sua implicação foi focada mais em conhecimentos teóricos, voltados para estudos sobre o meio ambiente. A seguir, alguns depoimentos:

A teoria e a prática (...) são totalmente ligadas, porém, teoricamente, e vivenciei muita coisa na faculdade, mas para colocar em prática era necessária uma logística diferenciada em relação à instituição de ensino em que eu forme. Como não havia este incentivo às atividades ligadas à natureza, eu mesmo me propus a ajudar o maior número de seres humanos possível a entrar em contato com a natureza. Eu promovo justamente algumas coisas, que eu praticamente não ganho nem dinheiro com as atividades que eu estou fazendo; mais é para promover o bem-estar de outras pessoas, e conseguir tentar aproximar as pessoas da natureza. Mas teoria e prática, a gente pensa que é fácil aplicar, mas precisaria de um incentivo maior, tanto da instituição como de alguma outra repartição pública. (Voluntário 4, entrevista no dia 30/04/2011).

A nossa atividade – o montanhismo e a escalada – aqui no Brasil é uma atividade muito recente, então boa parte do embasamento é predominantemente prática; a partir do momento que eu já tinha noção do conhecimento que eu possuía, eu comecei a buscar algum subsídio teórico através de literatura, através de outros entendimentos, que não existiam aqui

no Brasil. Para você ter ideia, hoje mesmo tem uma quantidade muito pequena de literatura em português, então a grande parte da literatura para se dizer que eu me apoiei era espanhola ou era americana. (Voluntário 5, entrevista no dia 06/05/2011).

Era basicamente através de ler o texto e tentar fazer alguma dinâmica de grupo dentro de sala, poucas das vezes que a gente teve a oportunidade de, por exemplo, a gente não fez nenhuma caminhada durante o nosso curso, onde a gente aprendia como que vai montar a mochila? Que tipo de roupa que eu tenho que levar? É claro, eu já tenho essa bagagem que eu fui aprendendo com outras pessoas, é uma formação fora da escola, mas eu acho que esta questão da formação da prática e da teoria elas não deveriam ser tão dissociadas, assim a gente deveria estar em campo e aconteceu isso..., ah! você veio com esta bota, a gente discutir o assunto, esse calçado não é bom para caminhar por causa disso, disso e disso..., e não fazer um negócio muito dividido assim, sabe? (Voluntário 6, entrevista no dia 06/05/2011).

(...) houve muito mais iniciativa própria e essas coisas que eu já fazia particularmente. A relação entre a teoria e a prática tem entrada nas disciplinas que eu fiz, e inclusive umas das disciplinas que eu fiz no Lazer; ela é totalmente voltada pra prática, que é “Lazer e Esportes na Natureza”, essa sim, é totalmente voltada para a prática, quem não tem iniciativa, acho que fica um pouco prejudicado, então foi meu caso, porque ao mesmo tempo em que eu estava cursando as matérias, eu estava colocando em prática com meus amigos. (Voluntário 8, entrevista no dia 11/05/2011).

A prática é o maior professor que temos, assim, para organizar um campeonato em um esporte que é novo. Por exemplo, se você analisar que há um tempo a apuração da prova era feita manualmente por pessoas na trilha, cada uma com um relógio diferenciado, e aconteceu um desenvolvimento tecnológico, e tem todo um sistema eletrônico para apuração da prova. Com relação à logística do evento, a contratação das pessoas que estão trabalhando no evento, agente foi também adequando conforme as coisas foram acontecendo. Então, desde a questão burocrática da contratação do evento por uma prefeitura, até no trabalho desenvolvido por uma equipe de resgate de trilha, o tratamento com os competidores, como levar esta comunicação, mantendo ali uma proximidade e ao mesmo tempo em ser profissional, eu acho que foi só através da prática que a gente conseguiu formatar e aprender isso. (Voluntária 11, entrevista no dia 13/05/2011).

A questão da experiência prática no meio profissional foi estudada também no artigo “Educação e Formação dos Trabalhadores do Programa Esporte e Lazer da Cidade”, na obra “Política, Lazer e Formação” (FIGUEIREDO e ALMEIDA, 2010), confirmando o depoimento da maioria dos voluntários da pesquisa nesse aspecto.

[...] os saberes experienciais são aqueles saberes específicos, em que os próprios educadores, no exercício de suas funções e das práticas sociais que empreendem em sua profissão, desenvolvem em virtude do trabalho cotidiano e no conhecimento do seu meio. (FIGUEIREDO e ALMEIDA, 2010p. 104).

Tardif (2000), ao tratar da formação para o magistério, demonstra uma visão crítica sobre a questão da teoria e da prática, que é considerada pertinente para as reflexões desta pesquisa. O autor nos diz que:

Essa ilusão faz que exista um abismo enorme entre nossas 'teorias professadas' e nossas 'teorias praticadas': elaboramos teorias do ensino e da aprendizagem que só são boas para os outros, para nossos alunos e para os professores. Então, se elas só são boas para os outros e não para nós mesmos, talvez isso seja a prova de que essas teorias não valem nada do ponto de vista da ação profissional, a começar pela nossa. (TARDIF, 2000, p. 21).

Se o profissional partir para esse pensamento de autocrítica, já terá avançado para melhoria do processo ensino-aprendizagem no campo da atuação profissional.

Após a vivência profissional nesse mercado de trabalho, os profissionais destacam vários fatores que consideram essenciais para atuarem com o lazer na natureza, tais como preservação ambiental, segurança na atividade, conhecimentos técnicos, boa equipe de trabalho, planejamento, busca constante de atualização dos conhecimentos, como destacado no GRAF 5. Sobre essa busca de conhecimento, Melo (2002), quando trata das disciplinas esportivas na formação profissional em Educação Física, afirma "ser mister considerar que a formação do(a) professor(a), de modo algum, pode ser tratado de forma fragmentada, e sim perspectivando um processo contínuo" (p. 140). Sem dúvida essa afirmação serve também para profissionais oriundos de variadas formações. Contudo, apesar da grande variedade de fatores citados, o que teve maior destaque, e foi citado como o mais relevante pelos voluntários, é o relacionamento interpessoal, tanto com clientes como com a equipe de trabalho.

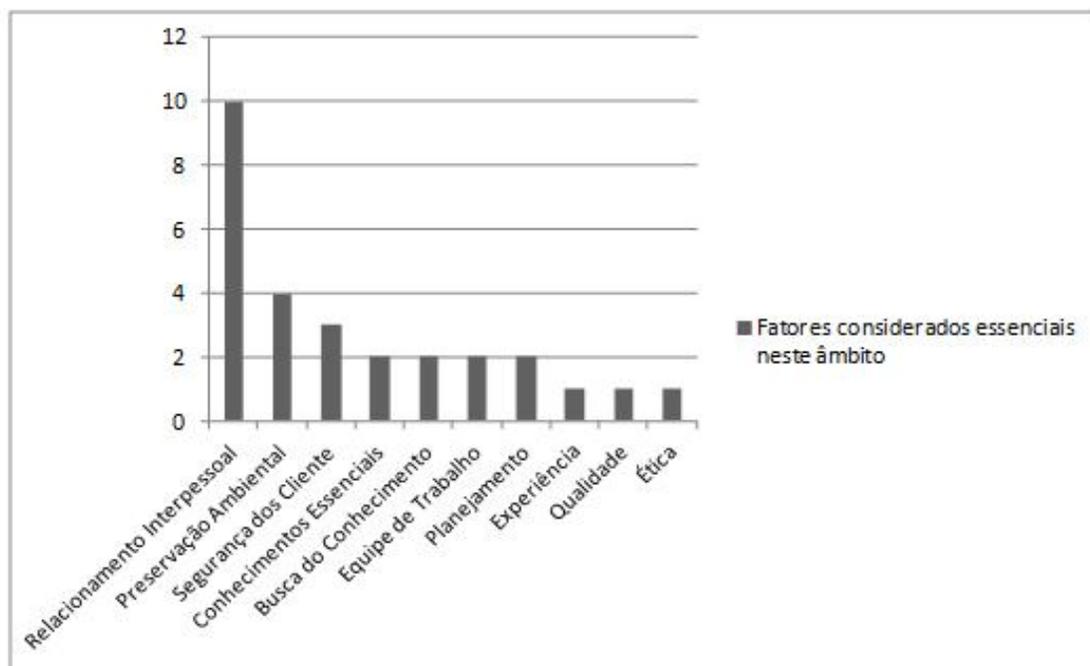


GRAFICO 5 – Os dez fatores considerados mais importantes para atuar após a experiência da vivência profissional com o lazer na natureza no entorno de Belo Horizonte/MG
 FONTE: Criação do próprio autor

A seguir temos algumas reflexões dos voluntários da pesquisa. “*Primeiro é relacionamento interpessoal: você com a outra pessoa em qualquer ambiente (...)*” (Voluntário 6, entrevista no dia 06/05/2011). Outro entrevistado disse que o mais importante é o “*relacionamento com as pessoas, sem a menor sombra de dúvidas. As pessoas que estão aqui, as pessoas que vêm de fora. Relacionamento entre funcionários (...)*” (Voluntário 13, entrevista no dia 15/05/2011).

Outros profissionais entrevistados esclareceram o seguinte:

[...] respeitar as pessoas que estão ali participando do evento no caso os atletas, o respeito tem que ser muito grande com as coisas que você esta se propondo a fazer, até porque o que está combinado lá no regulamento, e a questão da qualidade, oferecer um produto de qualidade pra que as pessoas que estejam no evento tenham vontade de voltar, e indique o evento pra outras pessoas, então a questão da qualidade e do respeito é fundamental. (Voluntário 7, entrevista no dia 07/05/2011).

Eu acho que principalmente é a questão do “jogo de cintura” e de saber separar o pessoal do profissional, porque em primeiro lugar as pessoas que estão neste ambiente estão buscando a questão do lazer, estão procurando um ambiente gostoso, ambiente agradável, onde de forma alguma a pessoa que está organizando possa deixar um problema pessoal influenciar neste dia a dia das pessoas. Então o dia da competição pra mim é sagrado, por

pior que seja meu problema, eu vou estar rindo para todo mundo, estarei passando para as pessoas o que elas estão buscando ali que é a questão do bem-estar, do lazer, contato com a natureza (...). (Voluntária 11, entrevista no dia 13/05/2011).

Eu acredito que seja o saber lidar com o público é o principal, é o primordial (...). Mas o que eu gostaria de passar de minha experiência nesta entrevista é a importância de se pensar muito no prazer dos participantes do evento, integrantes da prova, e tentar trabalhar com perfeição no mínimo ali dentro, para proporcionar prazer do participante do seu evento em todos os aspectos para evitar todo tipo de falha. No meu Mestrado eu busquei avaliar o desempenho dos atletas e relacionar o desempenho com alguns aspectos da personalidade, então foi uma pesquisa mais voltado para a performance, embora na minha pesquisa eu entrevistei os alunos e perguntei porque eles praticavam o esporte de orientação, e então a grande maioria respondeu que pelo contato com a natureza, pelo lazer e pelo prazer. (Voluntário 14, entrevista no dia 18/05/2011).

A relação interpessoal é imprescindível em todas as formas de sociabilidade e compreende uma série de atitudes ligadas ao comportamento humano. Encontramos um exemplo dessas reflexões em uma publicação que disserta sobre o relacionamento interpessoal na coordenação pedagógica. Almeida (2006) traz a seguinte contribuição:

Minha experiência como aluna e como profissional e o resultado das pesquisas apontam para uma direção: o coordenador pedagógico precisa desenvolver nele mesmo, e nos professores, determinadas habilidades, atitudes, sentimentos que são o sustentáculo de atuação relacional: olhar, ouvir, falar, prezar. (ALMEIDA; PLACCO, p. 70).

Na realidade, um profissional do lazer no exercício de sua atuação carrega em todas as suas ações atitudes de um coordenador pedagógico ao transmitir os saberes integrantes e incorporados ao lazer, e, se esses conhecimentos forem assimilados, terão as habilidades e competências essenciais para atuar no âmbito do lazer. Nesse sentido, grande parte dos voluntários da entrevista desta pesquisa conseguiu vislumbrar em suas realidades que as relações interpessoais correspondem a um dos fatores decisivos para o sucesso e sobrevivência de suas atividades profissionais com o lazer na natureza. Isso em uma perspectiva comercial ou de subsistência da atividade, no relacionamento proprietário-funcionário e vendedor-cliente. O que não podemos perder de vista é a importância de ir além da relação de consumo, focando também nas perspectivas relacionais mais profundas entre ser-humano – ser-humano e entre ser-humano – natureza. Acreditamos que tal lógica se faz presente em outras frentes de atuação profissional e a complexidade que cerca

as relações interpessoais, sendo importante abordá-las e construí-las também durante o processo de formação profissional.

É indispensável que, nessa busca pela formação profissional, haja uma reflexão crítica voltada para a articulação entre conteúdos teóricos e práticos, integrados a uma formação continuada para enfrentar os desafios de nossa realidade. Assim, é essencial lutar por melhores condições para que a formação nos propicie alcançar o reconhecimento do campo profissional do lazer.

6.4 Reconhecimento profissional: Alguns limites para o campo

A atuação dos quinze profissionais pesquisados que trabalham com lazer na natureza foi classificada em 11 segmentos distintos: Corrida de Aventura, *Trekking*, Caminhadas, Técnicas Verticais, *Mountain Bike*, Travessias, Passeios, Arvorismo, Corrida de Orientação, Turismo Rural e no Meio Acadêmico, conforme mostra o GRAF 6. As atividades nas quais os voluntários atuam somaram trinta e sete, devido ao fato de alguns estarem envolvidos com mais de uma atividade de lazer. Foi constatada a predominância da Corridas de Aventura (oito voluntários), em segundo lugar o *Trekking* (sete voluntários), e em terceiro lugar as Técnicas Verticais e Caminhadas, cada uma mencionada quatro vezes nas entrevistas.

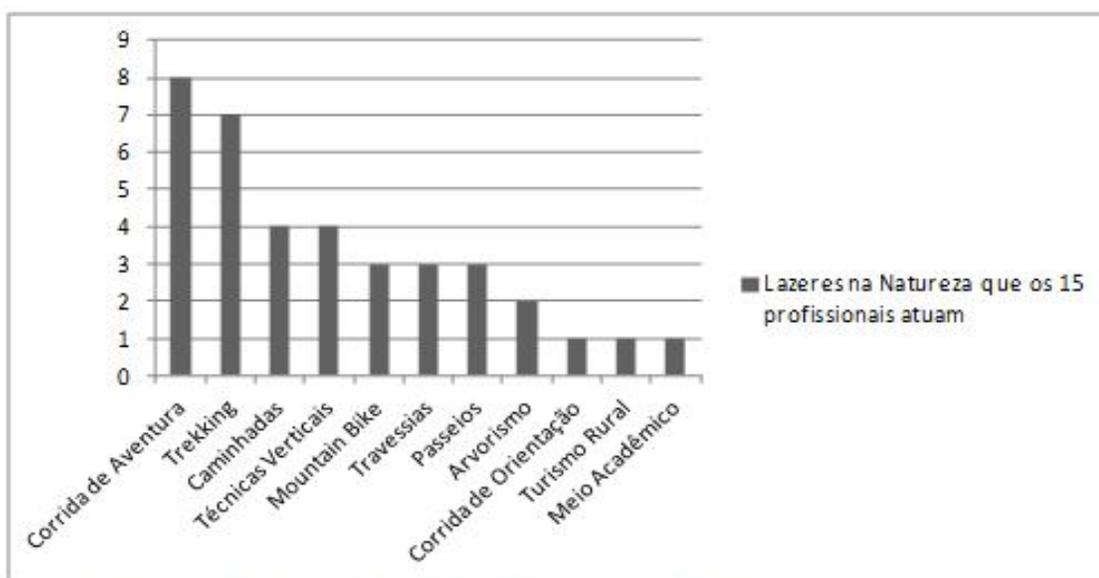


GRAFICO 6 – Tipos de atividades de lazer que os profissionais pesquisados atuam
 FONTE: Criação do próprio autor

O GRAF 7, por sua vez, evidencia que apenas cinco dos voluntários atuam profissionalmente com o lazer na natureza como atividade principal, ou seja, a maioria possui outra atividade profissional, que é responsável pela sua renda principal, mesmo porque grande parte das vivências é desenvolvida nos finais de semana e feriados. Dos que não possuem a atuação com o lazer na natureza como atividade principal, três são proprietários de lojas especializadas de vestuário, materiais ou equipamento para lazer na natureza, dois são proprietários de academia de ginástica (sendo um deles turismólogo e o outro professor de Educação Física), além de um dono de pousada, um médico, um dono de oficina mecânica, uma funcionária pública Estadual e um professor universitário.

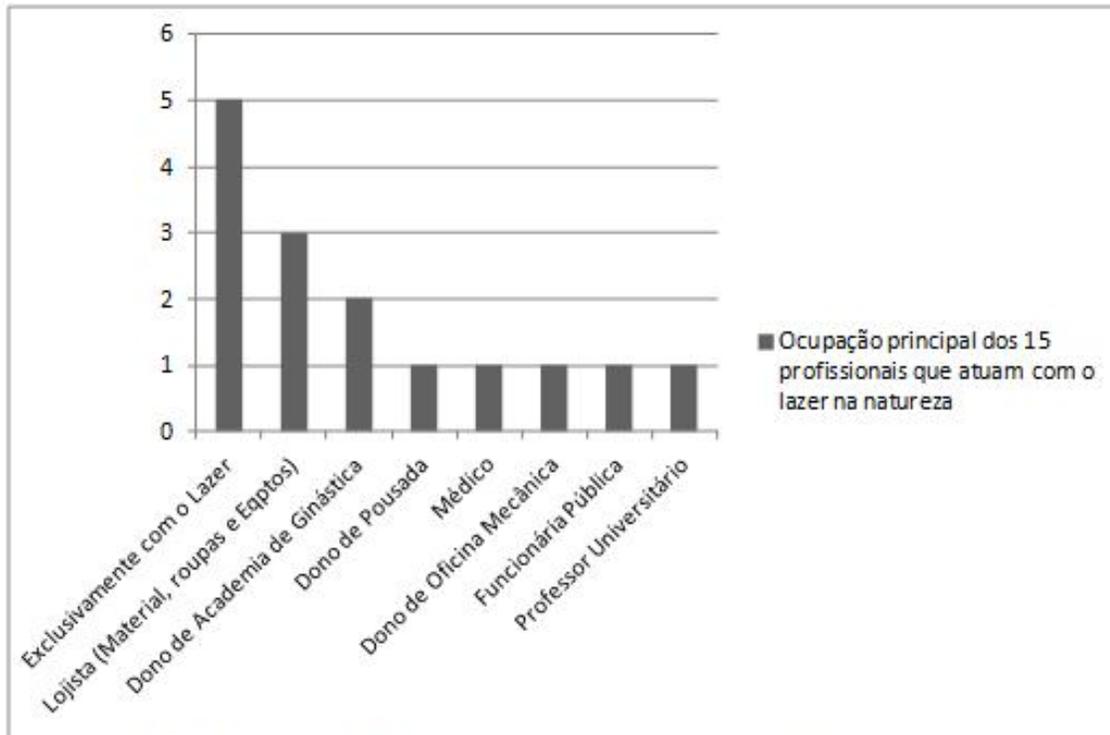


GRÁFICO 7 – Atividade profissional principal dos sujeitos pesquisados
 FONTE: Criação do próprio autor

Outro estudo (PINHEIRO, 2005) alertou sobre a questão dos ganhos financeiros por parte dos profissionais que atuam nesse mercado de trabalho, demonstrando a importância do trabalho em lazer e recreação na percepção ou composição da sua renda mensal. Foi apurado que “apenas 16% dos profissionais têm esse mercado como sua única fonte de renda, 28% dos profissionais têm esse mercado como fonte

de renda principal e, para 56% dos profissionais, o trabalho em lazer e recreação é apenas uma fonte de renda secundária” (p. 138).

A insatisfação com a remuneração recebida também pode levar alguns profissionais a reconsiderarem suas intenções nesse mercado de trabalho. (...) Outro aspecto que também foi lembrado por alguns dos profissionais é a sazonalidade deste mercado. (PINHEIRO, 2005, p. 139).

Paralelamente à sazonalidade, insatisfação e baixa composição da renda principal ao atuar com o lazer na natureza, a falta de reconhecimento da profissão pode estar vinculada a essa atividade profissional, o que foi ressaltado em uma das entrevistas:

Eu acho interessante colocar, que é uma questão que considero pessoal, não sei se pode contribuir com a pesquisa, uma dificuldade que a gente que está trabalhando diretamente com isso, no meu caso que larguei o curso de Engenharia, e estou encarando isso, e muitas vezes as pessoas não recebem isso, por mais profissional que você seja, acho que até sou muito, mas como se fosse assim... Ah, isso não é um trabalho direito, isso é passeio, então as pessoas não enxergam isso como uma profissão, como realmente um trabalho, sempre enxergam o lado bom da coisa, e na verdade o que eu acho mais preocupante, e que precisam de mais estudos como esse, é a necessidade de um reconhecimento melhor pra esse trabalho assim, ser reconhecido, e não por quem está ali participando, muitas vezes até pela própria família que acha que você está perdendo seu tempo, e na verdade é uma coisa que me fez descobrir um tanto de coisa que eu nem sabia de mim mesma, e eu acho que isso é interessante. (Voluntária 11, entrevista no dia 13/05/2011).

Essa questão sobre o reconhecimento do trabalho com atividades e esportes de lazer na natureza como profissional, levantada pela voluntária 11, não é uma questão tão pessoal ou isolada. A falta de reconhecimento profissional pode ser encarada até como uma questão cultural, do não reconhecimento do direito ao lazer, que consiste em uma necessidade humana. No entanto, é deixado de lado, buscando atender a outras necessidades consideradas primárias, como o trabalho, por exemplo. Por consequência, não reconhecer esse direito pode refletir no desconhecimento do lazer como área de atuação e campo de estudos. No campo da pesquisa, como ocorre no mercado de trabalho, essa falta de reconhecimento também está presente. Não raro estudiosos do lazer se deparam com indagações do tipo: você estuda/pesquisa lazer, como assim? E, mesmo ao dar conhecimento sobre o que é lazer, alguns ainda encaram com desconfiança.

A falta de reconhecimento do lazer foi ratificada na obra “Política, Lazer e Formação” (2010), no capítulo que trata da “Educação e Formação dos Trabalhadores do Programa Esporte e Lazer da Cidade”, no qual os autores refletiram sobre a falta de reconhecimento desse profissional:

[...] tratar da formação de trabalhadores do lazer parece ser um desafio que desemboca em alguns obstáculos como, por exemplo, o reconhecimento desse universo como parte de um grupo profissional, além disso, o fenômeno da formação para trabalhadores do lazer ganha complexidade à proporção que o lazer se constitui como uma área multidisciplinar e multiprofissional, com um amplo e diversificado campo de intervenção. Nesse sentido, os trabalhadores do lazer constituem uma categoria social *sui generis*, visto que vivem a condição ambígua de não serem reconhecidos no âmbito profissional. (FIGUEIREDO e ALMEIDA, 2010, p. 101).

Quanto ao reconhecimento da atuação no lazer na natureza, apoio-me em Tardif (2000) quando diz que:

Esses conhecimentos especializados devem ser adquiridos por meio de uma longa formação de alto nível, a maioria das vezes de natureza universitária ou equivalente. Essa formação é sancionada por um diploma que possibilita o acesso a um título profissional, título esse que protege um determinado território profissional contra a invasão dos não-diplomados e dos outros profissionais. (p. 6).

O autor trata dos saberes profissionais de professores, mas suas considerações são pertinentes para profissionais do lazer na natureza, mesmo sabendo que aqueles que atuam nesse campo pertencem a várias áreas do conhecimento, mas sua formação, desde a base, lhes proporciona consistência teórico-prática, que dará subsídios para o devido reconhecimento de uma área específica de atuação profissional com atividades e esportes de lazer na natureza.

Corrêa (2009) também discorre sobre as questões que remetem ao reconhecimento profissional:

Dessa forma, como descrever um “profissional” com diversas possibilidades de intervenção, com objetivos muitas vezes diferentes? O que dizer de um campo profissional ainda em formação? Pode-se chamar este agente de profissional no seu sentido *stricto*? Uma vez que, o lazer, não constituiu uma categoria profissional que esteja consolidada no mercado de trabalho e no sistema social, ou seria ainda uma ocupação? Talvez, pelas peculiaridades de sua intervenção, não se pode caracterizar como tal, de

forma rígida ou institucionalizada? Estas são algumas entre muitas das perguntas que se encontram em debate. (p. 138).

Outro apontamento feito pelo autor é considerar que, muitas vezes, o profissional que atua no lazer em diversos momentos confunde sua vida privada com a profissional, “pois em várias situações o seu companheiro de trabalho é o seu amigo, sua namorada, sua esposa” (CORRÊA, 2009, p. 139). Esse pode ser mais um fator contribuinte para a falta de credibilidade que o campo de atuação enfrenta para o seu reconhecimento como área de atuação profissional.

Ao discorrer sobre o papel do animador sócio-cultural em hotéis de lazer, Corrêa (2002) também levantou as dificuldades que interferem na atuação desse profissional no mercado de trabalho.

Muitas dificuldades são encontradas na área de atuação desse profissional, principalmente nesse setor econômico do lazer e entretenimento, tão inovador e que não pode parar de inovar, trouxe a luz à importância de um profissional até então raro no mercado. No entanto, dois fatores associados emperram no momento o seu crescimento: a falta de identidade e a falta de formação profissional. (CORRÊA, 2002, s.p.).

As duas questões levantadas pelo autor e classificadas como impeditivas ao crescimento profissional revelam, também, uma realidade encontrada no campo das atividades e esportes de lazer na natureza. Até este momento, o campo vem se desenvolvendo sem um vínculo ligado a uma formação que dê conta de identificar ou dar autenticidade a esse ramo profissional, correndo o risco de transitar no amadorismo. O fato de o lazer agregar vários tipos de formações pode ser uma agravante nessa complexa tentativa de construção de um campo de atuação.

Nesta pesquisa foi constatado que muitos profissionais de diversificadas áreas do conhecimento estão atuando com base em suas vivências de praticantes sem ter buscado uma formação mais consistente para isso, ou seja, sem um conhecimento sistematizado e crítico.

Um estudo que reuniu um grupo de onze pesquisadores do lazer em que foi estudada a produção do conhecimento na área do lazer e analisou a formação e atuação profissional nos anais do ENAREL de 1997 a 2006 nos indica que:

Os profissionais que atuam no campo do lazer podem exercer diversas funções e cada um possui uma especificidade envolvendo uma diversidade de domínios, fundamentos, competências e habilidades. Em virtude dessa multiplicidade de funções que podem ser exercidas pelo profissional, várias são suas denominações: monitor, recreador, consultor de lazer, gentil organizador, agente cultural, militante cultural, animador. Para o profissional, essa diversidade de funções e denominações, em conjunto com uma visão parcial da dimensão do lazer, ou seja, uma limitação do seu entendimento, não permitindo que ele o entenda como manifestação humana experimentada ou assistida no tempo disponível, corrobora para que sua ação nas diversas áreas existentes nesse setor seja limitada. (STOPPA, *et al*, 2010, p. 5).

Os pesquisadores ainda afirmaram que, para alterar essa realidade, faz-se necessário situar o papel do profissional dessa área “organizando atividades, liderando grupos ou comunidades, iniciando as pessoas em diferentes modalidades físicas e esportivas, transmitindo-lhes as técnicas básicas e, também, administrando recursos para que grupos ou coletividades possam usufruir as atividades de lazer” (STOPPA *et al.*, 2010, p. 5).

Finalizando, nesta pesquisa foi verificado que vários estudiosos estão empenhados por construir conhecimentos para superar a realidade vigente de forma crítica e criativa. Paralelamente, é perceptível que boa parcela dos profissionais atuantes no campo dos esportes e atividades de lazer na natureza também estão em busca de uma construção responsável da atuação nesse âmbito. No processo formativo, a fusão entre a teoria e a prática dará consistência para uma atuação reflexiva e crítica que poderá alterar a realidade vigente, proporcionando condições para o aprofundamento da formação e, conseqüentemente, uma atuação profissional com os esportes e atividades de lazer na natureza mais qualificada e consistente – um importante desafio nesse campo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza no entorno da cidade de Belo Horizonte/MG, procurando compreender como e por que eles optaram por esse campo de atuação e também os seus entendimentos de lazer e de natureza. Buscou-se analisar a formação desses profissionais, tendo em vista compreender de que maneira a temática do lazer integrou esse processo, discutindo de que maneira isso aconteceu ou vem sendo realizado.

Os estudos empreendidos na pesquisa bibliográfica, assim como o diálogo com quinze profissionais possibilitaram conhecer, de forma mais consistente, algumas facetas da temática investigada, abrindo interessantes perspectivas de discussão para os esportes e atividades de lazer na natureza.

Segundo os profissionais pesquisados, as opções mais comumente desenvolvidas no entorno de Belo Horizonte são a corrida de aventura, o *trekking*, a caminhada ecológica, as técnicas verticais (principalmente rapel, escalada e arvorismo), o *mountain bike*, dentre outras. Optou-se pela expressão “*esportes e atividades de lazer na natureza*”, pelo entendimento de que possui uma abrangência maior em consonância com a multiplicidade de atividades desenvolvidas em suas práticas e pelo fato de não serem vivenciados somente por esportistas. O lazer na natureza possui diversificadas formas de vivências que podem ser ligadas à competição, à aventura, ao turismo, à contemplação, além de outras possibilidades.

Foi constatado que o entendimento sobre lazer se reveste de um sentido funcionalista para a maioria dos entrevistados, estando relacionado com os momentos de prazer, bem-estar e fuga das rotinas cotidianas. Para o grupo, em geral, o lazer é realizado fora do horário de trabalho e no tempo livre. Não foi identificada uma visão mais ampliada e aprofundada do lazer na natureza, no sentido de estar articulado com as questões sociais, culturais ou ambientais. A diversificação de entendimento de lazer deve-se à singularidade de cada profissional dentro de sua realidade vivida, e também às características multidisciplinares peculiares aos esportes e às atividades de lazer na natureza.

A formação acadêmica dos profissionais que atuam com o lazer na natureza entrevistados nesta pesquisa é variada, constatando-se a maior presença de profissionais (quatro) sem formação acadêmica, uma vez que interromperam suas graduações. Dos que concluíram o curso superior, considerando-se o número de entrevistados na pesquisa, foi constatado certo equilíbrio entre formados em Educação Física, Administração e Turismo, com uma pequena vantagem dos primeiros. Essa predominância foi constatada em outras pesquisas de forma mais expressiva, como destacaram Corrêa (2002), Pinheiro (2005) e Ribeiro (2006). Vários outros autores da área também identificaram a multidisciplinaridade, característica do lazer na natureza, revelada neste estudo também por Isayama, Silva e Lacerda (2011), em que o campo é configurado com propostas interdisciplinares com a participação de profissionais de variadas formações.

Foi também investigado, juntos aos profissionais, as suas percepções sobre a natureza, que representa o contexto em que eles atuam. Muitos disseram que ela exerce importância primordial, é “essencial”, “fundamental”, “é tudo”, além de terem bem presente em seus discursos termos como “respeito”, “preservação” e “sustentabilidade”. Mesmo que o principal foco dos profissionais pesquisados recaia sobre os esportes e as atividades de lazer em ambientes naturais, foi possível verificar que falta um entendimento mais profundo sobre a natureza, numa perspectiva de integração do homem com o meio ambiente, para buscar uma sustentabilidade. Conforme foi lembrado por Brüseke (2004), é importante que se possa satisfazer adequadamente “as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades” (p. 17), focando a conscientização e buscando minimizar os impactos ambientais. Esta seria uma forma de evitar a legitimidade expansionista do capitalismo, que se expande de forma insustentável no âmbito do lazer na natureza, constituindo também uma alternativa para evitar que a natureza seja reduzida a apenas um cenário para busca de lucro, desprovido de consciência ambiental. Lamentavelmente, a visão distorcida, superficial e restrita da natureza muitas vezes está presente em eventos esportivos realizados em áreas verdes, pois nem sempre o discurso é coerente com as ações desenvolvidas nesse tipo de proposta.

Apesar de ter sido mencionada, nos depoimentos, uma preocupação com a preservação, sustentabilidade e controle para os mínimos impactos, os profissionais que atuam com atividades de lazer na natureza precisam ir além das dimensões mais incipientes no trato da questão. Embora esses aspectos sejam relevantes, torna-se imprescindível aprofundar conhecimentos sobre essa problemática, buscando intervir de modo a ampliar a conscientização de todos envolvidos quanto à importância de ter uma visão crítica e atitude sobre essa realidade, tão necessária no presente, visando contribuir com um futuro mais sustentável.

A formação dos profissionais investigados não se restringe à formação acadêmica, sendo complementada com dimensões sociais, familiares, culturais, políticas, entre outras. Além disso, a pesquisa revelou que os profissionais foram motivados a atuar neste ramo devido à influência de suas vivências ou experiências anteriores neste âmbito, com ausência de uma formação mais focada nos estudos do lazer. Isso ressalta a importância de buscar conhecimentos mais profundos, consistentes e críticos sobre essa temática.

Nas entrevistas, foi também destacado que a teoria e a prática estiveram presentes ao longo do processo formativo. No entanto, grande parte dos profissionais considera que a prática é mais importante que a teoria. Esse tipo de compreensão está distorcido, pois oculta ou reforça um tipo de conhecimento em detrimento do outro. Todo tipo de conhecimento, até mesmo o técnico, envolve uma teoria, na medida em que ela é imprescindível para que todos os processos sejam colocados em ação. Então, o que está em jogo é um tipo de conhecimento privilegiado pelos entrevistados – o *conhecimento técnico* –, e não necessariamente um tipo específico de relação entre a teoria e a prática, elementos que se encontram dissociados na visão de alguns sujeitos pesquisados. Toda prática tem uma teoria que a fundamenta e vice-versa, portanto, intrinsecamente, elas estão associadas, mesmo quando as pessoas não se dão conta disso. É importante buscar uma complementação entre a formação teórica e as exigências das práticas de esporte e atividades de lazer na natureza de forma articulada, unindo a reflexão com a ação. Apesar de o conhecimento técnico ser de suma importância para o adequado e seguro desenvolvimento dos esportes e atividades de lazer na natureza, isso não

significa que outros saberes ligados ao tema possam ser desconsiderados, pois muitos são essenciais para qualificar a formação/atuação profissional nesse campo.

Contudo, a principal lacuna levantada pelos entrevistados foi a falta de formação gerencial ou administrativa, um aspecto compreensível na medida em que boa parte dos profissionais atua de forma autônoma. Mas, será que além da dimensão técnica, o aspecto gerencial/administrativo é apenas o que falta para qualificar a formação/atuação dos profissionais que atuam com o lazer na natureza? Bustamante e Rangel (2002) destacam a relevância de uma formação reflexiva e abrangente, capaz de ir além do “como” fazer. Nesta pesquisa, entende-se que essa dimensão crítico-reflexiva é tão importante quanto a dimensão técnico-gerencial.

A grande maioria dos entrevistados não estudou ou vivenciou o lazer na natureza durante a formação. No entanto, muitos responderam que a formação possibilitou acesso a conhecimentos para atuar com lazer na natureza, confirmando a visão de que a formação não se restringe à formação acadêmica, como salientou Werneck (1998). O processo formativo possui várias facetas e possibilidades, sendo amplo e autônomo, portanto é fundamental ir além da superficialidade de conteúdos, que é uma lacuna ainda presente no campo de atuação profissional em lazer, em geral.

A falta de aprofundamento também foi caracterizada pela escassez de oportunidades disponíveis para realizar uma formação mais consistente, seja pela oferta restrita de cursos específicos ou de disciplinas que contemplem o lazer na natureza em estabelecimentos de ensino. Isso ocorre mesmo com a diversidade de áreas em que se pode atuar profissionalmente nesse campo, com exceção da graduação em Educação Física, que foi a área citada pelos profissionais como aquela que parece ter maior preocupação em inserir conteúdos focados no lazer na natureza em seus currículos. Outras áreas que dialogam com os conteúdos do lazer poderiam também contribuir de maneira significativa se incluíssem, em seus currículos, atividades acadêmicas relacionadas ao lazer.

Outra dificuldade revelada na pesquisa é que o campo do lazer na natureza enfrenta muitos obstáculos financeiros para quem atua no campo devido à sazonalidade, própria da concentração das atividades nos finais de semana e feriados, além da

dependência do clima. Essa realidade certamente contribui para que o profissional que atua nesse campo acabe exercendo outras atividades profissionais paralelas, seja para complementar ou mesmo para constituir sua renda principal.

Ao finalizar esta dissertação, ressalta-se que as reflexões sobre o tema foram aqui desenvolvidas para serem questionadas e debatidas, pois o tema é incipiente e ainda requer a realização de novos estudos e pesquisas. Assim, a expectativa é que esta investigação seja mais uma contribuição para o estudo da temática do lazer na natureza, auxiliando a construção/consolidação desse campo de atuação profissional. Assim, como muitos aspectos ainda precisam ser pesquisados, espera-se que as lacunas aqui deixadas, bem como os questionamentos gerados, sirvam de inspiração para novas pesquisas.

Retomando o pensamento do Professor Kássio Vinícius Castro Gomes (GOMES, 2009, p. 97), pode-se dizer que os estudos sobre esportes e atividades de lazer na natureza ainda estão na “base da via”. Portanto, essa escalada ainda não terminou, demandando dar continuidade ao trabalho de pesquisa sobre os esportes e atividades de lazer na natureza.

REFERÊNCIAS

ADVENTUREMAG. *Corridas de aventura*. Disponível em: <www.adventuremag.com.br>. Acesso em: 21 ago. 2010.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). *O coordenador pedagógico e o espaço da mudança*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 67-80.

AMARAL, Maria Cristina do. *O desafio da Adventure Sports Fair e o turismo de aventura no Brasil*. In: UVINHA, R. R. (Org.). *Turismo de aventura: reflexões e tendências*. São Paulo: Aleph, 2005. p. 233-245.

ARAÚJO, J. H. R. *Estudos geográficos na prática esportiva*. 2006. 54 f. (Graduação em Geografia e Análise Ambiental) - Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), Belo Horizonte, 2006a.

_____. *Apostila do curso de rapel*. 2006. 18f. (Nota de Aula do Curso de Rapel) - Planetaventuras Cursos e Eventos Esportivos, Belo Horizonte, 2006b.

_____. *Apostila do curso de trekking*. 2006. 14f. (Nota de Aula do Curso de Trekking) - Planetaventuras Cursos e Eventos Esportivos, Belo Horizonte, 2006c.

_____. *Apostila do curso de básico de orientação*. 2006. 9f. (Nota de Aula do Curso Básico de Orientação) - Planetaventuras Cursos e Eventos Esportivos, Belo Horizonte, 2006d.

_____. *Apostila do curso de salvamento em altura e rapel*. 2006. 22f. (Nota de Aula do Curso de Salvamento em Altura e Rapel) - Planetaventuras Cursos e Eventos Esportivos, Belo Horizonte, 2006e.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. Disponível em: <www.abnt.org.br>. Acesso em: 17 jan. 2011.

BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisas de survey*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BAHIA, Mirleide Chaar; SAMPAIO, Tania Mara Vieira. *Lazer na natureza: a formação de grupos praticantes de atividades de aventura no Estado do Pará*. In: VI SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 20 a 22 abr. 2005a, Belo Horizonte. p. 123-128.

BAHIA, Mirleide Chaar; SAMPAIO, Tania Mara Vieira. *Turismo de aventura na região amazônica: desafios e potencialidades*. In: UVINHA, R. R. (Org.). *Turismo de aventura: reflexões e tendências*. São Paulo: Aleph, 2005b. p. 155 – 182.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. *Formação inicial em Educação Física: uma nova epistemologia da prática docente*. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 185-208, set.-dez. 2008.

BARRETO, S. M. G.. Esporte e Saúde. Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC) - Olimpíada Regional de Ciências e Matemática – 2003. *Revista ELE*, 2003. Disponível em: <<http://fisica.cdcc.sc.usp.br/olimpiadas/03/palestras/EsporteeSaude.pdf>>. Acesso em 14 mai. 12.

BECK, Sérgio. Convite à aventura. Publicação Independente, 1994, 208p. In: ARAÚJO, J. H. R.. *Estudos geográficos na prática esportiva*. 2006. 54 f. (Graduação em Geografia e Análise Ambiental) - Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), Belo Horizonte, 2006a.

BECK, Sérgio. *Com unhas e dentes*. Edição do autor, 2ª ed., 2002, 186p.

BETRÁN, Javier O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. In: *Apunt. Educación física y deportes*. Barcelona, n. 41, 1995, p.5-8.

BETRÁN, Javier O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). *Turismo, lazer e natureza*. Barueri: Manole, 2003, p. 157-202.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19. jan./fev./mar./abr. 2002, p. 20-28.

BRUHNS, H. T. Esporte e natureza: a experiência sensível. *Motriz*, Campinas: Unicamp, v. 7, n.1 (Supl), pp. S93-S98, jan.-jun. 2001.

BRÜSEKE, Franz Josef. O problema do desenvolvimento sustentável. 1994. p. 14-20. In: CAVALCANTI (Org.). *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério de Educação, Governo Federal, Recife, 1994.

BUSTAMANTE, Glênia Oliveira; RANGEL, Irene Conceição Andrade. *Por uma vivência reflexiva de lazer*. Rio Claro: Motriz, vol. 8, n. 3, p. 109 – 114, Set/Dez 2002.

CANELA DE EMA. *Complexo ecoturístico canela de ema*. Disponível em <www.canelaema.com.br> Acesso em 07 jun. 2008.

CARVALHAES, Alexandre Freitas *et al.* *Lazer e mercado: concepções e atuação na área do ecoturismo*. In: VI SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 20 a 22 abr.2005, Belo Horizonte. p. 144 - 150.

CAVALCANTI, Clóvis (Org.). *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. 1994. 262p. Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério de Educação, Governo Federal, Recife, 1994. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/brasil/pesqui/cavalcanti.rtf>>. Acesso em: 12 maio 2012.

CHAO, Cheng Hsin Nery. *Desenvolvimento humano no contato com a natureza*. Conexões: educação, esporte, lazer. Campinas (SP): Faculdade de Educação Física da Unicamp, v.1, n. 3, p.42-48, dez/1999.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO - CBO. Disponível em: <www.cbo.org.br>. Acesso em: 17 set. 2010.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE - CNS. *Resolução Nº 196, de 10 de outubro de 1996* (Res. 196/96). Adib D. Jatene - Ministro de Estado da Saúde, 1996.

COPA INTERNACIONAL DE MOUNTAIN BIKE. CIMTB. Disponível em: <<http://www.cimtb.com.br/site/>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

CORRÊA, Evandro Antonio. *O papel do animador sócio-cultural em hotéis de lazer*. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER (ENAREL), 14., 2002, Santa Cruz do Sul. nov. 2002. Disponível em: <http://www.redcreacion.org/documentos/enarel14/Mt_afp07.html>. Acesso em: 15 jul. 10.

_____. *Formação acadêmica e intervenção profissional de Educação Física no âmbito lazer*. Rio Claro: Motriz, v.15, n.1, p.132-142, jan./mar. 2009.

COSTA, Alacides Vieira. Aventura e Ensino Superior: as AFAN como conteúdo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: UVINHA, R. R. (Org.). *Turismo de aventura: reflexões e tendências*. São Paulo: Aleph, 2005. p. 87-102.

DACOSTA, Lamartine (Org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <www.atlasesportebrasil.org.br/textos/355.pdf>. Acesso em 07 jun. 2008.

DIAS, C.; ALVES JUNIOR, E. (Org.). *Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre o esporte, o lazer e a natureza*. Niterói: EdUFF, 2009.

DORNELLES, José Otávio Franco. *O percurso de orientação*. Santa Maria, 2005. 40p.

DRUMMOND, Adriana de França. *A formação inicial do terapeuta ocupacional: estudos dos currículos do curso de terapia ocupacional/UFMG*. 1999. 210f. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

DURAND, José Carlos. Lazer cultura e profissão. In: MARCELLINO, N. C. *Lazer: formação e atuação profissional*. Campinas: Alínea, 2008. p. 55-62.

ENSINAS, Vicente Gomes; TORRES, Jesús Luna; SANZ, Pedro P. Zorrilla. *Orientación – la actividad física y deportiva extraescolar en los centros educativos*. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1996. 255p.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Manual de Campanha C21 – 26. *Leitura de cartas e fotografias aéreas*. Brasília: Estado Maior do Exército, 1980. 2. ed.

_____. Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx). *Orientação*. Rio de Janeiro: 2002. CD-ROM.

FERREIRA, Luiz Fabiano Seabra. *Corridas de aventura: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza*. 2003. 151f. (Dissertação de Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FIGUEIREDO, Pedro Osmar Flores de Noronha; ALMEIDA, Dulce Filgueira de. Educação e formação dos trabalhadores do programa esporte e lazer na cidade. In: NERI, Ana Amélia. et. al. (Org.). *Política, lazer e formação*. Brasília: Thesaurus, 2010. 5 p. 97-116.

FREIRE, João Batista; PEREIRA, Victor Barreto Costa. Percepções e significados nas caminhadas ecológicas. *Revista Digital - Buenos Aires*, Ano 10, n. 80 – jan. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd80/caminha.htm>>. Acesso em: 15 nov. 11.

GOMES, C. L.; MELO, V. A. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. Porto Alegre: *Revista Movimento*, v. 9, n.1, p. 23-44, jan./abr. 2003.

GOMES, C. L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. 1. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 238 p.

_____. *Lazer trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 151p.

_____. Ocio, recreación e interculturalidad desde el “Sur” del mundo: desafíos actuales. In: *Revista Polis*. n. 26, 2010. Universidad Bolivariana, Santiago. Disponível em: <<http://www.revistapolis.cl/polis%20final/26/art09.htm>>. Acesso em 27 out. 2010.

_____. Lazer e formação profissional: Saberes necessários para qualificar o processo formativo. In.: FORTINI, Janice Lúce Martins; GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo. *Desafios e perspectivas da educação para o lazer*. Belo Horizonte: SESC/Otium, 2011, p. 33-45.

GOMES, Christianne; PINTO, Leila. O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. 2009. p. 67-122. In: Gomes, Christianne; et al (Org.). *Lazer na América Latina*, 2009.

GOMES, Kássio Vinicius Castro. *A Escalada em Belo Horizonte - MG: um estudo sobre a constituição do subcampo esportivo da escalada e as transformações do habitus*. 2009. 121f. (Dissertação de Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2009.

INSTITUTO ESTRADA REAL. IER. Disponível em: <<http://site.er.org.br//index.php/apresentacao/index/4>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

ISAYAMA, H. F. Formação profissional, 2004. p. 93-96. In: GOMES, C. L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Um olhar sobre a formação profissional no lazer. *Licere*, Belo Horizonte: UFMG, v. 8, n.1, p. 11-19, 2005a.

_____. *Formação profissional em lazer: um panorama sobre a realidade brasileira*. Cali: IV SIMPOSIO NACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y FORMACIÓN EN RECREACIÓN (FUNLIBRE), 2005b. Disponível em: <<http://www.redcreacion.org/documentos/4SIF.html>>. Acesso em 02 nov. 2010.

ISAYAMA, H. F.; SILVA, A. G.; LACERDA, L. L. L. Por onde caminham as pesquisas sobre formação e atuação profissional em lazer no Brasil? 2011. p. 165-178. In: ISAYAMA, H. F.; SILVA, Silvio Ricardo da. (Orgs.). *Estudos do lazer: um panorama*. Rio de Janeiro: Sport:História, 2011.

JATOBÁ, Sérgio Ulisses S.; CIDADE, Lúcia Cony F.; VARGAS, Glória Maria. Ecologismo, ambientalismo e ecologia política: diferentes visões da sustentabilidade e do território. 2009. In: *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 24, n. 1, jan./abr. 2009, p. 47-87.

LAURO, Flávio Antonio Ascânio; DANUCALOV, Marcello Árias Dias. O elemento aventura no meio universitário: a formação acadêmica pelos esportes de prancha, 2005, p. 103-136. In: UVINHA, R. R. (Org.). *Turismo de aventura: reflexões e tendências*. São Paulo: Aleph, 2005.

LAVILLE, Christian. DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LICERE - *Revista do programa interdisciplinar de mestrado em lazer - CELAR*, Escola de Educação Física da UFMG - Belo Horizonte: UFMG, v. 1 n.1 de 1998 até v. 14, n. 3 de 2011. Disponível em: <<http://www.eeffto.ufmg.br/licere/home.html>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

LÜDKE, M.. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

_____. O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/atuação profissional. In: *LICERE*. Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 2000, p. 125-133.

_____. *Lazer e sociedade: múltiplas relações*. Campinas: Alínea, 2008.

MARINHO, Alicyane. *Uma relação sensível entre natureza e sociedade*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 21 (1), set. 1999. p.757-760, 1999a.

_____. Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza. In: *Conexões educação, esporte e lazer*. Unicamp, v.1, n.3, p.33-41, dez/1999b.

_____. *Natureza, tecnologia e esportes: novos rumos*. In: *Conexões educação, esporte e lazer*. Unicamp, 1999c, p. 60-69.

_____. *Lazer e esportes na natureza*. In: II SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 2001, Belo Horizonte. *Natureza – Cenário ou Parceira?*, 11-13 maio 2001, p. 37-33.

_____. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. In: *Motrivivência*. Ano XVI, n. 22, jun. 2004, p. 47-69.

MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). *Turismo, lazer e natureza*. Barueri: Manole, 2003.

MELLO, Luiz Antonio Castro de. *Desporto orientação: ferramenta pedagógica para a educação*. 2004. 73f. (Dissertação de Mestrado em Educação) - Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Três Corações, 2004.

MELO, Marcelo Paula de. *Disciplinas Esportivas na formação profissional em educação física: questões para o lazer*. In: III SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 6 a 8 jun. 2002, Belo Horizonte, p. 136 – 144.

MELO, Victor Andrade de Melo. A cidade, o cidadão, o lazer e a animação cultural. In: *LICERE*. Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p.82-92, 2003.

MINAS TREKKING. *Circuito mineiro de trekking*. Disponível em: <<http://www.mgtrekking.com.br>>. Acesso em 05 jun. 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em 28 jan. 2012.

NAZARI, J. Rappel: na perspectiva vertical. *Revista Digital* - Buenos Aires - Año 11 - N° 106 – Marzo, 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd106/rappel-na-perspectiva-vertical.htm>>. Acesso em 23 dez. 2011.

OLEIAS, Valmir José. *Conceito de lazer*, UFSC, s.d.. Disponível em: <<http://www.cds.ufsc.br/~valmir/cl.html>>. Acesso em: 29 jan. 2012.

PAJUELO, Jesús García. *Guía práctica para escuelas del deporte de la orientación*. Chiclana, Espanha: 1999. Wanceulen Editorial Desportiva.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati. *Corrida de orientação: esporte e ferramenta pedagógica para o ensino*. Três Corações: Excelsior, 2004. 220p.

PILATTI, Dilamar. *Orientação: um esporte para todos*. Cascavel, 1999. Apostila. 106p.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; SCHWARTZ, Gisele Maria; PEREIRA, Laércio Elias. Sistematização e juízo crítico da produção em livros: bibliografias temáticas do lazer. Maringá: *Revista da Educação Física (UEM)*, v. 19, n. 1, p. 23-31, 1. trim. 2008.

PINHEIRO, Rodrigo Reszka. Um estudo sobre o perfil dos profissionais de lazer e recreação de Florianópolis. *Licere*, Belo Horizonte: UFMG, v. 8, n.2, p. 132-144, 2005.

PLANETAVENTURAS. *Cursos e eventos de aventura*. Disponível em: <www.planetaventuras.com.br>. Acesso em 05 jun. 08.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MUCURICI. Disponível em: <http://www.mucurici.es.gov.br/ver_noticia.php?id=62> . Acesso em 12 nov. 11.

RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira. Revendo a atuação do profissional do lazer nos acampamentos de férias. *Licere*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 97-107, 2006.

RIBEIRO, Silvia Regina. *Perspectivas de atuação do profissional de educação física: perfil de habilidades no atual contexto de mercado e formação inicial*. In: XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2008. Disponível em : <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosCEGLU/CEGLU1695_01_A.pdf>. Acesso em 12 ago. 2011.

RODRIGUES, Cae; SILVA, Robson A. da. *Encontros contemporâneos entre lazer e educação ambiental: um possível caminho para a educação ambiental pelo lazer*. 2011. p. 9-24. In: *LAZER E SOCIEDADE – Lazer e Ambiente: propostas, tendências e desafios*. São Paulo: EACH/USP: Aleph, 2011.

ROOS, Anderson L. *Pesquisa sobre perfil de corredores de aventura*, 2003. Disponível em: <www.adventuremag.com.br/enq_comp.php>. Acesso em: 07 jun. 2008.

ROSA CRISTINO, Ana Paula da; KRUG, Hugo Norberto. Um olhar crítico-reflexivo sobre a formação continuada de professores de educação física da rede municipal de Santa Maria (RS). Porto Alegre: *Movimento*, v. 14, n. 1, p. 63-84, jan.-abr. 2008.

SATOSHI, Fábio. *A história do mountain bike: como tudo começou*. Portal Webventure, 2000. Disponível em: <<http://www.webventure.com.br/bike/n/a-historia-do-mountain-bike---como-tudo-comecou/105/secao/bike>>. Acesso em: 03 jan. 2012.

SERRANO, C. M. T.; BRUHNS, H. T. (Org.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e meio ambiente*. Campinas: Papirus, 1997.

SOARES, Elaine Daniela Ferreira; MACHADO, Agostinho Jairo Santos. Perfil do atleta de mountain bike da cidade de Ipatinga-MG. *Revista on-line Unileste*. Ipatinga, Vol 2, jul./dez., 2004. Disponível em: <http://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/02/downloads/artigo_20.pdf> Acesso em: 02 jan. 2012.

STOPPA, Edmur Antonio. *et al. A produção do conhecimento na área do lazer: uma análise sobre as temáticas formação e atuação profissional nos anais do Enarel de 1997 a 2006*. *Licere*, Belo Horizonte: UFMG, v. 13, n.2, jun. 2010. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV13N02_a3.pdf>. Acesso em: 03 out. 2011.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. *A formação do profissional da educação: o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no curso de educação física*. 1993. 276f. (Tese de Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 1993.

TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida. Buenos Aires: *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 8, n. 58, mar. 2003. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd58/avent.htm>. Acesso em: 30 set. 2007.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, n.13, p. 5-24, jan.-abr. 2000.

TRILHARTE. *Trilharte fotografia e aventura*. Disponível em <<http://www.trilharte.com.br/dicas-de-caminhada.html>>. Acesso em 14 nov. 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

UVINHA, R. R. (Org.). *Turismo de aventura: reflexões e tendências*. São Paulo: Aleph, 2005a.

UVINHA, R. R. *Os esportes de aventura e sua interface com o turismo e o lazer*. Piracicaba: Revista Impulso, v. 16, n. 39, p. 149-151, 2005b.

UVINHA, R. R. Viagens de aventura: o turismo e os esportes radicais. In: DIAS, C.; ALVES JUNIOR, E. (Org.). *Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre o esporte, o lazer e a natureza*. Niterói: EdUFF, 2009, p. 73- 82.

VILLAVERDE, Sandoval. Refletindo sobre lazer/turismo na natureza, ética e relações. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). *Turismo, lazer e natureza*. Barueri: Manole, 2003, p. 53-73.

WERNECK, C. L. G.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. *Lazer e mercado*. Campinas: Papyrus, 2001.

WERNECK, C. L. G. Lazer e formação profissional na sociedade atual: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. *Licere*, Belo Horizonte: UFMG, v. 1, n.1, p. 47-65, 1998.

_____. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

_____. *O lazer na sociedade contemporânea: via de diferenciação entre classes e grupos sociais ou estratégias de mobilização e engajamento político*. In: ANAIS III SEMINÁRIO "O LAZER EM DEBATE". Belo Horizonte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, 2002, p.30-34.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Carta encaminhada aos profissionais selecionados

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: A Formação de Profissionais que atuam com Esportes e Atividades de Lazer na Natureza no entorno da cidade de Belo Horizonte/MG

O Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais está realizando este estudo coordenado pela Profa. Dra. Christiane Luce Gomes, contando com a participação do mestrando Jeyller Henrique Rosa de Araújo.

O objetivo geral da pesquisa é analisar a formação de sujeitos responsáveis pela gestão, condução e organização de esportes e atividades de lazer na natureza, no entorno de Belo Horizonte/MG. Para alcançar tal objetivo participarão da pesquisa pessoas voluntárias que sejam profissionais que atuam com lazer na natureza definidos para a investigação.

O estudo contará com pesquisa bibliográfica e com a realização de entrevistas semi-estruturadas com os(as) voluntários(as) previamente definidos(as).

As entrevistas serão realizadas pessoalmente pelo mestrando, em local, data e horário definidos em comum acordo, entre o voluntário e o pesquisador.

As despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade do mestrando e não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários. Todos os dados serão mantidos no Centro de Estudos em Lazer e Recreação (CELAR) e somente os pesquisadores responsáveis terão acesso a estas informações, que serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa. Os voluntários estarão livres para se recusarem a participar ou retirar seu consentimento, sem penalização ou prejuízos quaisquer.

Havendo a necessidade de mais explicações, os voluntários terão total liberdade para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir antes e durante o curso da pesquisa, com os pesquisadores pelo telefone (31) 3409-2335. Além disso, também poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG), localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - telefone (31) 3409-4592.

Este estudo poderá contribuir para que haja um aprofundamento de conhecimentos acerca da relação constituída entre a formação e a atuação de profissionais no mercado de trabalho que envolva o lazer na natureza. Além disso, poderá auxiliar no preenchimento de algumas lacunas e contribuir com novas reflexões e questionamentos para as áreas envolvidas, tendo-se em vista que existem poucos estudos que envolvem discussões acerca desta temática. Por isso a participação de pessoas na coleta de dados é tão importante.

Desde já agradecemos a compreensão e a voluntariedade,

Dra. Christiane Luce Gomes
Professora orientadora da pesquisa

Jeyller Henrique Rosa de Araújo
Mestrando

Via para arquivo/ Colegiado do Mestrado em Lazer – EEFETO/UFMG

Eu, _____, aceito participar da pesquisa intitulada “**A formação de profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza no entorno da cidade de Belo Horizonte/MG**”, realizada por pesquisadores do Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

Portanto, livremente dou o meu consentimento para a realização da coleta de dados.

Local e data: _____, ____ de _____ de 2010.

Assinatura do voluntário

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista semiestruturada

Dados do Voluntário:

1. Dia, horário e local de realização da entrevista;
2. Nome do voluntário (Será omitido na pesquisa);
3. Nível de escolaridade/nome do curso/ano de conclusão;
4. Coleta do Currículo do voluntário.

Roteiro:

- Em qual(is) vivência(s) de lazer na natureza atua profissionalmente? O que o levou a escolher essa(s) atividade(s)?
- Houve alguma influência de sua formação teórico-prática sobre sua atividade profissional?
- Durante sua formação, teve oportunidade de estudar/vivenciar lazer na natureza? A partir de quais experiências? Como se qualificou para atuar com lazer na natureza?
- Como articulou teoria e prática no seu processo formativo? Quais as implicações dessa relação na sua atuação?
- Sua formação lhe transmitiu conhecimentos necessários sobre lazer para o desempenho e desenvolvimento de sua atividade profissional? De que forma?
- Em sua Graduação ou Especialização, havia disciplinas relacionadas ao lazer na natureza? Qual(is)?
- Relacionando sua atividade profissional com sua formação, houve alguma lacuna em sua formação que lhe proporcionou alguma dificuldade profissional?
- O que você pensa da natureza no contexto de sua atividade profissional?
- Qual a sua concepção de lazer?
- Você sentiu necessidade de complementar sua formação para disponibilizar lazer na natureza para os seus clientes?
- Após sua vivência profissional, qual(is) disciplina(s) ou necessidades teóricas ou práticas em seu entendimento seria(m) a(s) mais adequada(s) e/ou necessária(s) para o desempenho profissional com o lazer na natureza?
- Gostaria de expressar sua opinião no que se refere à sua formação e atuação profissional que não tenha sido abordada durante esta entrevista?